



VCDU AMRIGS

V CONGRESSO DO DEPARTAMENTO UNIVERSITÁRIO DA AMRIGS



**COMISSÃO ORGANIZADORA DO EVENTO
DEPARTAMENTO UNIVERSITÁRIO (DU)**

Presidente:

Samira Mohamad Bjaige Collins

Vice-presidente:

Nathallie Appel

Diretores:

Amanda Gualarte Gomes

Jeremias Antônio Lago

Giovanni Cândido Volino

Amaly Yuki Falk Tanaka

Felipe Ferraz

Vitória Capoani Andressa

Beskow Guilherme Ritter

Colaboradores:

Ísis Drummond,

Gean Scherer

Débora Scariot

Marcus Vinícius Sehl Ferreira

Alessandra Rosiak

Caroline de Oliveira

Alexsander Bergenthal Leivas Barboza

Claiane Vitória Teza

Gabriely Pansera

Thayla Schweig Kuffe

Bruna Duarte, Beatriz Wustro Tonini

Mariana da Costa Salecker

Nadine Kinetz Funck

Sophia Pascotto

Mariana Sachett

Mizaéli da Silva Rodrigues

Lucas Vignatti Floriani

Matheus Machado Rech

Victória Ribeiro

Monique Trevisan

Thalia Michele Vier Schmitz

Rony Kafer Nobre

Laura Graciano

Marina Becker Klein

Laís Teixeira Borchardt

Giulia Felipetto Pozzobon

Yuri Oliveira Bonatto

Thalisson Francisco Finamor da Silva

Rafaela Manetti Geisler

Marina Curi Carvalho

Thalys Augusto Menegazzo Trombetta

Cristina Callon

Guilherme Michelin Milan

Jordana Dal-Bem Prates

Marcelo João Hildebrando

Luiz Eduardo Dameda

Patrícia Cota Lima, Franciele Leão

Laura Fink Wayerbacher

Avaliadores:

Amauri Dalla Corte

César Silveira

Cíntia Natalia Liberato de Souza

Cristian Weber

Francisco Arsego

Gabriela Bem

Henrique Nascimento

Jucinei Santos de Arruda

José Adolfo Cerveira

Juliana Avila Duarte

Juliana da Rosa Wendt

Juliane Lobato Flores

Magda Patrícia Furlanetto

Mariana Menegon de Souza

Neiva Baldissera

Paulo Peroni Pellin

Renato Antonio Sommer

Solane de Fatima Mohd Suleiman Shama

Suzane Maria Cazeiro Serafim Prola

Vitor Feuser da Rosa

ANAIS DO V CONGRESSO DO DEPARTAMENTO UNIVERSITÁRIO DA ASSOCIAÇÃO MÉDICA DO RIO GRANDE DO SUL

O V Congresso do Departamento Universitário da Associação Médica do Rio Grande do Sul (V CDU AMRIGS) foi realizado no ano de 2023 pelo Departamento Universitário da Associação Médica do Rio Grande do Sul (DU AMRIGS). O Congresso manteve a proposta original de oferecer um evento realizado por acadêmicos e para acadêmicos.

Em 2023, o evento ocorreu de forma híbrida, de forma presencial e virtual, abordando temáticas dentro das vivências do acadêmico de medicina e visando contemplar assuntos essenciais para a formação médica e para o período durante a formação e após a conclusão de curso. O intuito principal, não só durante o Congresso, mas inserido nos objetivos centrais do DU AMRIGS, é promover a abordagem de conhecimentos que nem sempre são contemplados pelas grades curriculares das Faculdades de Medicina brasileiras.

O DU AMRIGS está ciente do potencial de transformação da sociedade que a pesquisa científica possui. Além disso, tem-se conhecimento da força dos acadêmicos de Medicina e dos inúmeros resultados que a pesquisa universitária gaúcha vem demonstrando.

Dessa forma, o V CDU AMRIGS recebeu mais de 100 trabalhos científicos, estimulando a produção da pesquisa gaúcha em diversas áreas da Medicina. Assim, o DU AMRIGS parabeniza os autores pelos trabalhos e publica os Anais do V CDU AMRIGS, com os 61 trabalhos aprovados e avaliados pela nossa Comissão.

Gratos pelo sucesso do V CDU AMRIGS,

Comissão Organizadora.

Resumos

SUMÁRIO

ÁREA: CLÍNICA CIRÚRGICA.....	8
A APLICABILIDADE DA TOXINA BOTULÍNICA COMO TERAPIA DE DISTÚRBIOS MICCIONAIS	
Elizandra Andréia Woyciekoski; Lourenço Bitencourt Sartori; Eduarda Henn; Isadora Zen Bitencourt; Ana Carolina Melero de Paula; Fernando Gonzalez Maciel; Paulo Roberto Laste.....	8
RELAÇÃO DO PROGNÓSTICO DO PACIENTE E A EFICÁCIA DA CIRURGIA SEGURA	
Carla Cristani, Geórgia Souza Matias, Gabriela Uberti, Eloize Feline Guarneri, Luisa dos Santos Maciel, João Matas Kern; João Vicente Velho Tiebtöhl.....	8
APLICAÇÃO DA CIRURGIA ROBÓTICA NOS PROCEDIMENTOS DE UROLITÍASE	
Júlia Beatriz da Silva Furtado; Leonardo Vieira Bublitz; Tales Mateus Rachor; Ana Carolina Melero de Paula; Beatriz Cassel Corrêa; Eduarda Henn; Paulo Roberto Laste.....	9
DIFERENÇAS DE GÊNERO RELACIONADAS ÀS ÁREAS CIRÚRGICAS: A SUB-REPRESENTAÇÃO DE MULHERES NA CIRURGIA.	
Mariana Torves, Caroline Saldanha, Emily Bordini, Laura Diniz, Alessandra Borba.....	9
EPIDEMIOLOGIA DO CÂNCER COLORRETAL	
Júlia Beatriz da Silva Furtado; Ana Carolina Melero de Paula; Isadora Zen Bitencourt; Beatriz Cassel Corrêa; Eduarda Henn; Lourenço Bitencourt Sartori; Paulo Roberto Laste.....	10
EXISTE ASSOCIAÇÃO ENTRE O USO DE IMPLANTES MAMÁRIOS TEXTURIZADOS E O LINFOMA ANAPLÁSICO DE GRANDES CÉLULAS?	
Andreza Hernandez Riva; Beatriz Gomes Cardinal; Isabella Ribeiro Fabricnei; Luana Freitas Gomes; Christopher Heling; Bárbara Müller Czopko; Susana Fabíola Mueller.....	11
INSERÇÃO DA MULHER NA CIRURGIA: DESAFIOS E MOTIVOS PARA A NÃO FORMAÇÃO DE CIRURGIÃS NO BRASIL	
Júlia Martins da Silva Duarte; Jordana Medeiros Pasinato; Manoela Uggeri Menezes; Rafaela Jucá Lindner; Alessandra Borba.....	11
TAXA DE MORTALIDADE DE PACIENTES SUBMETIDOS A PROCEDIMENTOS CIRÚRGICOS EM CARÁTER DE URGÊNCIA NO RIO GRANDE DO SUL ANÁLISE DESCRITIVA.	
Luiza De Gregori Dutra; Julia Bertagnoli Elesbão; Carolina Furtado de Oliveira; Felipe André Marasca.....	12
OS EFEITOS DA CIRURGIA PLÁSTICA E A ANÁLISE DE SATISFAÇÃO PESSOAL EM PACIENTES MASTECTOMIZADAS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA	
Carolina Furtado de Oliveira, Rhaíssa Gabriela Maciel Pithan da Silva, Bárbara Salvati Grellmann, Julia Bertagnoli Elesbão, Isabel Luísa Rosenbach, Luiza de Gregori Dutra, Valentim Pizzoni.....	12
UTILIZAÇÃO DE MEMBRANA AMNIÓTICA COMO ALOENXERTO EM GRANDES QUEIMADOS: UMA REVISÃO DE LITERATURA	
Brenda Kipper Eidt; Christopher Heling; Bárbara Müller Czopko; Luana Freitas Gomes; Eduarda Airoidi de Mello; Helena Brasil Terres; Susana Fabíola Mueller.....	13
ÁREA: CLÍNICA MÉDICA.....	14
EXPLORANDO A POTENCIAL LIGAÇÃO ENTRE INFERTILIDADE MASCULINA E INFECÇÃO POR COVID-19	
Elizandra Andréia Woyciekoski; Leonardo Vieira Bublitz; Tales Mateus Rachor; Ana Carolina Melero de Paula; Isadora Zen Bitencourt; Lourenço Bitencourt Sartori; Paulo Roberto Laste.....	14
ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DOS ÓBITOS POR NEOPLASIA MALIGNA DE LARINGE NOS ÚLTIMOS 11 ANOS	
Gabriela Uberti; Eduarda Morari Jeske; Carla Cristani; Luize de Moraes Fritzen; Pietra Przybylski de Brum; Júlia Cypriano Tomasiak; Eduardo Walker Zettler.....	14
TUBERCULOSE HEPÁTICA - SINAIS E SINTOMAS ASSOCIADOS	
Carla Cristani, Luize de Moraes Fritzen, Monique Fonini Trevisan, Nathalia Aline Walker Lago, Afonso Alencar de Souza Seganfredo, Eduardo Walker Zettler.....	15
UMA ANÁLISE COMPARATIVA DO VALOR DOS SERVIÇOS HOSPITALARES RELACIONADOS A REUMATOLOGIA NOS ÚLTIMOS 5 ANOS NAS MACRORREGIÕES DE SAÚDE DO RIO GRANDE DO SUL	
Julia Bertagnoli Elesbão; Felipe Vicente Ferraz; Daniel Luis Zanchet.....	15
PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE INTERNAÇÕES POR TIREOTOXICOSE NO PERÍODO DE 2012 A 2022 NO BRASIL	
Carlos Eduardo Gasparetto, Carla Cristani, Monique Fonini Trevisan, Amanda Jardim Simon, Fernanda Press, Jéssica Kirjner, Eduardo Walker Zettler.....	16
ANOMALIA DE EBSTEIN: DEFEITO CARDÍACO CONGÊNITO RARO DA VÁLVULA TRICÚSPIDE ASSOCIADO A OUTRAS DOENÇAS	
Carmela Quaini Bresolin, Bárbara Bianchi, Julia Zyger Camozzato, Leandro Gritti.....	17
CÂNCER DE ESTÔMAGO E A ASSOCIAÇÃO COM OBESIDADE: REVISÃO NARRATIVA	
Felipe Vicente Ferraz; Alessandro Theisen Fischer.....	17
CARCINOMA RENAL DE CÉLULAS CLARAS COM TRANSFORMAÇÃO SARCOMATOSA: UMA REVISÃO DE LITERATURA	
Laryssa Bortoncello de Aguiar; Kizelly Cláudia Matte; Martha Héllen Tremêa da Silva; Ketlyn Guadagnin, Rafaela Kirchner Piccoli.....	18
CRIPOTORQUIDIA COMO FATOR PREDISPONENTE PARA ORIGINAR TUMOR TESTICULAR DE CÉLULAS GERMINATIVAS	
Nathalie Appel dos Santos; Isabella Stivanin Lacerda; Marieli Manica Pozzer; Taís Eduarda Rosso Staziaki; Luiz Mauricio Rodrigues; Rafaela Kirchner Piccoli.....	18
INTOLERÂNCIA A HISTAMINA: NOVIDADE ENTRE AS INTOLERÂNCIAS ALIMENTARES	
Anna Flávia Meira Rosa; Candice Franke Krumel; Gabriela dos Santos Diehl; Victória Ribeiro; Bruna Eduarda Hochscheidt, Amanda Gabriela Wachter Motta, Ingrid Pilz.....	19

INTOLERÂNCIA À LACTOSE E SUAS MANIFESTAÇÕES EXTRA-INTESTINAIS

Bruna Eduarda Hochscheidt; Candice Franke Krumel; Amanda Gabriela Wachter Motta; Ingrid Pilz, Larissa Orci Corrêa, Larissa Rodrigues, Caroline Wallau Fontana.20

DIAGNÓSTICO DE DIARRÉIA POR MÁ-ABSORÇÃO DE SAIS BILIARES: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Larissa Orci Corrêa; Caroline Wallau Fontana; Larissa Rodrigues; Anna Flávia Meira Rosa; Gabriela dos Santos Diehl; Victória Ribeiro; Candice Franke Krumel.....20

O HIPOTIREOIDISMO ASSOCIADO À HIPERCOLESTEROLEMIA

Carmela Quaini Bresolin, Luiz Carlos Chicota21

SEDENTARISMO E OBESIDADE: AVALIAÇÃO DO RISCO CARDIOVASCULAR EM ADULTOS BRASILEIROS

Paula Seixas Sallaberry Brião; Nicolas Rocha Avila; Rafaella Zanetti Maximi-
la; Pamela Christine Campelo Kohn21

TUMOR DESMOPLÁSICO DE PEQUENAS CÉLULAS REDONDAS, UMA NEOPLASIA DE DIFÍCIL DIAGNÓSTICO

Helen Luiza Bledow Rozin; Alexia Amanda Pinheiro; Karol Bade Sonda;
Ana Mercedes Bianchi Tessari; Rafaela Kirchner Piccoli22

ÁREA: DIAGNÓSTICO POR IMAGEM23

REVISÃO DA LITERATURA: USO DO DOPPLER TRANSCRANIANO NO MANEJO E NA PREVENÇÃO DA DOENÇA CEREBROVASCULAR ISQUÊMICA

Carlos Eduardo Gasparetto; Eduarda Morbach; Gabriela Fleck Santos; João Fajer Millman; Luiza Costa Gomes, Diego Sgarabotto Ribeiro23

ÁREA: EDUCAÇÃO MÉDICA23

EFETIVIDADE DE UM CURSO PRÁTICO DE SUTURAS PARA EVOLUÇÃO DAS HABILIDADES EM TÉCNICA OPERATÓRIA DE ACADÊMICOS DE MEDICINA

Eduardo Rockenbach Fidéls¹, Isabela Fachinneto Thoen, Gabriela Pereira Macelaro, Pedro Henrique Filipin Von Muhlen, Pedro Henrique Paesi Dutra, Ana Carolina Gonçalves Castelo, Mariana Angelica Berardi Cioffi23

RELEVÂNCIA DE ATIVIDADES PRÁTICAS EXTRACURRICULARES PARA APRIMORAMENTO DO CONHECIMENTO EM CONDUTAS DE URGÊNCIA E EMERGÊNCIA POR ESTUDANTES DE MEDICINA.

Gabriel Fiorio Grando, Vinícius Kayser, Isabela Fachinneto Thoen, Yasmin de França, Ana Carolina Gonçalves Castelo, Roberta Rahal de Albuquerque24

RELATO DE EXPÊRIÊNCIA: MONITORIA ACADÊMICA COMO INSTRUMENTO DE COOPERAÇÃO MÚTUA ENTRE O CORPO DISCENTE E DOCENTE

Natalia Alini Haubenthal; Gisandra de Fátima Stangherlin; Kelly de Oliveira Harada.25

LIGA ACADÊMICA DE CLÍNICA MÉDICA COMO POTENCIAL DISSEMINADORA DO COMBATE À VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E DE GÊNERO: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Kelen Lize Biazzi; Rilary Silva Sousa; Renata Assoni da Silva; Maria Lúcia Romio Moi; Maria Fernanda Burgel Stefani; Alan Christmann Fröhlich...25

ÁREA: EPIDEMIOLOGIA26

ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DAS INTERNAÇÕES POR HIPERPLASIA DA PRÓSTATA NOS ÚLTIMOS 11 ANOS

Eloize Feline Guarnieri; Aleff Kury Berthier; Arthur Moretto Marques; Antônio Carlos Ared; Mirella de Campos Andrade; Carlos Teodósio da Ros.....26

CARACTERÍSTICAS DAS INTERNAÇÕES POR DIABETES POR REGIÃO, IDADE E COR DA PELE, BRASIL/2022

Júlia Cypriano Tomasiak; Gabriela Uberti; Monique Fonini Trevisan; Carolina Decó Marques da Silva; Luiza Ranzi da Costa; Eloize Feline Guarnieri; Elson Romeu Farias.....27

PERFIL DA PREVALÊNCIA DA LEISHMANIOSE TEGUMENTAR AMERICANA NO BRASIL E NO RIO GRANDE DO SUL: UM ESTUDO DESCRITIVO E RETROSPECTIVO.

Daniela Vargas de Souza Crusius; Amanda Martins Fagundes; Bárbara Francesca Brandalise Bassani; Gabriela Furtado de Oliveira; Juliana Barros Rodrigues; Renan Rangel Bonamigo27

ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DAS INTERNAÇÕES POR NEOPLASIA MALIGNA DA BEXIGA NOS ÚLTIMOS 11 ANOS

Gabriela Uberti; Victoria de Souza Nogueira; Luiza Sangalli; Felipe Sousa Silva; Gabriela Reinheimer Daiello; Isadora Saurin Ritterbusch; João Alberto Barreto Bemfica28

ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DOS ÓBITOS POR NEOPLASIA MALIGNA DE MAMA NOS ÚLTIMOS 11 ANOS

Gabriela Uberti; Vanessa Feistauer; Lídia Carvalho dos Santos; Marina Gianisella; Laura Milena Dressler; Anna Clara Ries Winck; Marcelo Marsillac Matias28

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DA VARICELA, EM CRIANÇAS DE ATÉ 5 ANOS, ENTRE OS ANOS 2015-2021, NO RIO GRANDE DO SUL E SUA RELAÇÃO COM A COBERTURA VACINAL

Eloize Feline Guarnieri, Andressa Pricila Portela, Gabriela Fleck Santos, Alice Fernandez de Almeida Previtali, Giovanna Rocha Garcia, Cristiano do Amaral de Leon29

ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DA INCIDÊNCIA DE NEOPLASIA MALIGNA DA PRÓSTATA NOS ÚLTIMOS 10 ANOS NO BRASIL, COM ENFOQUE NA REGIÃO SUL

Aleff Kury Berthier; Arthur Moretto Marques; Eloize Feline Guarnieri; João Alberto Barreto Bemfica.....30

ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DAS INTERNAÇÕES POR ESQUIZOFRENIA, TRANSTORNOS ESQUIZOTÍPICOS E DELÍRIUM NO RIO GRANDE DO SUL NOS ÚLTIMOS 5 ANOS

Eduardo Rockenbach Fidéls, Yasmin de França, Vinícius Kayser, Ana Terezinha Konzen, Heitor Vieira Rodrigues, Ana Carolina Gonçalves Castelo, Willian Pegoraro Kus30

ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DAS INTERNAÇÕES POR PNEUMONIA EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES NOS ÚLTIMOS 11 ANOS

Eloize Feline Guarnieri; Gabriela Uberti; Carla Cristani; Joice Krunt; Luisa Maciel dos Santos; Vinícius Visioli de Vargas; Eduardo Walker Zettler.31

APLICAÇÃO DO TESTE DE LOG-RANK: INTERPRETAÇÃO DE CURVAS DE SOBREVIVÊNCIA EM ENSAIOS CLÍNICOS ONCOLÓGICOS FASE III

Mizaéli da Silva Rodrigues; Samira Mohamad Bjaige Collins; Cynthia Rocha Dullius.31

ANÁLISE DO PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DOS PACIENTES INTERNADOS POR INFARTO AGUDO DO MIOCÁRDIO NA REGIÃO SUL DO BRASIL

Gabriel Fiorio Grando, Vinícius Kayser, Yasmin de França, Heitor Vieira Rodrigues, Ana Carolina Gonçalves Castelo, Felipe Jorge Marques Carvalho Da Costa, Mariana Angelica Berardi Cioffi.....32

INFECÇÃO PELO VÍRUS HIV EM IDOSOS NO RIO GRANDE DO SUL: UM ESTUDO ECOLÓGICO

Alice Wichrestiuik D'Arisbo; Vanessa Feistauer; Pedro Henrique Consorte, Lisiane Cervieri Mezzomo, Ademar da Silva Mesquita Junior.....33

ANÁLISE DO PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DOS PACIENTES INTERNADOS POR INSUFICIÊNCIA CARDÍACA NA REGIÃO SUL DO BRASIL

Gabriel Fiorio Grando, Yasmin de França, Vinicius Kayser, Heitor Vieira Rodrigues, Ana Carolina Gonçalves Castelo, Roberta Rahal de Albuquerque33

PANORAMA EPIDEMIOLÓGICO DAS INTERNAÇÕES PELO MAL DE ALZHEIMER NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL NOS ÚLTIMOS 5 ANOS

Eduardo Rockenbach Fidélis, Vinícius Kayser, Isabela Fachinneto Thoen, Yasmin de França, Theodora Garcia Furtado, Gabriela Pereira Macelaro, William Pegoraro Kus.....34

PERCEÇÃO DOS ESTUDANTES DO PET-SAÚDE GESTÃO E ASSISTÊNCIA 2022/2023 ACERCA DO MONITORAMENTO EPIDEMIOLÓGICO DA COVID-19 NA ESF LÍDIA, SANTA MARIA, RS

Felipe Vicente Ferraz; Luiza Tassinari Vianna; Poliheny Martins da Silva; Sharon da Silva Martins; Francielle Liz Monteiro.....34

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DA TUBERCULOSE NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL DE 2018 A 2022

Guilherme Augusto Ritter; Júlia Fochezatto Panisson; Andrielle Oliveira de Almeida; Thiago Crocoli Balbinot; Râmi Augusto Portolan Lorandi; Brenda Batista Pedroso; Viviane Raquel Buffon35

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE PACIENTES COM TUBERCULOSE MULTIRRESISTENTE NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL NO PERÍODO DE 2012 A 2022

Karoline Baldiati de Souza, Aline Speransa Marques, Ana Paula Garcia Reis, Andressa Grizon da Costa, Bárbara Caetano Piuco, Carolina de Oliveira de Farias, Simone De Leon Martini.....36

TENDÊNCIAS NA QUALIDADE DE SONO DE ACADÊMICOS DE MEDICINA DAS UNIVERSIDADES GAÚCHAS

Eduarda Marques de Brum; Amanda Gularte Gomes; Carlos Henrique Ramires François.....36

TAXA DE MORTALIDADE POR INFARTO AGUDO DO MIOCÁRDIO POR SEXO SEGUNDO COR/RAÇA

Samira Mohamad Bjaige Collins; Mizaéli da Silva Rodrigues; Marcelo Rava de Campos.....37

ÁREA: GINECOLOGIA E OBSTETRÍCIA.....37

ABDOME AGUDO HEMORRÁGICO EM GINECOLOGIA: REVISÃO INTEGRATIVA

Felipe Vicente Ferraz; Julia Bertagnoli Elesbão; Cássia dos Santos Wippel.....37

ABORDAGEM DE SANGRAMENTO EM MULHERES PÓS MENOPAUSA

Verônica Kasper; Márcio Pedroso Saciloto.....38

ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DAS INTERNAÇÕES POR ENDOMETRIOSE NOS ÚLTIMOS 10 ANOS

Flávia Vasconcellos Peixoto; Gabriela Uberti; Júlia Cypriano Tomasiak; Isadora Queiroz Rezende; Júlia Fassbinder Vidal; Lídia Carvalho dos Santos; Marcelo Marsillac Matias.....39

ANÁLISE DOS DIAGNÓSTICOS CITOPATOLÓGICOS DE COLO UTERINO EM PACIENTES MENORES DE 25 ANOS: UM ESTUDO DESCRITIVO E RETROSPECTIVO.

Daniela Vargas de Souza Crusius; Luiza Hessler; Rhauani Iara Lourenço Lopes; Vivian Bilieri de Almeida; Amanda Nichele; Raquel Muck Terra; Nicole Seger Cunegatti.....39

O IMPACTO DA TERAPIA HORMONAL NA SAÚDE DAS MULHERES NA MENOPAUSA

Ana Paula Orsolin; Ana Clara Bergamo; Nathan Gabriel Pies; Marcelo Matias ... 40

ÁREA PSQUIATRIA.....40

DOENÇAS INFLAMATÓRIAS INTESTINAIS E DEPRESSÃO: O QUE HÁ DE NOVO? UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA.

Maria Clara da Silva Mena Barreto; Luísa Barbiero Dutra; Bárbara Salvati Grellmann; Carina Rodrigues Boeck.....40

RELAÇÃO ENTRE O USO DE AGROTÓXICOS EM LAVOURAS E A DEPRESSÃO

Bárbara Francesca Brandalise Bassani; Andrei Leonardo Schuster e Paulo Roberto Cardoso Consoni41

ÁREA PEDIATRIA.....41

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DA ENCEFALITE VIRAL NO BRASIL NOS ANOS DE 2019 A 2022: EXPLORANDO NÚMEROS DE INTERNAÇÕES E IMPACTO NOS GASTOS HOSPITALARES

Flávia Vasconcellos Peixoto; Eduarda Pasini Dein; Anna Carolina Santos da Silveira; Júlia Bortolini Roehrig; Eloize Feline Guarnieri; Cristiano do Amaral de Leon 41

CONTORNOS DA HIPERESTIMULAÇÃO EM PRÉ-TERMOS ADMITIDOS NA UTI NEONATAL

Nathalie Appel dos Santos; Julia Helena Lautert; Artur Zucolotto Keller; Simone Zeni Strassburger42

ÁREA OFTALMOLOGIA.....43

GLAUCOMA: O DESAFIO DO DIAGNÓSTICO PRECOCE E MEDIDAS PREVENTIVAS EFETIVAS

Simone Muncinelli Julio; Neimah Maruf Ahmad Maruf Mahmud; Caroline da Silva Nemitz, Gabriela Becker Issi, Laura Taicher Correa da Silva, Islam Maruf Ahmad Maruf Mahmud.....43

ÁREA NEUROLOGIA43

ATAXIA DE FRIEDREICH: UM OLHAR INDIVIDUALIZADO

Carmela Quaini Bresolin, Felipe dos Santos Moysés43

O USO DE CANABIDIOL E DELTA-9-TETRA-HIDROCANABINOL NA SÍNDROME DE GILLES DE LA TOURETTE: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Bárbara Francesca Brandalise Bassani; Andrei Leonardo Schuster e Paulo Roberto Cardoso Consoni.....44

Anais do V Congresso do Departamento Universitário da Associação Médica do Rio Grande do Sul

Resumos

ÁREA: CLÍNICA CIRÚRGICA

A APLICABILIDADE DA TOXINA BOTULÍNICA COMO TERAPIA DE DISTÚRBIOS MICCIONAIS

Elizandra Andréia Woyciekoski¹; Lourenço Bitencourt Sartori²; Eduarda Henn²; Isadora Zen Bitencourt²; Ana Carolina Melero de Paula²; Fernando Gonzalez Maciel²; Paulo Roberto Laste⁷

¹ Autor Principal: Graduação de Medicina da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC);

² Coautor: Graduação de Medicina da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC);

³ Orientador: Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC).

Contato: Elizandra Andréia Woyciekoski / elizandrawoyciekoski@gmail.com

Introdução: A toxina botulínica é oriunda da bactéria *Clostridium botulinum*, é tóxica e causadora do botulismo humano. Em quantidades pequenas, porém, pode ser utilizada de forma terapêutica. Esta toxina atua bloqueando a acetilcolina na junção neuromuscular e induzindo a paralisia do tecido muscular. Dito isto, o botox é mundialmente utilizado em afecções que fazem parte de um grupo denominado de disfunções do trato urinário ou disfunções miccionais. **Objetivo:** Abordar o botox como terapêutica em disfunções miccionais e sua eficácia, embasado em dados coletados e analisados das referências utilizadas. **Metodologia:** Realizou-se uma revisão de literatura mediante busca exploratória nas plataformas PubMed e UpToDate, com os descritores “toxina botulínica”, “tratamento” e “trato urinário”, elegendo publicações que datavam do ano de 2020 até os dias atuais. Foram selecionadas 5 produções, todas em inglês. Aquelas que não atenderam ao objetivo da revisão foram descartadas, bem como aquelas de título e conteúdo discrepantes. **Revisão de literatura:** A aplicação da toxina no detrusor, para tratar bexiga hiperativa, demonstra melhora de mais da metade dos pacientes, com uma variação de 59,3% a 66% nos estudos analisados, sobretudo se houver repetição da aplicação, podendo elevar a taxa de eficácia em cerca de 87%. Apesar disso, não representa um benefício à taxa de filtração glomerular. Ademais, os achados que abordam a injeção botulínica na uretra, mostram que pacientes com disfunção vesical têm maior sucesso terapêutico, com taxa de 76,6%, se comparados aos que possuem disfunção do esfíncter uretral, com percentual de 50% de sucesso, em média. O tratamento para disfunções miccionais apresenta, comprovadamente, consequências benéficas em poucos dias, incluindo diminuição da frequência e da urgência urinárias, além de melhora da incontinência urinária. Os efeitos são temporários, sendo necessária a repetição do procedimento para manutenção dos resultados. A toxina botulínica é geralmente segura, porém, em

certos casos, pode apresentar efeitos adversos como dor local, hematoma, infecção do trato urinário e retenção urinária temporária. **Conclusão:** Observou-se que a toxina botulínica é eficaz na melhora dos sintomas urinários na maioria dos pacientes com disfunção miccional quando comparada às outras modalidades de tratamento. No entanto, é importante considerar que o uso da substância no trato urinário também apresenta algumas limitações, incluindo o risco de efeitos colaterais, como a potencial fraqueza muscular e as infecções do trato urinário.

Palavras-chave: sistema urinário; terapêutica; toxinas botulínicas.

RELAÇÃO DO PROGNÓSTICO DO PACIENTE E A EFICÁCIA DA CIRURGIA SEGURA

Carla Cristani¹, Geórgia Souza Matias², Gabriela Uberti², Eloize Feline Guarnieri², Luisa dos Santos Maciel², João Matas Kern²; João Vicente Velho Tietböhl.³

¹ Autor Principal: Graduação de Medicina da Universidade Luterana do Brasil - Canoas/RS;

² Coautor: Graduação de Medicina da Universidade Luterana do Brasil - Canoas/RS;

³ Orientador: Universidade Luterana do Brasil - Canoas/RS;

Contato: Carla Cristani / carlacristani@rede.ulbra.br

Introdução: A assistência cirúrgica tem sido um componente essencial da assistência em saúde pelo mundo por quase um século. À medida que as incidências de injúrias traumáticas, cânceres e doenças cardiovasculares continuam a aumentar, o impacto da intervenção cirúrgica nos sistemas de saúde pública crescerá. A Organização Mundial da Saúde (OMS), mostrou diversos estudos que evidenciavam e comprovavam que as infecções de sítio cirúrgico (ISS's) são o tipo de infecções relacionadas à assistência à saúde (IRAS) mais frequente no mundo, independente da renda média e do desenvolvimento do país. Com isso, foram identificados muitos fatores que contribuíram para o risco de ISS's e, conseqüentemente, do paciente ao longo do procedimento cirúrgico. Dessa forma, a prevenção dessas infecções é extremamente necessária e requer a integração de uma série de medidas preventivas antes, durante e após a cirurgia. Por isso, a OMS e a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), juntamente com outras organizações voltadas à saúde, definiram medidas para que as cirurgias fossem cada vez mais seguras para salvar mais vidas e, por isso, foram sendo gradativamente adotados meios adicionais de segurança para que as cirurgias desenvolvessem menos consequências negativas possíveis. Nesse contexto, a Cirurgia Segura estabelece uma meta para os próximos anos de queda da mortalidade em virtude de ISS39;s, assim, criaram o “checklist da cirurgia segura” pois, resultados positivos foram

percebidos, além de novos métodos para melhorar esse cenário gradativamente. **Objetivo:** Analisar estudos publicados sobre o prognóstico dos pacientes em relação aos métodos de cirurgia segura. **Metodologia:** Revisão sistemática realizada por pesquisa, em 25 de julho de 2023, nas bases de dados: MEDLINE/PubMed, LILACS, SciELO e Organização Mundial da Saúde (OMS). Utilizada estratégia de busca: cirurgia segura; desfechos da cirurgia segura e infecções do sítio cirúrgico. Excluídos artigos publicados antes de 2015. Incluídos os seguintes tipos de estudos: coorte, retrospectivos e transversais, que abordassem a relação entre o prognóstico do paciente após o checklist da cirurgia segura. A busca totalizou 11 artigos sendo que 3 destes compõem a presente revisão. **Resultados:** É perceptível que o “Checklist” da cirurgia segura ajudará a assegurar que as equipes sigam de maneira consistente as etapas críticas de segurança e, assim, minimizem os riscos evitáveis mais comuns que colocam em risco a vida e o bem estar dos pacientes cirúrgicos. Segundo a OMS, em 2004 esse “Checklist” foi colocado em prática e foram estudados 7.688 pacientes divididos em dois grupos, sendo antes da aplicação do “checklist”; (3.733 pacientes) e após a aplicação do mesmo. As operações foram realizadas nas cidades de Boston, Seattle (USA), Toronto, Londres, Nova Delhi, Auckland, Aman, Manilha e Jakarta (Tanzânia). Em 2009, 5 anos depois, já foi possível colher os primeiros resultados, sendo avaliados apenas dois parâmetros, grandes complicações e mortalidade. As grandes complicações foram reduzidas de 11% para 7%, significando uma queda significativa de 36% e a mortalidade caiu de 1% para 0,8%, totalizando uma queda de 47%. **Conclusão:** A implementação do “Checklist” da cirurgia segura mostra-se efetiva para melhorar os altos índices de IRAS, sobretudo de infecções de sítio cirúrgico pelo mundo. Porém, isto não é possível sem o comprometimento dos administradores dos hospitais, dos gestores de políticas públicas das organizações profissionais e ministérios da saúde e dos médicos cirurgiões e sua equipe. É preciso que a própria direção do hospital dê o exemplo, usando o “Checklist” em seus casos cirúrgicos e discutindo regularmente com as outras instituições de saúde, em relação à implementação e aos resultados.

Palavras-chave: Cirurgia; Infecção de Sítio Cirúrgico; Prognóstico.

APLICAÇÃO DA CIRURGIA ROBÓTICA NOS PROCEDIMENTOS DE UROLITÍASE

Júlia Beatriz da Silva Furtado¹; Leonardo Vieira Bublitz²; Tales Mateus Rachor²; Ana Carolina Melero de Paula²; Beatriz Cassel Corrêa²; Eduarda Henn²; Paulo Roberto Laste³.

¹ Autor Principal: Graduação de Medicina da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC);

² Coautor: Graduação de Medicina da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC);

³Orientador: Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC);

Contato: Júlia Beatriz da Silva Furtado/ juliabfurtado11@gmail.com

Introdução: A litíase renal, também conhecida como nefrolitíase ou urolitíase, é um distúrbio que possui uma epidemiologia complexa, variando pela etnia, hábitos e localização geográfica. É consenso de que há um risco de aproximadamente 10 a 15% para homens e 7% para mulheres de desenvolverem um cálculo, com

50% de chance de recorrência em 10 anos. Aumento da ingestão de fluidos, medidas dietéticas, farmacoterapia e intervenções cirúrgicas são os métodos mais empregados para tratamento, destacando-se atualmente o desenvolvimento de técnicas com cirurgia robótica. **Objetivo:** Discutir sobre os pormenores do procedimento cirúrgico robótico de urolitíase abordar a viabilidade de aplicação desses métodos. **Metodologia:** Realizou-se uma pesquisa bibliográfica nas bases de dados UpToDate e PubMed com os descritores “cirurgia robótica” e “urolitíase”. Foram selecionadas cinco publicações relevantes ao tema, a partir de 2019 e que atenderam ao objetivo. **Revisão de literatura:** Atualmente percebe-se um aumento da prevalência de nefrolitíase na população, fazendo com que o aprimoramento de técnicas cirúrgicas seja de extrema importância para a melhora da efetividade dos procedimentos, o que pode ser obtido com técnicas robóticas. O tratamento cirúrgico para a litíase renal, uma doença com formação de pedras de sais (oxalato ou fosfato de cálcio, principalmente), teve um grande crescimento desde a década de 1970, quando as cirurgias abertas foram sendo substituídas pelas minimamente invasivas, como a ureteroscopia, nefrolitotomia percutânea e a laparoscopia. Desde 1999, quando ocorreu a primeira cirurgia robótica para litíase renal, o uso desse método foi aumentando consideravelmente e atualmente vem sendo combinado principalmente com a laparoscopia na cirurgia intrarrenal retrógrada. O uso de sistema robótico parece ser mais seguro ao paciente, com maior precisão e confiabilidade em atividades repetitivas durante a cirurgia, apresenta resultados clínicos semelhantes aos outros métodos, melhora a ergonomia do cirurgião e evita a sua exposição a raios X, desde que haja o treinamento adequado para o manuseamento dos aparelhos. Ademais, diversas tecnologias novas estão sendo implementadas, o que aumenta o escopo e a gama de uso dessa ferramenta, como visualização tridimensional em tempo-real, o desenvolvimento de nano-robôs e de dispositivos mecânicos miniaturizados, os quais irão se apresentar como alternativas ainda menos invasivas no futuro e se tornarão a próxima geração no tratamento de urolitíase. **Conclusão:** De fato, a maioria dos pacientes com pedras renais ou ureterais ainda são tratadas com intervenções endourológicas modernas, já que os dispositivos robóticos cirúrgicos apresentam limitações, como a falta de disponibilidade e o custo elevado, sendo utilizados quando as outras opções de tratamento são inadequadas ou em circunstâncias particulares que dificultam seu uso. Contudo, os sistemas robóticos estão cada vez mais substituindo as operações laparoscópicas e abertas na cirurgia de litíase renal, e evidências indicam benefícios em relação aos tratamentos existentes. Entende-se que existe uma perspectiva, especialmente no campo da cirurgia endourológica, de uma mudança em direção ao uso de dispositivos robóticos. Necessita-se mais estudos controlados e prospectivos para verificar o benefício dessa tecnologia para o tratamento da urolitíase.

Palavras-chave: epidemiologia; procedimentos cirúrgicos robóticos; urolitíase.

DIFERENÇAS DE GÊNERO RELACIONADAS ÀS ÁREAS CIRÚRGICAS: A SUB-REPRESENTAÇÃO DE MULHERES NA CIRURGIA.

Mariana Torves¹, Caroline Saldanha², Emily Bardini², Laura Diniz², Alessandra Borba³

¹Autor Principal: Graduação de Medicina da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS);

² Coautor: Graduação de Medicina da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS);

³ Orientador: Médica mastologista (especialista em cirurgia de mama) e professora do curso de Medicina da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS);

Contato: Mariana Torves / Marianatorvest@gmail.com

Introdução: Desde as origens da medicina, a cirurgia tem sido tradicionalmente associada à figura masculina, sendo percebida como uma ocupação demandante de força física e esforço árduo. Embora as mulheres constituam a maioria dos acadêmicos nas faculdades de medicina, o estereótipo masculino tem alimentado uma persistente desigualdade de gênero na área, refletindo a escassez de representatividade feminina nos campos cirúrgicos. Tal cenário pondera os desafios que as mulheres ainda precisam enfrentar para alcançar posições cirúrgicas de destaque e de liderança. **Objetivo:** Um dos objetivos desta revisão literária é evidenciar a persistente desigualdade de gênero que permeia a educação cirúrgica, apesar do número crescente de estudantes de medicina do sexo feminino no Brasil. Ademais, se quer entender as limitações e os fatores que influenciam médicas a abdicarem do âmbito cirúrgico. **Metodologia:** O presente estudo utilizou como método a revisão de literatura da base de dados eletrônicos do PUBMED e estudos relacionados a cirurgia, liderança feminina, diferença de gênero e educação médica, utilizando os seguintes descritores: (Surgery) AND (Women) AND (Leadership) AND (Education) AND ("Gender Equality"), com o propósito de identificar e eleger os artigos relevantes alinhados com o tema e objetivos da revisão. Foram colhidos dados estatísticos extraídos da Associação Médica Brasileira (ABM) sobre o número estimado de médicas no Brasil. **Resultado:** De acordo com a Associação Médica Brasileira (AMB), atualmente há um aumento exponencial do número de estudantes de medicina do sexo feminino no Brasil, o que reflete futuramente em mais médicas mulheres, cerca de 50,2% em 2024. Todavia, embora tenhamos o cenário supracitado, observa-se que ainda há uma grande discrepância de gênero no âmbito cirúrgico, visto que somente 10-20% das mulheres representam uma força de trabalho em tal área. Outrossim, há um desencorajamento das mulheres para seguirem na área cirúrgica em decorrência de questões familiares, longas jornadas de trabalho e abdicação de tempo pessoal. No que tange a diferença de gênero na cirurgia, convém destacar a sub-representação de mulheres em cargos de liderança em departamentos cirúrgicos, já que apesar de estarem em maior número e avançarem aos poucos para as áreas cirúrgicas, comumente dominadas por homens, há uma menor probabilidade de promoção, prestígio, liderança e menores salários para mulheres cirurgiãs quando comparados à homens cirurgiões em mesma posição de atuação. Por fim, convém salientar que a discriminação de gênero e o assédio sexual são fatores que influenciam na escolha de uma atuação profissional, já que alunas de cirurgia geral são mais propensas a sofrerem assédio sexual, e, por conseguinte, desencorajadas a seguir uma carreira cirúrgica. **Conclusão:** Torna-se evidente que o preconceito contra a figura feminina na área cirúrgica é uma realidade incontestável ainda presente no século XXI. Com isso, a crescente presença de mulheres na medicina, embora represente um avanço significativo, ainda não se reflete de maneira igualitária no ambiente cirúrgico, visto que a discriminação de gênero, o assédio na carreira cirúrgica, a cultura patriarcalista ainda estão presentes e, por muitas vezes, são negli-

genciados. Portanto, urge a necessidade de se criar um ambiente mais inclusivo, respeitoso e acolhedor para essas mulheres que tanto fazem à sociedade. Isso não pode ser apenas mais uma utopia.

Palavras-chaves: cirurgia geral, cirurgiã, atuação feminina, equidade de gênero.

EPIDEMIOLOGIA DO CÂNCER COLORRETAL

Júlia Beatriz da Silva Furtado¹; Ana Carolina Melero de Paula²; Isadora Zen Bitencourt²; Beatriz Cassel Corrêa²; Eduarda Henn²; Lourenço Bitencourt Sartori² Paulo Roberto Laste.³

¹ Autor Principal: Graduação de Medicina da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC);

² Coautor: Graduação de Medicina da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC);

³ Orientador: Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC).

Contato: Júlia Beatriz da Silva Furtado / juliabfurtado11@gmail.com

Introdução: O câncer colorretal (CCR) é caracterizado por ser uma neoplasia maligna recorrente em todo o mundo. A sua incidência varia conforme a região e o desenvolvimento socioeconômico do país, sendo mais prevalente em países desenvolvidos. Dentre os fatores de risco para desenvolver a doença, destacam-se: predisposição genética, histórico familiar, presença de pólipos intestinais, doenças inflamatórias intestinais, diabetes mellitus, consumo de álcool e tabaco, hábito alimentar e sedentarismo. O quadro clínico apresenta-se conforme o estágio da doença. **Objetivo:** Realizar uma revisão epidemiológica atualizada do câncer colorretal (CCR) em homens e mulheres, em virtude da alta prevalência da doença na população. **Metodologia:** Selecionaram-se publicações datadas a partir de 2021, em língua inglesa e relevantes ao tema, por meio de uma pesquisa bibliográfica realizada nas bases de dados *PubMed* e *UpToDate* com os descritores “câncer colorretal” e “epidemiologia”. Para epidemiologia brasileira, utilizou-se uma análise retrospectiva de dados nos institutos nacionais de pesquisa. **Revisão de literatura:** Em 2020, o CCR representou 10% dos novos casos de câncer no mundo, atingindo mais de 1,9 milhões de pessoas e sendo o terceiro mais incidente, além de ter sido o quinto que mais matou neste mesmo ano, com 576858 casos letais. Em relação ao sexo, o CCR foi o segundo e o terceiro mais incidente nas mulheres e nos homens, respectivamente; no entanto, em números absolutos, as taxas de incidência e mortalidade foram substancialmente maiores no sexo masculino, no ano de 2020. No Brasil, consoante dados do Instituto Nacional de Câncer, ao excluir o câncer de pele não melanoma, o CCR foi o segundo mais incidente em ambos os sexos, representando 9,2% (21970 novos casos) dos casos de câncer nos homens, e 9,7% (23660 novos casos) dos casos de câncer nas mulheres, em 2022. Já em relação ao número de mortes nacionais ocasionadas pela doença, totalizaram-se mais de 20 mil casos letais em 2020. Dentre esses casos, 9889 óbitos foram registrados em homens, o que representa 8,4% dos óbitos masculinos de câncer, e 10356 mortes foram relacionadas às mulheres, número equivalente a 9,6% dos óbitos femininos de câncer naquele ano. Nota-se que a prevalência do câncer colorretal (CCR) no contexto brasileiro revela uma divergência em relação aos parâmetros globais, manifestando-se mediante a predomi-

nância do sexo feminino nas taxas de incidência e mortalidade. Referente à sintomatologia, mais de 86% dos indivíduos diagnosticados com tal enfermidade antes dos 50 anos apresentam manifestações sintomáticas, abrangendo alterações no trânsito intestinal, hematoquezia, melena, quadros anêmicos e desconforto abdominal. Entretanto, é válido ressaltar que a maioria dos pacientes com CCR, quando em estágio inicial, não exterioriza sintomatologia associada, sendo detectado somente com programas de rastreamento médico. **Conclusão:** Observou-se, a nível mundial, uma alta incidência de CCR, sendo mais predominante no sexo masculino. No Brasil, o CCR apresenta um número expressivo de novos casos, além de ser ligeiramente mais incidente e letal nas mulheres. Ademais, é importante considerar que o quadro clínico é manifestado conforme o estágio da doença, sendo o estágio inicial geralmente assintomático.

Palavras-chave: epidemiologia; neoplasias; neoplasias colorretais hereditárias sem polipose.

EXISTE ASSOCIAÇÃO ENTRE O USO DE IMPLANTES MAMÁRIOS TEXTURIZADOS E O LINFOMA ANAPLÁSICO DE GRANDES CÉLULAS?

Andreza Hernandez Riva¹; Beatriz Gomes Cardinal²; Isabella Ribeiro Fabricinei²; Luana Freitas Gomes²; Christopher Heling²; Bárbara Müller Czopko²; Susana Fabíola Mueller³.

¹ Autor principal: Graduação de Medicina da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC);

² Coautor: Graduação de Medicina da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC);

³ Orientador: Cirurgiã plástica docente da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC);

Contato: Andreza Hernandez Riva / andrezahriva@hotmail.com

Introdução: O BIA-ACL (Breast Implant-Associated Anaplastic Large Cell Lymphoma) é um tipo raro de linfoma recentemente descoberto e possivelmente associado aos implantes mamários texturizados. Em 2011, o Food and Drug Administration (FDA) identificou uma possível relação entre implante mamário e o desenvolvimento desse tipo de tumor, mas, apenas em 2016 a Organização Mundial da Saúde (OMS) ratificou em suas diretrizes a doença como um linfoma de células T associado a implantes mamários. **Objetivo:** Verificar qual a relação existente entre o uso de implantes mamários texturizados e o desenvolvimento do Linfoma Anaplásico de Grandes Células, sua epidemiologia, fisiopatologia e possíveis condutas. **Metodologia:** Revisão sistemática de literatura realizada nas bases de dados PubMed e SciELO utilizando os descritores “Breast Implantation” e “Anaplastic Large Cell Lymphoma” com o operador booleano AND e seus descritores referentes em português. Foram incluídas obras publicadas nos últimos 5 anos com textos gratuitos disponíveis na sua íntegra. Obras em duplicidade, que não mostravam relevância no tema ou que não respondiam à questão definida foram excluídas. Assim, 21 trabalhos foram selecionados e discutidos ao longo do texto. **Revisão de literatura:** Foi encontrada uma incidência variando entre 2,8:100.000 a 1:3 milhões de pacientes com implantes mamários. A exata fisiopatologia do BIA-ALCL é incerta. O desenvolvimento desse tumor é provavelmente um processo complexo que envolve vários fatores incluindo o cres-

cimento do biofilme bacteriano, a superfície do implante texturizado, a resposta imune, a geração de um estado inflamatório crônico local e a genética do paciente. A teoria fisiopatológica mais aceita é a de que os implantes mamários com maior área de superfície levariam a formação de maior biofilme por maior adesão bacteriana gerando inflamação crônica mais proeminente, levando ao gatilho para a transformação maligna das células T. Os dados coletados corroboram para a teoria de que não há uma relação direta de causa e efeito entre os implantes mamários e o desenvolvimento do BIA-ALCL, podendo estes ser considerados somente como fatores de risco e não agentes causadores. Apesar da grande importância de se conversar sobre o risco desse tumor com os pacientes, mais de 75% dos cirurgiões não o explicam durante a consulta pré-operatória. A FDA não recomenda a remoção dos implantes mamários, mas aconselha as mulheres a fazerem esse monitoramento. **Conclusão:** Não há nenhum dado até o presente momento que justifique qualquer mudança de postura ou intranquilidade por parte das pacientes portadoras desses implantes e as informações revistas nesta análise devem auxiliar na ampliação de estudos acerca da fisiopatologia dessa complicação das próteses mamárias. Além disso, tais informações devem reiterar o dever dos cirurgiões plásticos de informar às pacientes antes do procedimento a existência dessa patologia e sua incidência; além de, estando a sua média de manifestação em 10 anos, programarem, além do exame físico minucioso das mamas, a orientação de que qualquer sintomatologia distinta das esperadas, acarretará na necessidade de investigação com exames complementares. Esta revelação de riscos é uma forma de respeito à autonomia do paciente e o consentimento informado tem consequências práticas e morais positivas para a prática da cirurgia plástica.

Palavras-Chave: Linfoma Anaplásico de Grandes Células. Implante Mamário. Complicações Pós-Operatórias.

INSERÇÃO DA MULHER NA CIRURGIA: DESAFIOS E MOTIVOS PARA A NÃO FORMAÇÃO DE CIRURGIÃS NO BRASIL

Júlia Martins da Silva Duarte¹; Jordana Medeiros Pasinato²; Manoela Uggeri Menezes²; Rafaela Jucá Lindner²; Alessandra Borba³.

¹ Autor Principal: Graduação de Medicina da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS);

² Coautor: Graduação de Medicina da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS);

³ Orientador: Médica Mastologista; Professora do curso de Medicina da UNISINOS.

Contato: Júlia Martins da Silva Duarte / juhduarte27@gmail.com

Introdução: Na história da medicina, é notória a dominação masculina e a constante luta feminina a fim de alcançar os direitos de exercer a profissão médica. No Brasil, foi apenas no final do século XIX que as faculdades começaram a aceitar que mulheres cursassem medicina, pois era considerado inadequado e imoral que elas viessem a trabalhar e estudar. Nos anos de 1949 a 1968, apenas 10% dos alunos de medicina eram mulheres. Porém, de acordo com a Demografia Médica 2020, realizada pela Universidade de São Paulo (USP) e pelo Conselho Federal de Medicina (CFM), a participação feminina ativa na área médica dobrou

entre 2000 e 2020, evidenciando uma feminização da medicina. Entretanto, ao contrário do crescente número de mulheres profissionalmente ativas na medicina, as especializações cirúrgicas ainda se encontram com grande predominância masculina – cerca de 20% dos profissionais especializados em cirurgia geral são do sexo feminino. Por conseguinte, é levantada uma indagação a respeito dos motivos que levam as mulheres a não buscarem habilitação profissional nas especialidades cirúrgicas, com as razões variando entre causas pessoais a problemas que podem vir a serem encontrados profissionalmente. **Objetivo:** Esta revisão narrativa tem como objetivo expor as razões subjacentes pelas quais existe uma disparidade entre o número absoluto de médicas com especialização cirúrgica e a feminização da Medicina, sendo, também, discutida a importância da mulher no campo cirúrgico e a necessidade de mudanças para a solução da assimetria encontrada. **Metodologia:** A metodologia utilizada nesta revisão narrativa envolveu uma busca nas bases de dados acadêmicas Pub-Med e Scielo. Foram utilizados os seguintes descritores: (“Women surgeons” OR “Women in medicine”) AND (“Gender disparity in surgery”), para identificar e selecionar artigos pertinentes com o tema e objetivos do estudo, a fim de realizar uma revisão literária sobre o assunto. **Resultado:** Após a análise das informações selecionadas, foram levantadas como possíveis razões pelas quais as mulheres não se encontram atraídas às especialidades cirúrgicas são: a extensa carga horária, pressão do ambiente cirúrgico, preconceito de colegas e pacientes, falta de incentivo durante a formação acadêmica e a dificuldade de conciliar a vida privada com a pessoal. A respeito destes fatores, cerca de 49,3% das médicas acreditam que, para que ocorra o sucesso profissional, é necessário abdicar de escolhas pessoais – como construir uma família e ter filhos –, aproximadamente 40% relaciona a não escolha da área cirúrgica à extensa carga horária demandada. Além disso, cerca de 88% das médicas acreditam que há machismo por parte de seus colegas do sexo masculino – entorno de 20% dos cirurgiões acreditam que as cirurgiãs não são tão capazes quanto eles, com cerca de 57% desses acreditando que o baixo número de mulheres cirurgiãs não é um problema a ser solucionado. **Conclusão:** Consoante com os fatos expostos, fica evidente que as mulheres sofrem mais com as expectativas pertinentes ao seu sexo no ambiente profissional, ocorrendo um desfavorecimento na inserção de médicas na área cirúrgica. De tal forma, mesmo que as mulheres representem o maior número de profissionais atualmente formados na medicina, elas ainda se encontram em menor número nas especialidades cirúrgicas, com os principais motivos do seu baixo interesse sendo relacionados com a difícil conciliação da sua vida profissional com a pessoal, o machismo presente neste mercado de trabalho e a inflexibilidade da alta carga horária. Sendo assim, deve ocorrer uma reforma dos paradigmas do cenário cirúrgico, de modo que a discrepância entre os sexos nesta área seja superada e que aconteça a plena inclusão das mulheres.

Palavras-chave: Feminismo. Cirurgia. Brasil.

TAXA DE MORTALIDADE DE PACIENTES SUBMETIDOS A PROCEDIMENTOS CIRÚRGICOS EM CARÁTER DE URGÊNCIA NO RIO GRANDE DO SUL ANÁLISE DESCRITIVA.

Luiza De Gregori Dutra¹; Julia Bertagnoli Elesbão²; Carolina Furtado de Oliveira²; Felipe André Marasca³.

¹ Autor Principal: Acadêmica de Medicina da Universidade Franciscana;

² Co-autores: Acadêmica de Medicina da Universidade Franciscana;

³ Orientador: Médico Cirurgião do Aparelho Digestivo, Docente do Curso de Medicina da Universidade Franciscana.

Contato: Luiza De Gregori Dutra / luizagutra2@gmail.com

Introdução: A mortalidade cirúrgica é uma medida da qualidade assistencial. O óbito cirúrgico é definido como pacientes que morreram durante o procedimento anestésico-cirúrgico ou em até sete dias após o procedimento. A probabilidade de ocorrência de óbito e complicações em pacientes cirúrgicos é dependente das condições fisiológicas do paciente no pré-operatório, o tipo de procedimento, caráter da admissão e desempenho do hospital, como experiência das equipes cirúrgicas, volume cirúrgico, qualidade das equipes interdisciplinares e disponibilidade de recursos. A maior taxa de mortalidade ocorre nas cirurgias de urgência, com maior incidência na especialidade de neurologia e cirurgia geral. A Sociedade Brasileira de Cirurgia Geral desempenha um papel fundamental ao promover diretrizes e práticas médicas atualizadas, contribuindo para redução da mortalidade cirúrgica. **Objetivo:** Analisar e descrever os dados referentes a taxa de mortalidade bruta dos pacientes submetidos a procedimentos cirúrgicos em caráter de urgência no sistema público do estado do Rio Grande Do Sul em um ano. **Metodologia:** Trata-se de um estudo transversal, descritivo, retrospectivo realizado com dados referentes ao número de óbitos e taxa de mortalidade cirúrgica de urgência no estado do RS. Os dados foram obtidos e estão disponibilizados no Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS), e são referentes ao período de maio de 2022 a maio de 2023. A coleta de dados foi feita no mês de agosto de 2023. **Resultado:** Segundo os dados coletados, houve 5.498 óbitos de pacientes submetidos a procedimentos cirúrgicos de urgência no RS no último ano, correspondente a uma taxa de mortalidade de 2,84%. Desse total, as maiores taxas de mortalidade ocorreram no serviço de cirurgia torácica (13,49%), seguido da neurocirurgia (9,68%), cabeça e pescoço (9,14%), aparelho circulatório (3,84%) e aparelho digestivo (3,82%). **Conclusão do trabalho:** A partir dos dados analisados, é importante ressaltar que, apesar da taxa de mortalidade ser significativa em determinadas especializações, a complexidade do procedimento e a história clínica do paciente influenciam nos percentuais destacados. Além disso, a diminuição nos investimentos ligados à cirurgia relaciona-se com a mortalidade, pois a falta de recursos, de profissionais especializados em determinadas localidades e na subnotificação de óbitos influenciam diretamente no Sistema Único de Saúde (SUS).

Palavras-chave: taxa de mortalidade; mortalidade cirúrgica, cirurgia de emergência.

OS EFEITOS DA CIRURGIA PLÁSTICA E A ANÁLISE DE SATISFAÇÃO PESSOAL EM PACIENTES MASTECTOMIZADAS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Carolina Furtado de Oliveira¹, Rhaissa Gabriela Maciel Pithan da Silva², Bárbara Salvati Grellmann², Julia Bertagnoli Elesbão², Isabel Luísa Rosenbach², Luiza de Gregori Dutra², Valentim Pizzoni³

¹ Autor principal: Graduação em Medicina pela Universidade Franciscana

² Co-autores: Graduação em Medicina pela Universidade Franciscana

³ Orientador: Médico cirurgião plástico graduado pela Universidade de Brasília (UNB)

Contato: Carolina Furtado de Oliveira / carolinafurtadodeoliveira@outlook.com

Introdução: O câncer de mama é uma das neoplasias que mais acomete as mulheres no Brasil. Existem algumas linhas de tratamento para essa patologia, uma delas é a mastectomia, procedimento em que é realizada a retirada parcial ou total da mama de acordo com a necessidade do quadro. Conforme a paciente, pode ser um evento traumático por abordar questões tanto sociais quanto emocionais. Dessa maneira, afeta não somente a parte fisiológica da mulher, como também a autoestima. Além disso, o desenvolvimento de sentimentos negativos ligados à aparência é uma das dificuldades mais significativas que essas pacientes enfrentam. Nesse sentido, uma maneira de minimizar esses efeitos é a cirurgia plástica de reconstrução mamária, uma vez que gera efeitos positivos ligados à estética e ao psicológico. Em vista disso, este procedimento oferece conforto e segurança e faz com que todo esse processo fique menos custoso, evidenciando importante avanço nas questões de equilíbrio psíquico. **Objetivos:** Apresentar os principais impactos psicológicos na vida das pacientes submetidas à mastectomia e os efeitos da cirurgia plástica através da reconstrução mamária. **Metodologia:** Para a realização dessa revisão de literatura foram utilizados artigos publicados nos últimos 13 anos por meio dos sites de estratégia de busca: Google acadêmico e Scielo. Nesse sentido, foram utilizadas palavras-chaves como: “cirurgia plástica”, “mastectomia”, “qualidade de vida”, “cirurgia de reconstrução” e “cirurgia de reconstrução mamária”. Sendo assim, dos 1610 resultados encontrados, foram selecionados 6 artigos de maior relevância sobre o tema. **Resultados:** Pacientes mastectomizadas apresentaram sentimentos negativos após o procedimento cirúrgico, pois as mamas são consideradas um símbolo de beleza e sensualidade, o que, muitas vezes, a ausência compromete a autoestima e a qualidade de vida feminina, pois o sentimento de “mutilação” da região mamária gera sentimentos como tristeza, ansiedade e podendo até desenvolver depressão ou ideações suicidas. Outro fator a ser analisado, é o fato da mulher não se sentir sexualmente atraente após a mastectomia, o que contribui muitas vezes a diminuição da atividade sexual, já que o receio da falta da mama gera inseguranças em relação a reação do parceiro. Além disso, uma das principais técnicas de reconstrução mamária é por meio do uso da técnica de uso de retalhos do músculo grande dorsal ou do reto abdominal, podendo ou não ser utilizado próteses de silicone e expansores para promover um melhoramento estético, embora não haja unanimidade na literatura sobre qual é a melhor técnica cirúrgica. A reconstrução mamária se torna relevante para o melhoramento da autoestima feminina, visto que, no pós-operatório, a aparência da mama se torna semelhante à original e os efeitos psicológicos negativos após a mastectomia se tornam reduzidos com o passar do tempo e as pacientes perdem a sensação de perda da sensualidade que antes era sentida pela mastectomia. **Conclusão:** Depreende-se, portanto, que a cirurgia de reconstrução mamária proporciona benefícios no âmbito físico e psicológico das pacientes mastectomizadas, uma vez que esse órgão está inteiramente ligado à autoestima da mulher. Um aspecto relevante para analisar o grau de satisfação das pacientes é o questionário BREAST-Q que analisa o pré e pós-operatório da reconstrução mamária analisando a qualidade de vida dessas mulheres por meio de escores de 1 a 100, isto é, quanto maior o valor, a satisfação pessoal é mais alta. Ademais, concluiu-se que ainda há discussões sobre quais são as técnicas mais eficazes e que geram maior satisfação entre as pacientes, pois não há

unanimidade na literatura. Outrossim, é indispensável o acompanhamento multidisciplinar a este público, assim como uma boa rede de apoio, especialmente àquelas que obtiveram um processo moroso no diagnóstico do câncer de mama e da reconstrução mamária.

Palavras-chave: cirurgia plástica, cirurgia de reconstrução, mastectomia.

UTILIZAÇÃO DE MEMBRANA AMNIÓTICA COMO ALOENXERTO EM GRANDES QUEIMADOS: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Brenda Kipper Eidt¹; Christopher Heling²; Bárbara Müller Czopko²; Luana Freitas Gomes²; Eduarda Airoidi de Mello²; Helena Brasil Terres²; Susana Fabíola Mueller³.

¹ Autor Principal: Graduação de Medicina da Universidade de Santa Cruz do Sul;

² Coautor: Graduação de Medicina da Universidade de Santa Cruz do Sul;

³ Orientador: Universidade de Santa Cruz do Sul;

Contato: Brenda Kipper Eidt / brendaeidt@hotmail.com

Introdução: O uso da membrana amniótica como curativo biológico em queimaduras foi descrito pela primeira vez em 1913 por Sabella e, desde então, seus benefícios e sua eficácia têm sido estudados. É importante destacar que o curativo ideal deve promover uma boa cicatrização, reduzir a dor, controlar o risco de infecções, prevenir a formação de cicatrizes, ser fácil de aplicar e ser econômico. Desse modo, torna-se importante que se compare os diferentes tipos de coberturas para queimaduras, observando seus prós e contras, primando pelo bem-estar do paciente. **Objetivo:** Compreender a eficácia e as vantagens da utilização de membrana amniótica no tratamento de queimaduras como curativo biológico. **Metodologia:** Foram buscadas na base de dados PubMed as palavras-chave “burn”, “amnion” e “biological dressings”, empregando o operador booleano AND. Filtrou-se por artigos publicados entre 2008 e 2023. Foram encontrados 11 artigos a partir desses critérios, após leitura desses, 8 foram selecionados, tendo em vista a sua relevância ao objetivo proposto no presente resumo. **Resultado:** Os curativos biológicos utilizando a membrana amniótica humana são facilmente manuseados, preparados e armazenados. A coleta do âmnio é descomplicada e pode ser feita usualmente pela abundância do mesmo, o que torna este curativo mais acessível e com um menor custo em relação a outros curativos biológicos. Sua utilização em grandes queimados é eficaz na promoção da cicatrização, no alívio da dor e, conseqüentemente, na diminuição do uso de analgesia e do tempo de hospitalização. Além disso, a aplicação da membrana amniótica em queimaduras diminui a vulnerabilidade a infecções, sendo isso evidenciado quando comparada ao Tegaderm™ - curativo feito com filme plástico - que possui uma taxa maior de contaminação. Em relação ao potencial de cicatrização e à capacidade de epitelização, há comprovações da sua eficácia na inibição da protease leucocitária e na estimulação da angiogênese, além de conter fatores de crescimento em altas proporções no seu estroma, agentes intensificadores do processo cicatricial. Com relação ao efeito analgésico observado, o mecanismo de ação ainda não é totalmente compreendido e carece de mais investigações. **Conclusão do trabalho:** Com base na literatura disponível, conclui-se que a membrana amniótica é uma opção

promissora e segura no tratamento de grandes queimados, oferecendo benefícios adicionais em comparação a outros métodos, tanto no viés terapêutico, quanto no caráter econômico. O âmnio se confirma promissor em seu efeito cicatricial, na redução da dor, no manejo do risco de infecções e na facilidade de aplicação, coleta e economia do material. No entanto, mais pesquisas são necessárias para confirmar essas descobertas e explorar outros aspectos do tratamento de queimaduras.

Palavras-chave: Queimaduras; Âmnio; Enxertos biológicos.

ÁREA: CLÍNICA MÉDICA

EXPLORANDO A POTENCIAL LIGAÇÃO ENTRE INFERTILIDADE MASCULINA E INFECÇÃO POR COVID-19

Elizandra Andréia Woyciekoski¹; Leonardo Vieira Bublitz²; Tales Mateus Rachor²; Ana Carolina Melero de Paula²; Isadora Zen Bitencourt²; Lourenço Bitencourt Sartori²; Paulo Roberto Laste³.

¹ Autor Principal: Graduação de Medicina da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC);

² Coautor: Graduação de Medicina da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC);

³ Orientador: Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC).

Contato: Elizandra Andréia Woyciekoski / elizandrawoyciekoski@gmail.com

Introdução: Diversos microrganismos, como bactérias e vírus, podem causar uma infecção testicular direta através de disseminação hematogênica e, ao invadir a barreira hematotesticular, geram consequências funcionais ao sistema reprodutor masculino. Estudos recentes levantam a hipótese de que, dentro da variabilidade de impactos da COVID-19, pode-se incluir a reprodução humana em casos de elevadas cargas virais. **Objetivo:** Apontar para a comunidade acadêmica a relação entre casos de COVID-19 e a infertilidade masculina, estabelecendo um vínculo entre a fisiopatologia da afecção e a disfunção reprodutiva. **Metodologia:** Realizou-se uma busca bibliográfica nas bases de dados *UpToDate* e *PubMed* com os descritores “infertilidade masculina”, “COVID-19” e “complicações”. Foram selecionadas produções relevantes ao tema, em língua inglesa, datadas a partir de 2021 e já citadas em artigos publicados. **Resultado:** O SARS-CoV-2 penetra nas células através da ECA-2, enzima ligada às membranas celulares e presente em 72 tecidos, exposta em grande quantidade nas células germinativas e somáticas do testículo e com expressão máxima durante a vida reprodutiva. Também pode haver penetração através da proteína serina protease transmembrana 2 (TMPRSS2), expressa em espermatogônias e espermátides. Ao analisar tecidos testiculares de 17 pacientes *post mortem*, infectados com a doença, percebeu-se edema e infiltração de células T no interstício, bem como a vacuolização e diluição citoplasmática nas células de Sertoli e a diminuição no número de células de Leydig, o que afeta a gametogênese. Em um segundo estudo, verificou-se a presença do SARS-CoV-2 no sêmen de 8 amostras das 428 analisadas. Quanto às pesquisas de parâmetros espermáticos, inferiu-se 25,6% dos pacientes com alterações na concentração de esperma, a qual é menor quanto mais grave for a infecção, causando comprometimento da qualidade espermáti-

ca. Encontrou-se, ainda, relação entre a infecção de COVID-19 e a diminuição de testosterona, resultado de um possível estado de hipogonadismo infeccioso. Além disso, a febre é capaz de diminuir a espermatogênese, o que repercute em uma redução da concentração e motilidade dos espermatozoides entre 72 e 90 dias depois da infecção. Alguns medicamentos antivirais, como a ribavirina, são capazes de diminuir as concentrações de testosterona e a contagem de esperma, levando a uma infertilidade transitória. A infecção por SARS-CoV-2 apresenta diversas alterações sistêmicas no corpo dos pacientes, com a sintomatologia variando de acordo com cada caso e a exposição de carga viral a qual ele foi submetido. Os sintomas apresentados podem ser explicados pela exposição de receptores ECA-2 e TMPRSS2 no tecido testicular e como consequências sistemáticas da tempestade citocinas resultadas da inflamação generalizada. **Conclusão:** Estudos sobre as repercussões da COVID-19 na fertilidade masculina ainda estão sendo iniciados, fazendo com que sejam encontrados poucos resultados definitivos sobre essa correlação. São necessárias mais análises a longo prazo dos afetados e daqueles que apresentaram alterações no sistema reprodutor, buscando ter certeza se a infecção através do SARS-Cov-2 é capaz de causar infertilidade masculina.

Palavras-chave: COVID-19; espermatogênese; infertilidade masculina; SARS-Cov-2.

ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DOS ÓBITOS POR NEOPLASIA MALIGNA DE LARINGE NOS ÚLTIMOS 11 ANOS

Gabriela Uberti¹; Eduarda Morari Jeske¹; Carla Cristani²; Luíze de Moraes Fritzen²; Pietra Przybylski de Brum²; Júlia Cypriano Tomasiak²; Eduardo Walker Zettler³.

¹ Autor Principal: Graduação de Medicina da Universidade Luterana do Brasil - Canoas/RS;

² Coautor: Graduação de Medicina da Universidade Luterana do Brasil - Canoas/RS;

³ Orientador: Universidade Luterana do Brasil - Canoas/RS;

Contato: Gabriela Uberti / gabi.uberti@rede.ulbra.br

Introdução: A neoplasia maligna de laringe (NML) é responsável por 1% de todos os casos de câncer no mundo, sendo de maior incidência no sexo masculino, nos brancos e pardos, com faixa etária entre 55 e 79 anos. O consumo de álcool e o tabagismo, ativo ou passivo, aumentam consideravelmente as chances de desenvolvimento desta neoplasia. Na maioria dos casos as manifestações sintomáticas desta patologia são tardias, causando maior dificuldade para um diagnóstico precoce e possivelmente necessitando de tratamentos cirúrgicos, acompanhados ou não de radioterapia. Portanto, é de extrema importância a disseminação de informação sobre os fatores de risco associados a esta patologia e da importância do rastreamento, a fim de evitar complicações graves. **Objetivo:** O presente trabalho tem como objetivo avaliar o perfil epidemiológico de óbitos por NML no Brasil nos últimos 11 anos. **Metodologia:** Foi realizado um estudo transversal descritivo. Os dados utilizados foram obtidos do Sistema de Informações Hospitalares do Sistema Único de Saúde disponíveis para consulta no banco do Departamento de Informática do Ministério da Saúde e da população do censo brasileiro de 2022. Para a análise foi criado um banco de dados

específico em planilha eletrônica com a população e o número de óbitos por NML nas regiões do Brasil, de acordo com o sexo, cor da pele e faixa etária, do período de Janeiro/2012 a Dezembro/2022. **Resultados e discussão:** Os dados epidemiológicos relativos ao período de 2012 a 2022 revelaram um total de 12.860 óbitos decorrentes de NML no Brasil. Destes, a região Sul apresentou a maior prevalência, com 7,68 casos por 100 mil habitantes, seguida pela região Sudeste com 7,52 casos, Centro-Oeste com 5,29 casos, Nordeste com 4,57 e Norte com 2,99 casos. Essa alta prevalência nas regiões Sul e Sudeste pode ter relação com a exposição a fatores de risco, hábitos comportamentais e ambientais, como o consumo excessivo de tabaco, álcool e a poluição. Quanto à distribuição por sexo, observou-se que 86% dos óbitos ocorreram em indivíduos do sexo masculino, enquanto 14% ocorreram no sexo feminino. Essa discrepância significativa pode ser atribuída a fatores comportamentais. Estudos sugerem que a exposição ao tabagismo e ao álcool é mais frequente entre os homens, além do consumo ser em maior quantidade também. Ademais, em relação à faixa etária, constatou-se que 89,5% dos óbitos ocorreram em indivíduos com idade acima de 49 anos, com parcelas específicas de 28,5% entre 50 e 59 anos, 33,9% entre 60 e 69 anos e 19,3% entre 70 e 80 anos. Essa elevada prevalência em indivíduos com mais de 50 anos pode ter relação com exposição prolongada a fatores de risco, o que demonstra a necessidade de programas de conscientização e rastreamento. Com relação à etnia, os dados demonstraram que 41% dos óbitos concentraram-se em indivíduos classificados como brancos, 35,5% em pardos, 6,1% em pretos, 0,97% em amarelos e, ainda, 0,03% em indígenas. **Conclusão:** A neoplasia maligna de laringe está fortemente ligada a hábitos de vida, sendo estes os principais fatores para o desenvolvimento e o prognóstico dos pacientes afetados. Diante disso, nota-se a importância da implementação de campanhas educativas focadas na prevenção, o aperfeiçoamento do acesso aos serviços de saúde e o investimento no diagnóstico precoce, que é a principal fonte de cura e proporcão de aumento de expectativa de vida dos pacientes.

Palavras-chave: Neoplasias da Laringe; Óbito; Epidemiologia.

TUBERCULOSE HEPÁTICA - SINAIS E SINTOMAS ASSOCIADOS

Carla Cristani¹, Luize de Moraes Fritzen², Monique Fonini Trevisan², Nathalia Aline Walker Lago², Afonso Alencar de Souza Seganfredo², Eduardo Walker Zettler.³

¹ Autor Principal: Graduação de Medicina da Universidade Luterana do Brasil - Canoas/RS;

² Coautor: Graduação de Medicina da Universidade Luterana do Brasil - Canoas/RS;

³ Orientador: Universidade Luterana do Brasil - Canoas/RS;

Conato: Carla Cristani / carlacristani@rede.ulbra.br

Introdução: A tuberculose hepática isolada é uma manifestação rara da infecção pelo *Mycobacterium tuberculosis*. É uma condição extra-pulmonar de apresentação da doença, na qual ocorre uma disseminação hematogênica do bacilo de Koch, atingindo o fígado através da veia porta. Os sinais e sintomas são, geralmente, inespecíficos, os quais pode-se destacar hepatomegalia, dor abdominal, febre e icterícia. Assim, pode ser difícil distinguir a tuberculose hepática de outras doenças do fígado mais comuns,

como as neoplasias primárias ou metastáticas ou mesmo tumores benignos. **Objetivos:** Compreender e analisar a apresentação clínica da tuberculose hepática isolada, identificando seus sinais e sintomas predominantes e avaliando sua relação com outras condições hepáticas. **Metodologia:** O presente trabalho foi realizado por meio de uma revisão sistemática de literatura através dos bancos de dados científicos LILACS, Uptodate e Pubmed. Utilizando-se os descritores: tuberculose, tuberculose hepática e hepatomegalia. Foram incluídos nessa busca artigos publicados no período de 2006 a 2017 e avaliados, de acordo com os critérios definidos, 3 trabalhos. **Resultados:** De acordo com os trabalhos avaliados, os níveis de TGO e TGP podem se elevar levemente e não há correlação desse achado com a gravidade do quadro clínico. Quanto aos sinais e sintomas, a hepatomegalia se mostrou o mais prevalente nos estudos, seguido de sintomas constitucionais como febre, fadiga e emagrecimento. Além disso, foi identificado que a esplenomegalia acontece em menos da metade dos casos. **Conclusão:** Os resultados demonstram que o principal sintoma a se atentar é a hepatomegalia, sendo presente na maioria dos casos, além de sintomas constitucionais. Observou-se que os exames de TGO e TGP não são diretamente proporcionais à gravidade dos quadros. Dessa forma, é importante conhecer os sinais e sintomas clínicos mais prevalentes para o diagnóstico e tratamento adequados.

Palavras-chave: Tuberculose; Tuberculose Hepática; Diagnóstico Clínico.

UMA ANÁLISE COMPARATIVA DO VALOR DOS SERVIÇOS HOSPITALARES RELACIONADOS A REUMATOLOGIA NOS ÚLTIMOS 5 ANOS NAS MACRORREGIÕES DE SAÚDE DO RIO GRANDE DO SUL

Julia Bertagnoli Elesbão¹; Felipe Vicente Ferraz²; Daniel Luis Zanchet³.

¹ Autora Principal: Acadêmica de Medicina na Universidade Franciscana.

² Coautor: Acadêmico de Medicina na Universidade Franciscana.

³ Orientador: Médico Reumatologista pelo Hospital de Clínicas de Porto Alegre, Docente na Universidade Franciscana.

Contato: Julia Bertagnoli Elesbão / juliab.elsesbao@gmail.com

Introdução: A Reumatologia é uma especialidade médica que se concentra no estudo, diagnóstico e tratamento de diversas doenças que afetam o sistema musculoesquelético e o tecido conjuntivo do corpo humano. As doenças reumáticas englobam cerca de 150 enfermidades, podendo variar entre agudas e crônicas, impactando indivíduos de todas as faixas etárias e gêneros. O diagnóstico adequado e um tratamento personalizado, baseados em avaliação clínica minuciosa, história clínica, exame físico específico, exames laboratoriais e análises radiográficas, são essenciais para evitar danos físicos e psicológicos graves que poderiam prejudicar a funcionalidade e qualidade de vida dos pacientes. Em caso de subestimação ou tratamento inadequado, as doenças reumáticas podem resultar em graves danos físicos e psicológicos, limitando significativamente a capacidade das pessoas de realizar tarefas cotidianas, devido à dor, deformidades e restrições funcionais. Portanto, a identificação precoce e o manejo adequado dessas enfermidades são fundamentais para melhorar

o prognóstico e proporcionar uma melhor qualidade de vida aos pacientes. **Objetivo:** Realizar uma análise comparativa do valor dos serviços hospitalares por ano de processamento segundo macrorregiões de saúde, visando identificar diferenças significativas nos aspectos demográficos, epidemiológicos e clínicos entre esses grupos. **Metodologia:** Trata-se de um estudo transversal, descritivo e retrospectivo realizado com dados referentes ao número de pacientes atendidos no serviço de saúde público no estado do RS nos últimos 5 anos. Os dados foram obtidos e estão disponíveis no Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS), e são referentes ao período de maio de 2018 a maio de 2023. A coleta de dados foi feita no mês de agosto de 2023. **Resultados:** De acordo com os dados coletados, nos últimos 5 anos os gastos com serviços hospitalares relacionados a doenças como artrite reumatoide e outras poliartropatias inflamatórias, artrose, transtornos articulares, doenças sistêmicas do tecido conjuntivo, transtornos do tecido mole, osteomielite e outras doenças do sistema osteomuscular e tecido conjuntivo no estado do Rio Grande do Sul totalizaram R\$75.904.535,16. Desse montante, foram destinados R\$28.515.130,52 para a região metropolitana, R\$17.681.369,72 para o Norte do estado e R\$2.143.771,23 para o Sul. **Conclusão:** Ao longo dos últimos 5 anos, os gastos com serviços hospitalares relacionados a doenças reumáticas no estado do Rio Grande do Sul atingiram um montante de R\$75.904.535,16, distribuídos entre diferentes regiões. Esses dados revelam o impacto relevante das doenças reumáticas tanto no sistema de saúde público quanto no privado. As quantias expressivas enfatizam a importância de investimentos na prevenção, diagnóstico e tratamento adequado dessas enfermidades, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida dos pacientes e otimizar a utilização dos recursos disponíveis. A análise comparativa do perfil dos pacientes em Reumatologia nas redes de saúde pública pode proporcionar informações valiosas para aprimorar o planejamento e a gestão dos serviços de saúde, buscando uma abordagem mais eficaz e equitativa no cuidado dos pacientes com doenças reumáticas. Além disso, esses resultados são fundamentais para subsidiar políticas de saúde voltadas a melhorar o acesso e a qualidade do atendimento em ambas as redes, enfrentando os desafios impostos por essas condições médicas complexas que impactam significativamente a saúde pública.

Palavras-chave: Reumatologia. Medicina Clínica. Saúde Pública.

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE INTERNAÇÕES POR TIREOTOXICOSE NO PERÍODO DE 2012 A 2022 NO BRASIL

Carlos Eduardo Gasparetto¹, Carla Cristani², Monique Fonini Trevisan², Amanda Jardim Simon², Fernanda Press², Jéssica Kirjner², Eduardo Walker Zettler³.

¹ Autor Principal - Graduação em Medicina pela Universidade Luterana do Brasil

² Coautora - Graduação em Medicina pela Universidade Luterana do Brasil

³ Orientador - Professor do Curso de Medicina da Universidade Luterana do Brasil.

Contato: Carlos Eduardo Gasparetto / carlosgasparetto@rede.ulbra.br

Introdução: A tireotoxicose é definida como uma síndrome clínica que ocorre devido a um aumento excessivo de hormônios tireoidianos circulantes, podendo ser secundária à hiperfunção

da glândula tireóide. Seu diagnóstico é majoritariamente clínico, e pode-se usar os Critérios de Burch-Wartofsky. Os sintomas mais recorrentes são nervosismo, irritabilidade, palpitações e fraqueza. Considerada uma emergência médica, sua incidência aumenta com a idade e é maior em populações caucasianas e em áreas com deficiência de iodo. Apresenta altas taxas de complicações oftalmológicas e cardiovasculares, podendo levar ao aparecimento de arritmias e a uma rápida deterioração da função cardíaca. **Objetivos:** O presente trabalho tem como objetivo analisar o perfil epidemiológico das internações por tireotoxicose no Brasil entre 2012 e 2022. **Metodologia:** Foi realizado um estudo transversal descritivo com dados obtidos no Sistema de Informações Hospitalares do Sistema Único de Saúde disponíveis para consulta no banco do Departamento de Informática do Ministério da Saúde e no banco de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Pesquisa (IBGE) e no banco de dados Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD). **Resultado e Discussão:** Ao analisar dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), no Brasil, somando os anos de 2012, 2017 e 2022, identificou-se um total de 1283 internações por Tireotoxicose na população em geral. Os casos diferem quanto à autodeclaração de cor e regiões observadas. Autodeclarados pardos despontam como a população de maior prevalência, com 114 (8,9%) casos em 2012, 178 (13,8%) em 2017 e 262 (20%) em 2022, totalizando 554 (43%) dos casos nos 3 anos citados. Brancos foram responsáveis por 541 (42%) casos no período analisado, sendo 162 (12,6%) em 2012, 193 (15%) em 2017 e 186 (14,4%) em 2022. Por fim, a população preta completa os casos com 188 (14,6%) internações, sendo 24 (13%) em 2012, 24 (13%) em 2017 e 140 (74%) no ano de 2022. O Sudeste é a região do Brasil com mais casos nos 3 grupos citados, somando ao todo 781 casos (60,8%). O Norte apresentou apenas 54 (4,2%) internações, menor número observado no período. Em um balanço dos 3 anos citados, o ano de 2022 totalizou 588 casos (45,8%), sendo 186 (31%) em brancos, 262 (44%) em pardos e 140 (23%) em pretos. 2017 apresentou 395 (30,7%) casos, 178 (45%) em pardos, 193 (48,8%) em brancos e 24 (6%) em pretos. O menor valor anual foi no ano de 2012, com 300 casos, 114 em pardos (38%), 162 (54%) em brancos e 24 (8%) em pretos. **Conclusão:** A análise sobre o perfil epidemiológico das internações por tireotoxicose no Brasil entre os anos de 2012 e 2022 revela uma ampla distribuição das hospitalizações por grupos étnicos e regiões geográficas. Observou-se um aumento gradual nas internações ao longo dos anos, com um destaque notável para a população autodeclarada parda, que apresentou aumento constante na prevalência. Os pardos foram os mais afetados pela doença, achado que condiz com as autodeclarações de cor do território brasileiro, uma vez que de acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD Contínua 2022, 45,3% dos brasileiros se autodeclararam pardos. A região Sudeste do país mostrou-se como a mais afetada, região na qual 50% é autodeclarada branca, concentrando a maioria dos casos proporcionalmente. Esses resultados demonstram a relevante ligação das características populacionais na forma que a patologia é mapeada, além de destacar a importância da vigilância contínua e de estratégias de saúde pública direcionadas para o diagnóstico precoce, tratamento adequado e prevenção da tireotoxicose.

Palavras-chave: Tireotoxicose, Perfil Epidemiológico dos Grupos Étnicos, Tireoide.

ANOMALIA DE EBSTEIN: DEFEITO CARDÍACO CONGÊNITO RARO DA VÁLVULA TRICÚSPIDE ASSOCIADO A OUTRAS DOENÇAS

Carmela Quaini Bresolin¹, Bárbara Bianchi², Julia Zyger Camozzato², Leandro Gritti³

¹ Autor principal: Graduação de Medicina da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

² Co-autor: Graduação de Medicina da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões;

³ Orientador: Médico Pneumologista e Discente da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Contato: Carmela Quaini Bresolin / carmelagb@live.com

Introdução: A anomalia de Ebstein (AE) foi descrita pela primeira vez em 1866 por Wilhelm Ebstein, o qual descobriu a partir de resultados de necropsia que a anomalia cardíaca seria uma aderência das cúspides posterior e septal da válvula tricúspide. Esta anomalia consiste em um defeito congênito raro da válvula tricúspide, sendo a doença que mais acomete o coração, além de estar associada à Síndrome de Down, Síndrome de Wolff-Parkinson-White, dentre outras. Estas patologias associadas à Anomalia de Ebstein leva a problemas no estado funcional da circulação pulmonar, o que por sua vez aumenta a mortalidade do paciente. A nível de Brasil, como mais popular, podemos evidenciar o caso da filha do ator Juliano Cazarré, que foi diagnosticada ainda em idade fetal com a Anomalia de Ebstein. Isso porque a sua válvula tricúspide foi mal formada durante a gestação. **Objetivos:** Essa revisão de literatura busca trazer em evidência cada vez mais esse assunto para os futuros profissionais médicos conseguirem diagnosticar cada vez mais rápido tal anomalia. **Metodologia:** Foram utilizadas bibliográficas de informações referentes a Anomalia de Ebstein, do ano de 2000 ao ano de 2021. Foram buscadas, com as seguintes palavras-chave: “Anomalia de Ebstein”, “congenita”, “válvula tricúspide”, “tratamento”, “diagnóstico”. Estas foram pesquisadas a partir do motor de busca Google Acadêmico, Pubmed, SciELO e UptoDate. **Resultados:** A hipóxia - falta de oxigênio circulante - é o principal fator de descompressão cardiovascular fetal, sendo essa falta de oxigênio podendo ocasionar arritmias cardíacas, cardiopatias estruturais com regurgitação valvar que levam a insuficiência cardíaca. Além disso, outras manifestações clínicas são encontradas como os ruídos cardíacos hipofonéticos, os quais são gerados por fluxo de uma câmara ou vaso cuja pressão ou resistência por toda a duração da sístole é maior que a pressão ou resistência da câmara que está recebendo o fluxo. Ademais, a cianose, a qual em razão da hipóxia, leva a uma coloração azulada, bem como falência cardíaca e hipoplasia pulmonar estão em decorrência dessa anomalia. Em relação ao diagnóstico, Em virtude da anomalia de Ebstein ser congênita, seu diagnóstico pode ser realizado ainda em vida intrauterina, através das ecografias realizadas pela mãe durante o acompanhamento pré-natal, uma vez que haja suspeita de AE durante a gravidez, pode-se ainda realizar uma ecocardiografia fetal, entre a 21ª e 28ª semanas. **Conclusão:** Por fim, este artigo apresenta averiguações pertinentes para futuros profissionais médicos e acadêmicos e assim ampliar o conhecimento sobre a AE.

Palavras-chave: Síndrome de down, Deformação cardíaca, Vida intrauterina

CÂNCER DE ESTÔMAGO E A ASSOCIAÇÃO COM OBESIDADE: REVISÃO NARRATIVA

Felipe Vicente Ferraz¹; Alessandro Theisen Fischer².

¹ Autor Principal: Acadêmico de Medicina da Universidade Franciscana;

² Orientador: Médico Gastroenterologista pela Universidade Federal de Santa Maria, Docente na Universidade Franciscana;

Contato: Felipe Vicente Ferraz / rvferraz88@gmail.com

Introdução: O câncer gástrico (CG) é uma doença de alta prevalência na população do Brasil, caracterizando-se como um desafio significativo para a Saúde Pública. No Brasil, segundo o Instituto Nacional de Câncer (INCA) o CG é classificado como o sexto tumor maligno mais incidente, ocupando a quinta posição entre os homens e a sexta posição entre as mulheres. O adenocarcinoma é o tipo responsável por cerca de 95% dos casos, entretanto, outros tipos de tumores, como linfomas e sarcomas, também podem ocorrer no estômago, sendo os linfomas diagnosticados em 3% dos casos. O CG do tipo adenocarcinoma é uma doença complexa, influenciada por múltiplos fatores, nos quais tanto os elementos ambientais quanto os fatores genéticos desempenham um papel significativo em sua origem. Alguns desses fatores de risco, como idade e gênero, não podem ser alterados, ao passo que outros sim, como o tabagismo e a infecção pelo *Helicobacter Pylori*. Nesse contexto de fatores modificáveis ou não, é importante mencionar a obesidade, uma doença crônica caracterizada por um índice de massa corporal (IMC) acima de 30. No Brasil, a proporção de obesos na população com 20 anos ou mais é de 26,8%, de acordo com a Pesquisa Nacional de Saúde de 2019. **Objetivo:** O objetivo deste trabalho é descrever sobre o câncer de estômago bem como fazer a discussão sobre a obesidade ser um fator de risco para a patologia. **Metodologia:** Foram utilizados como descritores de busca os termos “Stomach Cancer”, “Obesity” e “Prevalence”, aplicando o operador booleano AND na plataforma Pubmed. Os critérios de inclusão foram artigos completos, publicados de 2012 até 2022. Foram obtidos 300 resultados e a amostra ao final da busca foi constituída de 52 artigos, selecionados a partir da leitura do título e do resumo, excluindo-se aqueles que não abordavam um conteúdo relacionado diretamente com o tema deste trabalho. **Discussão:** A obesidade está entre as doenças que mais crescem no mundo, sendo caracterizada como uma situação de saúde anormal em que o tecido adiposo tem um aumento significativo, principalmente por meio do crescimento dos adipócitos, o que afeta negativamente a circulação sanguínea nos tecidos resultando, por exemplo, em hipóxia e inflamação. Além disso, há o aumento da produção de fatores pró-inflamatórios, como o fator de necrose tumoral (TNF)-alfa, interleucina (IL) -6 e proteína C-reativa (PCR). Ressalta-se que alguns dos fatores citados, como o TNF-alfa e a IL-6 estão envolvidos no desenvolvimento da resistência à insulina. Dessa forma, há uma hiperinsulinemia induzida por essa resistência à insulina que tem vários efeitos, dentre eles, a fosforilação de proteínas IRS, que ativam a cascata de sinalização intracelular, representada pelas vias fosfoinositol-3-quinase (PI3K-Akt) e proteína quinase ativada pelo mitógeno (MAP quinase ou MAPK), ambas envolvidas no processo de carcinogênese. Um outro mecanismo associado ao acúmulo excessivo de gordura no corpo é a incidência frequente de Doença do Refluxo Gastroesofágico. É provável que o refluxo seja desencadeado pelo aumento da pressão dentro do abdômen, o que pode levar ao desenvolvimento do esôfago

de Barrett. Por sua vez, o esôfago de Barrett é reconhecido como um possível precursor do CG na região da cárdia e do adenocarcinoma de esôfago. **Conclusão:** Portanto, considerando as informações apresentadas neste estudo, nota-se que um aumento patológico do tecido adiposo pode desempenhar um papel clinicamente significativo no surgimento do câncer de estômago, destacando a importância de uma compreensão mais aprofundada dos mecanismos de carcinogênese induzidos pela obesidade, a fim de desenvolver métodos que previnam ou tratem o câncer gástrico. Essa abordagem pode fornecer subsídios valiosos para o desenvolvimento de terapias mais eficazes no tratamento do câncer de estômago no futuro.

Palavras-chave: Câncer gástrico. Neoplasias do estômago. Obesidade.

CARCINOMA RENAL DE CÉLULAS CLARAS COM TRANSFORMAÇÃO SARCOMATOSA: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Laryssa Bortoncello de Aguiar¹; Kizelly Cláudia Matte²; Martha Hellen Tremêa da Silva²; Ketlyn Guadagnin², Rafaela Kirchner Piccoli³

¹ Autor Principal: Acadêmica de Graduação em Medicina na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI);

² Coautor: Acadêmica de Graduação em Medicina na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI);

³ Orientador: Médica, oncologista clínica e docente na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI).

Contato: Laryssa Bortoncello de Aguiar /larybortoncello@hotmail.com

Introdução: O carcinoma de células renais (CCR) representa mais de 90% dos tumores renais malignos e consiste em um grupo de neoplasias originárias do epitélio renal com características histopatológicas distintas. Pacientes com diagnóstico de carcinoma renal possuem 40% de chances de evoluírem para óbito devido a progressão da doença, tornando esse tumor a lesão maligna urológica mais letal. CCR é uma neoplasia que afeta adultos com idade média entre 55 e 60 anos, predominantemente em homens. Uma transformação rara denominada desdiferenciação sarcomatoide desencadeia um pior prognóstico ao paciente e pode desenvolver-se na maioria dos subtipos histológicos de CCR, sendo essa diferenciação mais observada no subtipo carcinoma de células renais de células claras. CCRs na qual ocorreu a desdiferenciação sarcomatoide são comumente referidos como CCRs sarcomatóides (SRCCs). Nesse sentido, faz-se necessário uma revisão abrangente da literatura diante desse carcinoma, visto que é um subtipo raro de diferenciação celular. **Objetivo:** Esta revisão tem como objetivo verificar sobre o carcinoma renal de células claras e a sua transformação sarcomatosa devido ao crescimento e multiplicação descontrolado de células cancerígenas no corpo humano. **Metodologia:** É um estudo de revisão da literatura sobre carcinoma renal de células claras com transformação sarcomatosa. A pesquisa foi realizada nas bases de dados SciELO, PubMed, UpToDate e Google Acadêmico. Para as buscas foram utilizados os descritores: Carcinoma de Células Renais; Carcinoma de células claras; Sarcomatose renal; suas transformação sarcomatosa. Foram incluídos artigos completos nos idiomas português, espanhol e inglês, publicados entre 2003 e 2023, coerentes com os assuntos pesquisados, e excluídos aqueles não relacionados ao tema, fora do período estabelecido ou com aces-

so limitado. **Resultado:** O carcinoma de células renais (CCR) se origina das células dos túbulos proximais renais. Ele é classificado conforme suas variações histológicas: células claras, papilar, granular, cromóforas, células do ducto coletor e o subtipo sarcomatóide. No CCR de células claras, as células apresentam em seu conteúdo citoplasmático lipídios e glicogênio, porém no carcinoma de células renais sarcomatóides ocorre uma desdiferenciação, ele perde características clássicas, esse processo é conhecido como transição epitelial-mesenquimal (EMT). O CCR pode ser decorrente de fatores ambientais, genéticos ou de hábitos de vida, contudo, independente da causa, os pacientes com o carcinoma de células renais sarcomatóides apresentam maior risco quando comparado com quem não apresenta essa diferenciação sarcomatoide. A tríade clássica de sintomas são hematuria, dor lombar e massa em flanco palpável, no entanto, na fase inicial do câncer os sintomas demoram a surgir, além disso, o paciente pode apresentar manifestações paraneoplásicas. Ademais, em caso de suspeita de CCR podem ser solicitados exames laboratoriais, ultrassonografia, tomografia, ressonância magnética e biópsia renal. No tratamento é realizado uma nefrectomia simples ou em casos mais graves uma nefrectomia radical. Entretanto, em pacientes com carcinoma de células renais sarcomatóides, a nefrectomia juntamente com a metastasectomia não apresentam benefício em sobrevida desses pacientes. Outrossim, o CCR é um dos cânceres mais sólidos e resistentes ao tratamento quimioterápico; na radioterapia tem-se mostrado eficaz como um tratamento complementar em pacientes com metástase e dor óssea; na imunoterapia é usada de maneira complementar em pessoas com doença avançada que removeram a maioria das células neoplásicas. **Conclusão do trabalho:** O carcinoma renal é um câncer que pode ser desafiador de diagnosticar devido à falta de sintomas iniciais. O CCR de células claras com transformação sarcomatosa é uma condição agressiva que exige intervenção médica abrangente e cuidadosa. A compreensão da doença, o diagnóstico precoce e a escolha de tratamentos adequados desempenham um papel crucial na melhoria das perspectivas de tratamento e na qualidade de vida dos pacientes afetados por essa condição.

Palavras-chave: Carcinoma de células renais; células claras; diferenciação sarcomatosa.

CRIPTORQUIDIA COMO FATOR PREDISPONENTE PARA ORIGINAR TUMOR TESTICULAR DE CÉLULAS GERMINATIVAS

Nathallie Appel dos Santos¹; Isabella Stivanin Lacerda²; Marieli Manica Pozzer²; Taís Eduarda Rosso Staziaki²; Luiz Mauricio Rodrigues³; Rafaela Kirchner Piccoli⁴

¹ Autor Principal: Graduação de Medicina da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI);

² Coautor: Graduação de Medicina da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI);

³ Coautor: Residência de Clínica Médica no Hospital de Clínicas de Ijuí;

⁴ Orientador: Médica Oncologista. Preceptora da Residência Médica em Oncologia Clínica do Hospital de Clínicas de Ijuí. Docente do Curso de Graduação de Medicina da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI).

Contato:Nathallie Appel dos Santos /nathallie.santos@sou.unijui.edu.br

Introdução: Dentre 7 a 10% dos tumores de testículo estão relacionados com a criptorquidia, que se sucede quando os

testículos não descem fisiologicamente para o escroto até os três meses de idade, se encontrando em localização anômala, os quais podem estar tanto na cavidade abdominal, quanto em qualquer local do conduto peritônio-vaginal. Para tanto, apesar de controverso, o tratamento clínico hormonal pode ser administrado a partir dos nove meses, caso não seja efetivo, torna-se necessário a correção cirúrgica, que deve ser realizada até os dois anos de vida, idealmente antes dos doze meses de idade. Entretanto, se não for corrigido até essa faixa etária, considera-se um risco significativo para desenvolvimento de câncer de testículo. **Objetivo:** Portanto, este trabalho objetiva analisar a decorrência da criptorquidia, sobretudo, nos tumores testiculares de células germinativas, bem como os desdobramentos que podem levar ao aumento da predisposição desse risco. **Metodologia:** O presente trabalho trata-se de um estudo descritivo elaborado a partir de uma revisão de literatura com o intuito de buscar artigos que tratassem da criptorquidia como fator para originar tumor testicular de células germinativas. A base de dados utilizada foi a National Library of Medicine (PUBMED). **Resultado:** Muito discute-se sobre a criptorquidia como fator de risco predisponente para originar tumores, por isso, hipóteses foram formuladas a fim de explicar como homens jovens com histórico de criptorquidia tem uma associação 4 vezes mais significativa a tumor de células germinativas. A primeira hipótese é a de causa comum, que atribui fatores etiológicos não conhecidos a gênese da doença, e a segunda hipótese diz respeito a posição, pois assegura que o ambiente supraescrotal aumenta o potencial maligno dos testículos não descendentes, sendo essa última, a hipótese mais atribuída ao tumor de células germinativas de testículo. Assim, estudos demonstram que, quando se trata de criptorquidia unilateral, o risco de adquirir a doença no testículo ipsilateral é cerca de 4 vezes maior que no testículo contralateral, bem como na criptorquidia bilateral como fator de risco, duplica-se as chances de se desenvolver o tumor. Da mesma maneira, a orquidopexia como tratamento para a criptorquidia é discutida, porque há maior risco nos pacientes que consumam o procedimento da orquidopexia tardiamente. A exemplo disso, um estudo dinamarquês apontou que o risco de adquirir a doença aumenta conforme mais tardiamente a orquidopexia é realizada, sendo 1,1% o risco em meninos que realizavam a cirurgia entre 0-9 anos, aumentando gradativamente para 2,9% com 10-14 anos, 3,5% com 15 anos ou mais e 14,4% de risco de desenvolver tumor germinativo de testículo quando se trata de adultos com criptorquidia persistente. No entanto, os dados analisados não são suficientes para prever a idade ideal para se realizar a orquidopexia a fim de reduzir o risco até a linha de base. Sendo assim, independente da idade de realização da orquidopexia, todos os indivíduos com criptorquidia devem estar orientados dos potenciais riscos futuros e serem observados de perto. **Conclusão do trabalho:** Como resultado da revisão de literatura, o presente estudo ratifica a criptorquidia sendo um fator predisponente para o desenvolvimento de tumores de células germinativas, pois compreende que o meio supraescrotal provém potencial de replicação celular maligna dos testículos ascendentes. Destarte, é importante que se mantenha o acompanhamento regular de meninos com histórico de criptorquidia com urologista, a fim de estabelecer um diagnóstico precoce e obter melhores prognósticos.

Palavras-chave: Criptorquidia. Risco. Tumor de Células Germinativas.

INTOLERÂNCIA A HISTAMINA: NOVIDADE ENTRE AS INTOLERÂNCIAS ALIMENTARES

Anna Flávia Meira Rosa¹; Candice Franke Krumel²; Gabriela dos Santos Diehl³; Victória Ribeiro³; Bruna Eduarda Hochscheidt³; Amanda Gabriela Wachter Motta³, Ingrid Pilz³.

¹ Autora Principal: Acadêmica de Medicina da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC);

² Orientadora: Universidade de Santa Cruz do Sul;

³ Coautora: Acadêmica de Medicina da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC).

Contato: Anna Flávia Meira Rosa / annaflavia@mx2.unisc.br

Introdução: A histamina é uma amina biogênica que desempenha diversas funções no organismo humano, podendo atuar como neurotransmissor e auxiliar na regulação do sistema imunológico e na mediação de respostas alérgicas e inflamatórias. Seus efeitos fisiológicos variam de acordo com a ligação aos receptores distribuídos em diversos tecidos do corpo. Alguns indivíduos, no entanto, possuem dificuldade em metabolizar de forma eficiente a histamina, o que leva ao acúmulo deste composto no organismo causando sintomas desagradáveis, como dor abdominal e diarreia. Essa condição é conhecida como intolerância à histamina (HIT), ou também sensibilidade à histamina alimentar, e pode ocorrer devido a deficiência da enzima diamina oxidase (DAO), a principal responsável por quebrar a histamina no trato gastrointestinal. **Objetivo:** Analisar os principais fatores associados a intolerância à histamina, destacando os principais eventos desencadeadores envolvidos, a fim de descobrir se há prevalência de alguma causa. **Metodologia:** Realizou-se uma revisão sistemática, a qual tem como intuito explorar a intolerância à histamina e analisar as principais causas dessa patologia. A pesquisa foi realizada nas bases de dados PubMed, a partir das palavras-chave: “intolerância” e “histamina”. Para a pesquisa dos artigos, foram aplicados os seguintes filtros: texto completamente grátis, publicados a partir de 2018, e sobre a espécie humana, e excluídos os artigos do tipo revisão sistemática e relato de caso. Foram encontrados 11 artigos, dos quais foram selecionados 7, a partir da análise de seus resumos, tendo como critério de inclusão a presença de fatores relevantes e atuais e que elucidassem a patologia, e excluiu-se todos que não acrescentavam com a discussão. **Resultado:** A HIT pode ter etiologia genética, medicamentosa (efeito inibitório da DAO), por desnutrição (insuficiência de cofatores como vitamina C, vitamina B6 e cobre), por abuso de álcool (bloqueia a DAO) e por cursar com outras patologias, mas em todas as possibilidades o fator principal é a insuficiência de DAO no organismo, o que torna a ingestão de grandes quantidades de histamina em alimentos como peixes, carnes ou produtos armazenados em condições inadequadas um desencadeante de manifestações extraintestinais como eritema facial e urticária e sintomas gastrointestinais como diarreia, vômito, constipação e dor abdominal. Esses sintomas cursam tanto com HIT quanto com outras patologias do sistema gastrointestinal (SGI) que podem facilitar o surgimento de HIT, bem como a HIT agravar os sintomas de outras patologias. Isso acontece, por exemplo, com a síndrome do intestino irritável, que tem os antígenos alimentares como principal responsável de sua sintomatologia (80%). Ademais, a HIT tem características inespecíficas de sintomas e exames complementares o que a torna uma patologia de difícil diagnóstico. Exames como

o teste de histamina 50-skin-prick, determinação de histamina e seus metabólitos, biópsia intestinal e terapia diagnóstica são algumas das alternativas para determinar a HIT, mas nenhuma possui alta sensibilidade ou especificidade. Por fim, o tratamento da DAO é objetivamente a restrição de histamina na dieta e a suplementação de DAO com cápsulas contendo rim de porco que é rico em DAO. **Conclusão do trabalho:** A natureza não específica dos sintomas da HIT e a ausência de exames complementares eficazes ampliam o desafio diagnóstico. A abordagem terapêutica visa aliviar os sintomas e melhorar a qualidade de vida dos pacientes, embora o desafio permaneça em estabelecer uma abordagem diagnóstica e terapêutica universalmente eficaz para a HIT, visto que o conhecimento acerca da existência da doença e de quais alimentos contém histamina ainda não está amplamente disseminado, o que dificulta o processo terapêutico.

Palavras chave: Intolerância a histamina, sistema gastrointestinal, enzima diamina oxidase.

INTOLERÂNCIA À LACTOSE E SUAS MANIFESTAÇÕES EXTRA-INTESTINAIS

Bruna Eduarda Hochscheidt¹; Candice Franke Krumel²; Amanda Gabriela Wachter Motta³; Ingrid Pilz³; Larissa Orci Corrêa³; Larissa Rodrigues³; Caroline Wallau Fontana³.

¹ Autora Principal: Acadêmica de Medicina da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC);

² Orientadora: Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC);

³ Coautora: Acadêmica de Medicina da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC);

Contato: Bruna Eduarda Hochscheidt / brunahochscheidt@mx2.unisc.br

Introdução: A intolerância à lactose é uma síndrome na qual o indivíduo, após ingerir lactose ou alimentos que contenham essa substância, não conseguem realizar a digestão ou absorção desse dissacarídeo. Há uma deficiência na produção da enzima lactase, que, sob circunstâncias normais, hidrolisa a lactose no jejuno em seus componentes glicose e galactose. Na deficiência de lactase, a presença da lactose no intestino causa um aumento de líquido na luz intestinal em consequência do efeito osmótico dessa substância, o que pode causar diarreia. Quando o dissacarídeo se move para o cólon, as bactérias da flora intestinal fermentam, o que pode causar flatulência e diarreia, sendo esses os sintomas mais prevalentes. A patologia é muito prevalente na comunidade, já que, em média, 65% da população mundial a possui. A lactose está presente em diversos alimentos, e por esse motivo, é difícil controlar sua ingestão. Os sintomas advindos dessa síndrome são muito variados e embora sejam em maioria gastrointestinais, observa-se que muitos pacientes possuem também sintomas sistêmicos, fator motivador desta revisão bibliográfica. **Objetivo:** Analisar as principais manifestações clínicas envolvidas na Intolerância à Lactose, com ênfase nos sintomas extra-intestinais, a fim de descobrir se há relação entre o sistema gastrointestinal e outras partes do corpo. **Metodologia:** Revisão sistemática da literatura, de artigos publicados entre 2019-2023, em língua portuguesa ou inglesa, nas bases de dados SciELO Brasil, LILACS e PubMed. Utilizaram-se os descritores: “Intolerância à Lactose”, e “Sintomas Extra-intestinais”, e seus equivalentes em língua inglesa, manejados com o operador booleano “AND”. Foram selecionados 5 artigos. Os critérios de

exclusão incluíram casos de artigos de acesso limitado, títulos e resumos discrepantes do interesse da pesquisa. **Resultado:** Os principais sintomas extra-intestinais encontrados em pacientes com intolerância à lactose foram cefaléia, fadiga intensa, disfunção cognitiva, dores musculares e/ou articulares, lesões cutâneas e ulcerações na boca, sendo a cefaléia a mais prevalente (86%). Outros sintomas não tão recorrentes citados foram palpitações cardíacas, eczema, deterioração da memória, ansiedade, distúrbios menstruais, urticária, micção aumentada, acne e outros sinais alérgicos típicos de patologias como a rinite e a sinusite. Também, foi identificado na revisão bibliográfica que a disbiose intestinal, uma das consequências comuns da exposição recorrente à lactose, pode desencadear um quadro clínico de fibromialgia, tendo em vista o papel da microbiota local na produção de neurotransmissores moduladores do humor, como o GABA e a serotonina. Essas desordens extra-intestinais provavelmente decorrem da produção excessiva de acetona, acetaldeído, peptídeos e outros compostos tóxicos para o organismo, formados pela digestão indevida da lactose. **Conclusão do trabalho:** O consumo do açúcar do leite em pacientes com ausência ou redução da atividade da enzima lactase pode desencadear sintomatologias sistêmicas, essas acometendo desde o sistema musculoesquelético até o sistema nervoso, sendo a mais citada delas na literatura, a cefaléia. A fisiopatologia propulsora das manifestações extra-intestinais da intolerância decorre da formação de compostos tóxicos pela ausência de hidrolização da lactose, que tornam-se patognomônicos ao organismo. Entretanto, pela exposição ambiental da comunidade a múltiplos fatores agressores simultâneos e pelo compartilhamento das mesmas manifestações clínicas com outras patologias, o estabelecimento de uma relação-causa fidedigna entre os sintomas sistêmicos com a intolerância à lactose ainda não é bem concretizada na literatura.

Palavras-chave: Intolerância à Lactose, Cefaleia, Intolerância Alimentar.

DIAGNÓSTICO DE DIARRÉIA POR MÁ-ABSORÇÃO DE SAIS BILIARES: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Larissa Orci Corrêa¹; Caroline Wallau Fontana²; Larissa Rodrigues²; Anna Flávia Meira Rosa²; Gabriela dos Santos Diehl²; Victória Ribeiro²; Candice Franke Krumel³.

¹ Autora Principal: Acadêmica de Medicina da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC);

² Coautora: Acadêmica de Medicina da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC);

³ Orientadora: Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC).

Contato: Larissa Orci Corrêa / larissaorci@mx2.unisc.br

Introdução: Os ácidos biliares (ABs) derivam do metabolismo do colesterol e desempenham diversas funções químicas, fisiológicas e fisiopatológicas. Eles são liberados pelo fígado e, aproximadamente 95% deles são captados através de um sistema de transporte ativo no íleo terminal. O restante é transportado ao cólon, onde alguns são absorvidos de forma passiva. Alterações na circulação entero-hepática no metabolismo dos ácidos biliares levam à má absorção de gordura. Conseqüentemente, há a presença de esteatorréia e aumento na proporção de ácidos biliares secretados, que não são reabsorvidos no íleo. Em vez disso, os ácidos biliares atingem o cólon, onde causam diarreia ácida biliar

(DAB). Diferentes diagnósticos para a diarreia relacionados aos ABs não são reconhecidos por profissionais, caso forem, o tratamento pode ser adiantado em anos, melhorando o prognóstico de pacientes. **Objetivo:** Compreender os métodos diagnósticos disponíveis para avaliação da presença de má absorção de sais biliares. **Metodologia:** A análise conta com uma revisão da literatura na base de dado MEDLINE, utilizando os filtros; “Diarreia”, “Ácidos e Sais Biliares” e “Síndromes de Malabsorção”. Os descritores foram: “Ácidos e Sais Biliares” e “Diagnóstico”, com o operador booleano “AND”. Incluíram-se artigos de 2018 a 2023, na língua inglesa, sendo descartados os com resumo discrepante com o objetivo da pesquisa, resultando em 6 artigos. **Resultado:** Estudos demonstram que a triagem de microbiota intestinal - e seus metabólitos, principalmente dos ácidos biliares - por meio das fezes é mais eficaz para diagnosticar DAB, por conta de a maioria dos pacientes apresentarem diarreia crônica, visto que é um teste não invasivo, indo de encontro à colonoscopia, que se mostra ser prejudicial tanto psicologicamente quanto organicamente ao paciente. O teste padrão-ouro - mesmo tendo baixa especificidade e sensibilidade - é o de ácido homotaurocólico 75-selênio (75SeHCAT), embora não esteja amplamente disponível e tenha exposição à radiação. Além destes testes, há os exames de sangue para anemia e sorologia celíaca, que são mais comuns, mas outros testes diagnósticos específicos estão sob investigação, como o uso de biomarcadores séricos da síntese hepática de ácidos biliares, incluindo 7-alfa hidroxí-4-colesten-3-ona (C4) e o fator de crescimento fibroblástico 19 (FGF19). Ambos os marcadores foram correlacionados com a perda fecal de ácidos biliares, mas não são amplamente disponíveis e, se combinados, aumentam a sensibilidade. Atualmente, não existem valores de corte bem definidos para o diagnóstico da diarreia de ácidos biliares e uma validade clínica insuficiente está disponível com SeHCAT, C4 e FGF19. **Conclusão do trabalho:** Os perfis de ABs fecal e sérico podem ser marcadores substitutos para a composição da microbiota intestinal, auxiliando no diagnóstico da doença. Muitas vezes por falta de acesso a testes adequados, o diagnóstico é tardio, o que piora o prognóstico e a qualidade de vida do paciente. Por isso, são necessários mais estudos bem projetados comparando SeHCAT, ensaio C4, FGF19 e medição de ácido biliar total e primário nas fezes, com uma avaliação da eficácia clínica e medidas de resultado de segurança, a fim de ampliar o arsenal de testes diagnósticos utilizados na prática clínica.

Palavras-chave: Ácidos e Sais Biliares; Doenças Inflamatórias Intestinais; Diagnóstico Clínico.

O HIPOTIREOIDISMO ASSOCIADO À HIPERCOLESTEROLEMIA

Carmela Quaini Bresolin¹, Luiz Carlos Chicota²

¹ Autor principal: Graduação de Medicina da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

² Orientador: Doutorado em Ciências Farmacêuticas da Universidade Federal de Santa Maria

Contato: Carmela Quaini Bresolin / carmelabq@live.com

Introdução: O sistema endócrino é responsável pelo controle e regulação do organismo, os quais liberam hormônios importantes para o ser humano, como os hormônios tireoidianos, T3

e T4, reguladores chaves do metabolismo. Dentre suas diversas funções, destaca-se a manutenção do equilíbrio corporal, além de auxiliar na síntese proteica e agir nas funções cerebrais, bem como apresentam efeitos metabólicos e metamórficos. Quando esses hormônios tireoidianos estão em baixas concentrações chama-se hipotireoidismo, cuja doença pode ocasionar um aumento do colesterol sanguíneo, denominado de hipercolesterolemia. **Objetivos:** Uma das principais consequências do hipotireoidismo é a hipercolesterolemia, essa revisão de literatura procura ressaltar a associação entre esses dois distúrbios metabólicos. **Metodologia:** Nesta pesquisa foram utilizados fontes bibliográficas de livros, publicações periódicas e impressos diversos, publicados entre os anos de 2010 a 2022. Foram pesquisadas palavras-chave como: “dislipidemia”, “sistema endócrino”, “hormônios”, as quais foram pesquisadas no motor Google Acadêmico, UptoDate e Pubmed. **Resultados:** No Brasil, cerca de 15% da população acima de 45 anos sofre de algum problema relacionado a tireoide, enquanto que a incidência do hipotireoidismo na população masculina é de 3% e na população feminina é de 15%, conforme o Instituto da Tireoide. Estes resultados alarmantes intrigaram essa revisão de literatura, cujos distúrbios, seja o hipotireoidismo que é ocasionado pela elevação do hormônio tireostimulante (TSH) e diminuição de tiroxina (T4 livre), podendo ocasionar a falência tireoidiana, falência hipofisária ou falência do hipotálamo; seja a hipercolesterolemia, acúmulo de colesterol, especificamente o colesterol de baixa densidade, chamado de LDL, também conhecido como “colesterol ruim”. Sobre os tratamentos desses desconfortos hormonais, um dos principais e mais utilizados pela Sociedade Brasileira de Endocrinologia é a utilização do medicamento Levotiroxina, o qual pode reduzir os sintomas de hipotireoidismo e melhorar a qualidade de vida. **Conclusão:** Por fim, conclui-se a necessidade de ampliar a discussão da associação entre essas duas alterações metabólicas presente na vida dos indivíduos, as quais, fica evidente que a hipercolesterolemia é consequência da baixa disponibilidade dos hormônios tireoidianos, ou seja, o hipotireoidismo.

Palavras-chave: Colesterol, Lipólise, Hormônios tireoidianos

SEDENTARISMO E OBESIDADE: AVALIAÇÃO DO RISCO CARDIOVASCULAR EM ADULTOS BRASILEIROS

Paula Seixas Sallaberry Brião¹; Nicolas Rocha Avila²; Rafaella Zannetti Maximila²; Pamela Christine Campelo Kohn³.

¹ Autor Principal: Graduação de Medicina da Universidade Católica de Pelotas.

² Coautores: Graduação de Medicina da Universidade Católica de Pelotas.

³ Orientador: Universidade Católica de Pelotas.

Contato: Paula Seixas Sallaberry Brião / pseixas00@gmail.com

Introdução: A obesidade é uma doença crônica de etiologia multifatorial ocasionada predominantemente devido a um estilo de vida inadequado, fundamentado nos pilares do sedentarismo e de uma alimentação rica na ingestão de ultra processados. Sabe-se, que a adoção dessas práticas na rotina do indivíduo resulta em anormalidades metabólicas, especialmente em relação aos níveis lipídicos e pressóricos, além de promover resistência insulínica. As alterações mencionadas acima, propiciam uma cascata de reações prejudiciais as funções orgânicas, as quais, dependendo do grau

de acometimento são incapazes de retornar ao nível basal de normalidade, enfatizando a importância na prevenção para o ganho de peso. Nessa lógica, compreende-se que o excesso de gordura aumenta a predisposição e a morbidade de diversas doenças, no entanto, vale ressaltar que alguns fatores de risco cardiovascular podem ser modificáveis por meio de uma dieta balanceada associada a implementação da prática esportiva no cotidiano. **Objetivo:** Avaliar a relação entre o sedentarismo e obesidade, visando ressaltar os inúmeros impactos na saúde cardiovascular. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa na literatura, em que se consultou MEDLINE/PUBMED e Scientific Electronic Library Online (SciELO), com descritores “Cardiovascular Risk”, “Obesity” e “Sedentary Lifestyle”. Os critérios de inclusão foram: produções originais, em português, espanhol ou inglês, que retratassem os impactos do sedentarismo e da obesidade nas doenças cardiovasculares. Também, utilizou-se de cartilhas governamentais disponibilizadas pelo Ministério da Saúde. As buscas foram realizadas julho/2023. **Resultados:** Tanto o sedentarismo, como a obesidade são prejudiciais à saúde. No Brasil, é evidente a curva de crescimento da obesidade e mortes devido doenças cardiovasculares. Em 2021, a frequência de adultos obesos foi 22,4%, sendo semelhante entre ambos os gêneros, e evidenciando aumento desta frequência para mulheres de até 64 anos de idade. Ainda, segundo a Sociedade Brasileira de Cardiologia, estima-se que até 2040 haverá um aumento de até 250% de mortes devido doenças cardiovasculares no país, tornando-se um problema de saúde pública. O sedentarismo aumenta substancialmente a incidência relativa de doença arterial coronariana, infarto agudo do miocárdio e hipertensão arterial. Já a obesidade, é um fator de risco cardiovascular independente, capaz de influenciar os riscos cardiovasculares modificáveis. Devido a perpetuação desse comportamento não-saudável à população brasileira, o sedentarismo e a obesidade são um alerta ao país. **Conclusão:** O sedentarismo e a obesidade aumentam exponencialmente o risco para o desenvolvimento de doenças cardiovasculares e impactam de maneira notória na qualidade e expectativa de vida do cidadão. Portanto, mudanças no estilo de vida como reeducação alimentar e realização de exercícios físicos mostram-se essenciais para o alcance de resultados satisfatórios na busca da longevidade. Explicita-se que a adoção de hábitos saudáveis, a longo prazo, diminui os riscos de doenças cardiovasculares e aumenta a expectativa de vida populacional.

Palavras-chave: “Comportamento Sedentário”; “Fatores de Risco de Doenças Cardíacas”; “Obesidade”.

TUMOR DESMOPLÁSICO DE PEQUENAS CÉLULAS REDONDAS, UMA NEOPLASIA DE DIFÍCIL DIAGNÓSTICO

Helen Luiza Bledow Rozin¹; Alexia Amanda Pinheiro²; Karol Bade Sonda²; Ana Mercedes Bianchi Tessari²; Rafaela Kirchner Piccoli.³

¹ Autor principal: Graduação de Medicina da Universidade Regional Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ);

² Coautor: Graduação de Medicina da Universidade Regional Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ);

³ Orientador: Médica Oncologista. Preceptora da Residência Médica em Oncologia Clínica e em Clínica Médica do Hospital de Clínicas de Ijuí. Docente do Curso de Graduação de Medicina da Universidade Regional Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ);

Contato: Helen Luiza Bledow Rozin / Contato: helen.rozin@sou.unijui.edu.br

Introdução: O Tumor Desmoplásico de Pequenas Células Redondas (TDPCR), é uma neoplasia agressiva rara, pertencente ao grupo dos sarcomas de partes moles. Afeta predominantemente homens jovens, com idade média de 21 anos, envolvendo principalmente, retroperitônio, pelve, omento e mesentério. Possui taxa de sobrevida relatada de 15% em 5 anos, com média de 17 meses, sendo diagnosticada na maioria das vezes, em estágio avançado devido apresentação clínica inespecífica, contribuindo para seu difícil diagnóstico. A partir disso, denota-se interesse no estudo clínico acerca do TDPCR, visando compreender e contribuir com a breve literatura existente. **Objetivo:** Descrever dados epidemiológicos, manifestações clínicas, diagnóstico, tratamento e prognóstico do TDPCR, objetivando auxiliar a comunidade médica e acadêmica a caracterizar precocemente essa malignidade, a fim de buscar melhores perspectivas sob o prognóstico da doença. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão narrativa, realizada por meio da base de dados PubMed utilizando como descritores “desmoplastic small round cell tumor”. Desta busca, selecionou-se dez artigos que melhor abordavam a temática proposta. **Resultado:** O TDPCR constitui-se como um tumor peritoneal primário altamente agressivo de ocorrência rara, com mau prognóstico quando diagnosticado. Afeta principalmente adultos jovens, entre 18 a 25 anos, predominando no sexo masculino. Descrito pela primeira vez na literatura em 1989 por Gerald e Rosai, como um tumor maligno intra-abdominal desmoplásico de pequenas células com diferenciação imunocitoquímica de células epiteliais, neuroendócrinas e musculoesqueléticas. Os sinais e sintomas do TDPCR são inespecíficos, sendo comum o diagnóstico em estágios avançados. Na maioria das vezes encontra-se grande massa intra-abdominal ou retroperitoneal/pélvica com múltiplos implantes nodulares e sítios de metástase para linfonodos, fígado e pulmões. Ademais, a sintomatologia pode incluir dor abdominal, emagrecimento, ascite, constipação e hepatomegalia. Embora acometa principalmente a cavidade abdominal, já foram relatados casos extra-abdominais. Além da apresentação clínica inespecífica, outro desafio ao diagnóstico é sua aparência morfológica semelhante a outros tumores de pequenas células redondas. Todavia, as características do TDPCR são bem definidas. A análise histopatológica evidenciando pequenas células redondas azuis separadas por abundante estroma desmoplásico, associada a estudo imuno-histoquímico, apresentando positividade para marcadores epiteliais de citoqueratina e antígeno de membrana epitelial; marcadores mesenquimais desmina e vimentina; marcador neural enolase-neurônio específico e, proteína S100, são úteis para chegar ao diagnóstico. Em casos questionáveis indica-se verificação da translocação cromossômica específica: t(11;22)(p13;q12), que envolve fusão do gene EWS com o gene WT1 (EWS-WT1), presentes também, no Sarcoma de Ewing e Tumor de Wilms, respectivamente. Atualmente, mesmo existindo diversas modalidades de tratamento, ainda não existem ensaios clínicos apoiando estratégias terapêuticas eficientes. Apesar do esquema terapêutico para sarcoma de Ewing, cirurgia para redução de volume, radiação do abdome e altas doses de quimioterapia com transplante autólogo de células-tronco, não se constatou melhora significativa na evolução da doença. A ressecção total do tumor pode melhorar a sobrevida, principalmente nos TDPCR não metastáticos. Contudo, esse método muitas vezes é impossível quando a doença já progrediu. Portanto, apesar de limitada a literatura a respeito desse tumor, conclui-se que é essencial reconhecê-lo como diagnóstico diferencial em pacientes jovens, com queixas abdominais inespecíficas, quando identificados doença

peritoneal disseminada sem visualização de lesão primária. Nesses casos, levantar alto grau de suspeição pode proporcionar diagnóstico e planejamento terapêutico precoce, podendo ser fator determinante no prognóstico da doença. **Conclusão do trabalho:** Por meio da presente revisão, foi possível comparar as características clínicas, epidemiológicas, laboratoriais e a grande dificuldade em instituir um tratamento/diagnóstico eficaz para conter a evolução da patologia e evitar desfechos desfavoráveis. Em vista disso, devido sua raridade, a doença segue sendo um grande desafio e, por tal motivo, torna-se de extrema importância seu estudo, dispondo-se de repercussões positivas na vida do paciente afetado.

Palavras-chave: Tumor Desmoplásico de Pequenas Células Redondas. Neoplasia. Sarcoma.

ÁREA: DIAGNÓSTICO POR IMAGEM

REVISÃO DA LITERATURA: USO DO DOPPLER TRANSCRANIANO NO MANEJO E NA PREVENÇÃO DA DOENÇA CEREBROVASCULAR ISQUÊMICA

Carlos Eduardo Gasparetto¹; Eduarda Morbach²; Gabriela Fleck Santos²; João Fajer Millman²; Luiza Costa Gomes²; Diego Sgarotto Ribeiro³

¹ Autor Principal: Aluno de Graduação de Medicina na Universidade Luterana do Brasil (ULBRA)

² Coautores: Aluno(a) de Graduação em Medicina na Universidade Luterana do Brasil (ULBRA)

³ Orientador: Médico especialista em Radiologia e Diagnóstico por Imagem pelo Instituto de Cardiologia do Rio Grande do Sul (IC-FUC); Mestre em Medicina: Ciências Cirúrgicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Contato: Carlos Eduardo Gasparetto / Carlos.gasparetto09@gmail.com

Introdução: O Doppler Transcraniano (DTC) é uma técnica de Ultrassonografia (US; ou Ecografia) diagnóstica rápida e não invasiva que pode fornecer medições das mudanças relativas na velocidade do fluxo sanguíneo cerebral (FSC). Inicialmente descrito por Aaslid et al. (1982), suas indicações se expandiram acentuadamente na avaliação e na prevenção de isquemias cerebrovasculares. Apesar de seu uso crescente, os achados do DTC são altamente dependentes da experiência e da habilidade do operador para uma interpretação precisa das imagens obtidas e análise dos resultados. **Objetivos:** Analisar o uso da US Doppler por via transcraniana no manejo e na prevenção da doença cerebrovascular isquêmica através de uma revisão da literatura médica atual. **Metodologia:** Foi conduzida uma revisão da literatura científica que procurou artigos publicados na base de dados eletrônica internacional *PubMed*, datados do período entre os anos de 2005 e 2023, utilizando como tema de busca o “uso do Doppler transcraniano”. Foram selecionados então um total de 12 artigos que especificamente abordam o assunto de pesquisa. **Resultados:** Os estudos incluídos na presente revisão analisaram a utilização da US Doppler por via transcraniana (DTC) na avaliação diagnóstica de isquemia cerebrovascular aguda. A técnica oferece eficiência e agilidade na sala de urgência/emergência, uma vez que fornece informações dinâmicas da circulação cerebral ao avaliar, em tempo real, as artérias carótida interna (ACI), cerebral média (ACM), anterior (ACA) e posterior (ACP).

No contexto de um acidente vascular cerebral isquêmico (AVCi), o DTC possui uma especificidade de 90% em demonstrar oclusão da ACM dentro de 5 horas, apresentando importante valor diagnóstico e possibilitando auxílio terapêutico ao avaliar a recanalização arterial no segmento acometido, após tratamento vascular por meio de trombólise intravenosa. Sua técnica se baseia na emissão de ondas para avaliar o fluxo sanguíneo intravascular. A partir da liberação de pulsos de ondas sonoras e do emprego do efeito Doppler, é possível observar aumentos segmentares da velocidade de perfusão, presença ou ausência de fluxo turbulento, alteração da curva espectral do fluxo sanguíneo de um vaso e assimetria nas velocidades de fluxo sanguíneo. Com a análise dessas características, o método de US DTC possibilita monitorar a formação de microêmbolos, fornecendo valor etiológico, prognóstico e preventivo para casos de doenças cerebrovasculares sintomáticas. Dentre as principais etiologias dos distúrbios clínicos cerebrovasculares, agravos como aterosclerose da artéria carótida, dissecação carotídea, fibrilação atrial, válvulas cardíacas protéticas (artificiais) e embolia gordurosa têm sido identificados como fontes tromboembólicas que podem causar oclusão de vasos de médio e grande calibre, sendo essas lesões frequentemente associadas à detecção de microêmbolos na US DTC. Em um estudo, 45% dos pacientes com estenose sintomática da artéria carótida apresentaram sinais de microêmbolos na ACM ipsilateral, e estes achados corresponderam a um risco significativamente aumentado de acidente vascular cerebral homolateral subsequente, bem como de ataques isquêmicos transitórios. Apesar das opções de uso da técnica DTC, o método possui desvantagens, sendo a principal delas a dependência de um operador experiente no comando do equipamento, o qual possua habilidade de conhecimento anatômico arterial. **Conclusão:** A análise de artigos atuais mostra que o emprego do DTC em casos de isquemia cerebrovascular aguda tem relevância, ao proporcionar avaliação dinâmica e ágil da circulação cerebral associada ao diagnóstico precoce das principais artérias cerebrais, fornecendo dados clínicos cruciais como a detecção de microêmbolos. Estes achados enriquecem a compreensão etiológica, prognóstica e preventiva das doenças cerebrovasculares. Todavia, deve-se reconhecer suas limitações, principalmente a dependência da habilidade e do conhecimento anatômico do operador, fato que impacta na sua aplicabilidade. Ainda assim, ao considerar seu potencial e suas restrições, o Doppler Transcraniano representa uma ferramenta valiosa na avaliação e no tratamento das doenças cerebrovasculares isquêmicas.

Palavras chave: Ultrassonografia Doppler Transcraniano, AVC Isquêmico, Êmbolo da artéria cerebral média.

ÁREA: EDUCAÇÃO MÉDICA

EFETIVIDADE DE UM CURSO PRÁTICO DE SUTURAS PARA EVOLUÇÃO DAS HABILIDADES EM TÉCNICA OPERATÓRIA DE ACADÊMICOS DE MEDICINA

Eduardo Rockenbach Fidélis¹, Isabela Fachinetto Thoen², Gabriela Pereira Macelaro², Pedro Henrique Filipin Von Muhlen², Pedro Henrique Paesi Dutra², Ana Carolina Gonçalves Castelo², Mariana Angelica Berardi Cioffi³

¹Autor Principal: Graduando de Medicina da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre;

² Coautor: Graduando em Medicina da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre;

³ Orientador: Hospital de Pronto Socorro de Porto Alegre;

Contato: Eduardo Rockenbach Fidélis/ eduardo.fidelis@ufcspa.edu.br

Introdução: No campo da medicina, a busca pelo aprimoramento profissional é uma jornada contínua é essencial para oferecer um atendimento de qualidade aos pacientes. Em um contexto onde habilidades práticas são tão valorizadas quanto o conhecimento teórico, cursos extracurriculares desempenham um papel crucial no desenvolvimento dos profissionais de saúde. Nesse sentido, este relato de experiência apresenta um curso de suturas que abordou noções essenciais de bloco cirúrgico e técnicas operatórias, ministrada por residentes de cirurgia plástica e membros de uma liga de cirurgia plástica. **Objetivos:** Analisar a progressão dos estudantes de medicina pré e pós curso, evidenciando a relevância de um treinamento extracurricular de suturas para aprimorar a competência prática nessa habilidade essencial. **Metodologia:** A primeira etapa do curso de suturas foi ministrada por residentes de cirurgia plástica com o tema “noções essenciais de bloco cirúrgico e técnica operatória” e a segunda etapa consistiu na prática de 7 pontos cirúrgicos. Foi aplicado um termo de consentimento livre e esclarecido e dois formulários de avaliação de conhecimentos, um antes e outro após o curso prático de sutura. O primeiro avaliava a experiência prévia com a sutura e outras seis perguntas avaliando as habilidades em realizar ponto simples, chuleio simples, chuleio ancorado, ponto em X, intradérmico e Donatti, com as opções de resposta “Nunca realizei uma”, “Ruim”, “Regular”, “Bom” e “Ótimo”. O segundo solicitava a autoavaliação quando as suas habilidades em realizar os mesmos seis pontos após a realização do curso com os descritores: “Ruim”, “Regular”, “Bom” e “Ótimo”. **Relato da experiência:** 20 alunos foram analisados durante o curso. No questionário pré-curso, 16 (80%) relataram não ter experiência em suturas, enquanto 4 (20%) já haviam tido algum contato prévio com a prática. Desses, 3 consideraram suas habilidades em realizar pontos simples, chuleio simples e sutura intradérmica como regulares, e 1 como ruins. Quanto à sutura Donatti, 2 estudantes avaliaram suas habilidades como ruins. No questionário pós-curso, o ponto simples demonstrou a maior evolução: 11 (55%) estudantes avaliaram sua competência como ótima, 6 (30%) como boa e 3 (15%) como regular. Para o chuleio simples, 5 (25%) consideraram suas habilidades ótimas e 11 (55%) como boas. Por outro lado, as suturas com menor progresso foram a Donatti: 12 (60%) consideraram sua aptidão como regular e 1 (5%) como ruim. A sutura intradérmica teve 10 (50%) avaliações como regulares e 2 (10%) como ruins. **Discussão:** Em conclusão, a avaliação comparativa dos resultados pré e pós-curso entre os 20 alunos de medicina revela a eficácia substancial de um curso extracurricular de suturas. Inicialmente, a maioria carecia de experiência prática, destacando a necessidade de um treinamento especializado. Após o curso, observou-se um notável avanço nas habilidades de suturas, com pontos simples e chuleios simples demonstrando melhorias substanciais na maioria dos alunos. Essa evolução evidencia a relevância de uma abordagem prática, como a oferecida pelo curso, para a aquisição e aprimoramento das habilidades suturais. No entanto, também se torna claro que suturas mais complexas, como a Donatti e a intradérmica, requerem um aprofundamento adicional, visto que uma parcela

significativa dos alunos ainda as avaliou como regulares ou ruins após o treinamento. Em suma, este relato de experiência destaca que um curso extracurricular de suturas desempenhou um papel crucial no desenvolvimento das habilidades suturais dos alunos de medicina. Além disso, ressalta a importância contínua da prática e do aprendizado progressivo para aprimorar habilidades cirúrgicas mais complexas, promovendo um caminho contínuo de aperfeiçoamento na formação médica.

Palavras-chave: suturas; prática; curso.

RELEVÂNCIA DE ATIVIDADES PRÁTICAS EXTRACURRICULARES PARA APRIMORAMENTO DO CONHECIMENTO EM CONDUTAS DE URGÊNCIA E EMERGÊNCIA POR ESTUDANTES DE MEDICINA.

Gabriel Fiorio Grando¹, Vinícius Kayser², Isabela Fachinetto Thoen², Yasmin de França², Ana Carolina Gonçalves Castelo², Roberta Rahal de Albuquerque³

¹ Autor Principal: Graduando de Medicina da Universidade Luterana do Brasil;

² Co Autor: Graduando em Medicina da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre;

³ Co Autor: Graduanda em Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Contato: Gabriel Fiorio Grando/ gabrielfiorigrando@hotmail.com.

Introdução: A realização de estágios extracurriculares é uma prática comum entre os estudantes de medicina¹, sendo que a realização desses estágios está associada à melhor performance acadêmica dentro das faculdades, além do desenvolvimento de habilidades de comunicação, de trabalho em equipe e de pesquisas científica^{2,3}. Desse modo, observa-se que a participação em ligas acadêmicas de medicina é uma forma para acessar tais estágios, uma vez que essas possuem vínculo com serviços e hospitais da região, possibilitando uma melhor aquisição de conhecimento pelos estudantes em prática e condutas realizadas no contexto de urgência e emergência médicas. **Objetivos:** Demonstrar que a participação de acadêmicos em atividades práticas extracurriculares, como por exemplo estágios, visa proporcionar o aprimoramento do conhecimento no atendimento de emergência/pronto-atendimento. **Metodologia:** A participação no estágio extracurricular com ênfase no atendimento do paciente grande queimado ocorre mediante a disponibilização de turnos semanais conforme interesse e necessidade de auxílio dos cirurgiões plásticos, os quais constituem a escala. O foco principal do estágio é a observação e acompanhamento da conduta adequada para o tratamento de pacientes grandes queimados, desde o atendimento, procedimentos na emergência até a atuação cirúrgica destes casos. **Relato da experiência:** É proporcionado aos acadêmicos a aquisição de habilidades em campo cirúrgico, tais como aplicação de anestésicos e suturas, aprendizado de paramentação, comportamento em ambiente estéril, como, por exemplo, colocar a luva estéril adequadamente. Além disso, aulas e capacitações são oferecidas pelos preceptores aos acadêmicos para um melhor entendimento das condutas, fortalecendo o conhecimento que é visto na prática. Há compreensão do tratamento imediato, como a adequação da hidratação conforme a extensão da queimadura, curativos pós enxertia e pós desbridamento, que é de vital importância para o melhor desfecho dos pacientes. **Discussão:** A

participação em atividades práticas extracurriculares, como estágios e ligas acadêmicas, proporcionam uma oportunidade única para os acadêmicos aprimorarem suas habilidades e conhecimentos, especialmente no contexto do atendimento de emergência e pronto-atendimento. Através da observação direta e da prática, os estudantes vivenciam situações reais de atendimento, o que melhora a compreensão das abordagens e condutas necessárias para o tratamento adequado, contribuindo em suas formações.

Palavras-chave: Aprimoramento; estudantes; prática.

RELATO DE EXPÊRIÊNCIA: MONITORIA ACADÊMICA COMO INSTRUMENTO DE COOPERAÇÃO MÚTUA ENTRE O CORPO DISCENTE E DOCENTE

Natalia Alini Haubenthal¹; Gisandra de Fátima Stangherlin²; Kelly de Oliveira Harada³.

¹ Autora: Acadêmica de Medicina da Universidade Franciscana, Santa Maria, RS, Brasil;

² Coautora: Acadêmica de Medicina da Universidade Franciscana, Santa Maria, RS, Brasil;

³ Orientadora: Professora do Curso de Medicina da Universidade Franciscana, Santa Maria, RS, Brasil.

Contato:Natalia Alini Haubenthal /nataliahaubenthal@gmail.com

Introdução: A monitoria acadêmica é uma modalidade de ensino-aprendizagem, dentro das necessidades de formação acadêmica, que objetiva despertar o interesse pela docência, mediante o desempenho de atividades ligadas ao ensino. Na prática, o aluno atua como uma espécie de professor, ao desenvolver tarefas nos campos científico e pedagógico, com a supervisão do docente. A prática da monitoria no contexto educativo, data de longo tempo e se define como processo alternativo de trabalho pedagógico, pelo qual alunos auxiliam alunos na aquisição de conhecimento e assegura a oportunidade de cooperação mútua entre professores e alunos enriquecendo a formação acadêmica. Embora não seja uma atividade obrigatória, as monitorias vêm ganhando espaço no contexto da realidade educacional das instituições de educação superior, com o desenvolvimento do pensamento pedagógico de orientação crítico-progressista. Ademais, o propósito da monitoria é aprofundar conhecimentos teóricos e práticos, que instigam a satisfação pela área da pesquisa e carreira acadêmica ao aperfeiçoar as habilidades do estudante e enriquecer o currículo acadêmico e profissional. Por conseguinte, com vistas na cooperação ativa, o monitor pode, caso haja bolsa-auxílio disponível, receber mensalmente um valor monetário, que favorece a permanência estudantil nas instituições de nível superior. **Objetivo:** Relatar a experiência das atividades desenvolvidas durante a realização da monitoria acadêmica no curso de Medicina. **Metodologia:** Relato de experiência referente à monitoria acadêmica executada na disciplina de Mecanismos Bioquímicos, Histológicos e Anatomofisiológicos do Ser Humano I, do primeiro semestre do curso de Medicina de uma Instituição de Ensino do Rio Grande do Sul, durante o primeiro semestre de 2023, com carga horária de 12 horas semanais. As atividades foram estabelecidas de acordo com o Plano de Ensino da disciplina contemplando auxílio em aulas práticas, além de orientações, discussões de conteúdo e esclarecimento de dúvidas da turma. **Relato de Experiência:** A experiência da monitoria

acadêmica pode ser expressa no desenvolvimento de duas grandes habilidades: a de aluno e de multiplicador do conhecimento. Como tratava-se de alunos do primeiro semestre a tarefa primária era acalmá-los diante do grande conteúdo e direcioná-los aos pontos mais relevantes. Portanto, para alcançar esses objetivos e ser útil aos professores e aos colegas recém-chegados ao curso, durante a vivência da monitoria foi preciso maior compreensão e domínio dos conteúdos dessa disciplina complexa e extensa, que envolve 4 áreas de grande importância (anatomia, histologia, bioquímica e fisiologia) ampliando limites do conhecimento e desenvolvendo desenvoltura pedagógica. Para que a construção do conhecimento fosse potencializada, foi necessário desenvolver habilidades de dinamismo, empatia, criatividade e facilitação. Além disso, a criação de portais de comunicação instantâneos, via ferramentas digitais, favoreceu a transferência positiva de conteúdos por meio de discussões, resolução de dúvidas e organização do cronograma de atividades, incluindo revisões antes das provas a fim de reforçar conteúdos e minimizar ansiedade. **Discussão:** O curso de Medicina exige estudo constante e compreende um vasto conteúdo. Nesse sentido, a monitoria serve como um facilitador na construção do conhecimento dos alunos exigindo empenho individual de cada aluno-monitor nesse processo. É importante ressaltar que a prática da monitoria representou um grande desafio, porque, além de ser uma experiência nova, exigiu organização e planejamento para haver conciliação com as demais atividades do curso, que possui uma carga horária considerável. A experiência proporcionada pela monitoria é engrandecedora, pois permite aprimorar o aprendizado, conviver com mestres de notório saber, dividir conhecimentos e experiências, além de permitir trabalhar a timidez e insegurança. Cabe salientar que a monitoria permite um trabalho colaborativo recíproco entre alunos e professores que traz vantagens para ambos, aos professores o reforço do conteúdo por eles ministrados e aos alunos a aquisição e consolidação do aprendizado e desenvolvimento de habilidade pedagógica.

Palavras-chave: Educação; Ensino; Acadêmico.

LIGA ACADÊMICA DE CLÍNICA MÉDICA COMO POTENCIAL DISSEMINADORA DO COMBATE À VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E DE GÊNERO: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Kelen Lize Biazi¹; Rilary Silva Sousa²; Renata Assoni da Silva³; Maria Lúcia Romio Moi³; Maria Fernanda BURGEL Stefani³; Alan Christmann Fröhlich⁴.

¹ Graduação em Medicina da Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Passo Fundo-RS;

² Graduação em Medicina da Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Passo Fundo-RS;

³ Graduação de Medicina da Universidade Atitus;

⁴ Alan Christmann Fröhlich: Neurologista, preceptor da Liga Acadêmica de Clínica Médica do Hospital de Clínicas de Passo Fundo (HCPF) e professor titular da Universidade Atitus.

Contato:Kelen Lizi Biazi /kelenbiazi@gmail.com

Introdução: A política nacional de saúde da mulher é reconhecida por ser uma das mais bem sucedidas. Para isso, a Saúde Coletiva e suas vertentes foram fundamentais, dado que, por meio delas, houve a subversão da rasa teoria de que saúde referia-se apenas à ausência de doença. Assim, convém destacar a violência doméstica e

de gênero, mazelas que lamentavelmente ainda perfazem milhares de vítimas e que, portanto, devem ser erradicadas com urgência. Dessa forma, relata-se caso de aplicação do viés holístico de saúde por estudantes de Medicina objetivando combater esse infortúnio social. **Objetivos:** Oferecer orientação a jovens em situação de vulnerabilidade socioeconômica a respeito da violência doméstica e de gênero, para que tenham ciência da gravidade e do caráter punitivo-criminal dessas agressões, bem como dos canais de ajuda institucional. Em adição, aplicar a perspectiva biopsicossocial da saúde na cidade de Passo Fundo-RS, que, apesar de considerada um polo médico-hospitalar do norte gaúcho, carece de iniciativas dos profissionais em formação da área perante a comunidade local. **Metodologia:** Trata-se de um relato de experiência apresentado em ordem cronológica e de natureza descritiva cuja atividade descrita foi realizada por membros da Liga Acadêmica de Clínica Médica do Hospital de Clínicas de Passo Fundo-RS (LACM-H-CPF) na ONG Amor, com o suporte de uma assistente social especializada no assunto. **Relato da experiência:** Reuniram-se, em uma sala de aula, duas turmas do programa social acima referido para receberem a palestrante - responsável administrativa do CRAM (Centro de Referência de Atendimento à Mulher) - e os estudantes de Medicina. Após esse momento, foi questionado ao público o que este considerava por “violência doméstica”, momento que oportunizou o detalhamento de suas diversas vertentes: física, psicológica, moral, sexual e patrimonial. O diálogo seguiu-se a partir dos meios pelos quais comumente se iniciam relacionamentos agressivos: ofensas sutis de evolução gradual. Nesse sentido, orientou-se os jovens sobre a conduta a ser tomada, seja na posição de observador, seja na posição de vítima, referenciando a importância do CRAM posteriormente à denúncia pelo Disque 180. Por fim, exploraram-se as diversas iniciativas de amparo da instituição, principalmente em termos psicológicos e de segurança pessoal. A presença dos universitários, durante toda a palestra, foi crucial, pois não apenas relataram experiências empíricas que configuram sinais de alerta, como corroboraram o impacto extremamente danoso provocado pela violência na qualidade de vida. **Discussão:** Conforme a Organização Panamericana de Saúde (OPS), os serviços de saúde são os mais pertinentes quando se idealiza uma resposta multisetorial à violência, dado que suas repercussões são reportadas direta ou indiretamente ao pessoal da saúde. Além disso, esse setor, pela estreita relação comunitária estabelecida a partir de campanhas profiláticas, representa um dos mais confiáveis à abertura das mulheres em situação de risco. Contudo, apesar desse âmbito estar responsabilizado pelo combate a essa adversidade por políticas de segurança pública nacionais, a dominação simbólica refletida nas relações patriarcais acarreta o não reconhecimento desta como um problema de saúde pública com grave desrespeito aos direitos humanos (TERRA, M.F., D’OLIVEIRA, A.F.P.L., 2022). Todavia, quando ao menos um integrante da equipe de atenção básica possui conhecimento de domínio sobre a temática, este tende a sensibilizar os demais membros a efetuar abordagens de atendimento focadas na vítima, sobretudo quando há o suporte de um assistente social engajado (CONCEIÇÃO, H.N., MADEIRO, A.P., 2022). Portanto, nota-se a relevância da prática relatada, dado que sedimenta desde já no imaginário do estudante de Medicina a urgência de, futuramente, compreender a escuta qualificada e o estreitamento de vínculos como ferramentas de prevenção e detecção precoce de abusos.

Palavras-chave: Atenção Primária à Saúde; Estudantes de Medicina; Mulheres; Política de Saúde; Violência.

ÁREA: EPIDEMIOLOGIA

ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DAS INTERNAÇÕES POR HIPERPLASIA DA PRÓSTATA NOS ÚLTIMOS 11 ANOS

Eloize Feline Guarnieri¹; Aleff Kury Berthier²; Arthur Moretto Marques²; Antônio Carlos Ared²; Mirella de Campos Andrade²; Carlos Teodósio da Ros³.

¹ Autor Principal: Graduação de Medicina da Universidade Luterana do Brasil - Canoas/RS;

² Co-autor: Graduação de Medicina da Universidade Luterana do Brasil - Canoas/RS;

³ Orientador, Professor Adjunto: Universidade Luterana do Brasil - Canoas/RS Contato:Eloize Feline Guarnieri /guarnierieloize@rede.ulbra.br

Introdução: A hiperplasia benigna de próstata ou hiperplasia prostática benigna (HPB) é uma doença caracterizada pela hiperplasia das células do estroma e do epitélio prostático, observada em homens a partir dos 40 anos de idade. De acordo com a Sociedade Brasileira de Urologia (SBU), é o tumor mais frequente no homem. **Objetivo:** O presente trabalho tem como objetivo avaliar o perfil epidemiológico das internações por hiperplasia da próstata nos últimos 11 anos, nas regiões do Brasil. **Metodologia:** Foi realizado um estudo transversal descritivo. Os dados utilizados foram obtidos do Sistema de Informações Hospitalares do Sistema Único de Saúde disponíveis para consulta no banco do Departamento de Informática do Ministério da Saúde e da população do censo brasileiro de 2022. Para a análise foi criado um banco de dados específico em planilha eletrônica com a população e o número de internações por HPB nas regiões do Brasil, de acordo com a faixa etária e raça, do período de janeiro/2012 a dezembro/2022. **Resultados:** Entre os anos de 2012 e 2022, um total de 199.154 internações foram registradas devido a hiperplasia da próstata no Brasil. Essas internações foram distribuídas em diferentes regiões do país, com 47,5% ocorrendo na região Sudeste, 24,3% na região Nordeste, 14,9% na região Sul, 7,1% na região Norte e 6,3% na região Centro-Oeste. Quanto à faixa etária, observou-se que ocorreram 467 internações entre os 30 e 39 anos, 2669 internações entre os 40 e 49 anos, 25887 internações entre os 50 e 59 anos, 80090 internações entre os 60 e 69 anos, 69919 internações entre os 70 e 79 anos, e 20122 internações em pacientes com mais de 80 anos de idade. Em relação à raça, verificou-se que 36,5% eram da cor branca, 33,8% pardos, 23,2% não possuíam informações disponíveis sobre esse dado específico, 4,7% eram da cor preta, 1,7% eram da cor amarela e 0,1% indígenas. **Conclusão:** Os resultados demonstram que em relação a distribuição das internações entre as regiões, a região Sudeste é a região com maior índice de casos, seguida da região Nordeste com números também muito consideráveis. No que diz respeito à idade dos pacientes, o número de internações revelou uma maior incidência em homens entre os 60 e 69 anos e, em relação à cor/raça, os homens de cor branca apresentaram maior taxa de internações. Não existe nenhuma forma de prevenção da HBP, mas sim das suas complicações. Por isso, é importante que os homens realizem consultas anuais com urologistas, a partir dos 40 anos de idade, para acompanhar esta doença, tratar seus sintomas, prevenir as complicações e rastrear o câncer de próstata.

Palavras-chave: Hospitalização; Próstata; Brasil.

CARACTERÍSTICAS DAS INTERNAÇÕES POR DIABETES POR REGIÃO, IDADE E COR DA PELE, BRASIL/2022

Júlia Cypriano Tomasiak¹; Gabriela Uberti²; Monique Fonini Trevisan²; Carolina Decó Marques da Silva²; Luiza Ranzi da Costa²; Eloize Feline Guarnieri²; Elson Romeu Farias³.

¹ Autor Principal: Graduação de Medicina da Universidade Luterana do Brasil - Canoas/RS;

² Coautor: Graduação de Medicina da Universidade Luterana do Brasil - Canoas/RS;

³ Orientador: Universidade Luterana do Brasil - Canoas/RS;

Contato: Júlia Cypriano Tomasiak/juliatomasiak@rede.ulbra.br

Introdução: O Diabetes Mellitus (DM) é um grupo de doenças que resultam em hiperglicemia devido à deficiência de insulina. O aumento da expectativa de vida contribuiu para o crescimento significativo da população idosa. Esse aumento trouxe consigo desafios relacionados à saúde, como a adoção de estilos de vida mais sedentários e um maior consumo de alimentos gordurosos, isso tem levado tanto ao aumento da obesidade como da DM e, conseqüentemente, ao aumento de diversas doenças agudas e crônicas. Portanto, é de extrema importância a implementação de medidas de monitoramento da doença e incentivar a população a ter hábitos de vida saudáveis, como a prática de atividades físicas aliada a uma alimentação saudável, a fim de identificar a doença precocemente e evitar possíveis agravos. **Objetivo:** O presente trabalho tem como objetivo avaliar o perfil epidemiológico das internações por DM no Brasil no ano de 2022. **Metodologia:** Foi realizado um estudo transversal descritivo. Os dados utilizados foram obtidos do Sistema de Informações Hospitalares do Sistema Único de Saúde disponíveis para consulta no banco do Departamento de Informática do Ministério da Saúde e da população do censo brasileiro de 2022. Para a análise foi criado um banco de dados específico em planilha eletrônica com a população e o número de internações por DM nas regiões do Brasil, de acordo com o sexo, cor da pele e faixa etária, do período de janeiro a dezembro/2022. **Resultados e discussão:** Os dados epidemiológicos relativos ao ano de 2022 revelaram um total de 137.242 internações por Diabetes mellitus no Brasil. Destes, a região Norte apresentou a maior prevalência, com 86,28 casos por 100 mil habitantes, seguida pela região Nordeste com 79,34 casos, Sul com 60,25 casos, Centro-oeste com 57,46 e Sudeste com 57,17 casos. Essa alta prevalência na região norte pode ter relação com fatores socioeconômicos como um menor acesso a cuidados de saúde adequados e uma educação limitada sobre saúde. Quanto à distribuição por sexo, observou-se que 51,9% das internações ocorreram em indivíduos do sexo masculino, enquanto 48,1% ocorreram no sexo feminino. Ademais, em relação à faixa etária, constatou-se que 70,9% das internações ocorreram em indivíduos com idade acima de 49 anos, com parcelas específicas de 19,2% entre 50 e 59 anos, 24,2% entre 60 e 69 anos, 18,2% entre 70 e 80 anos e 9,3% acima de 80 anos. Essa elevada prevalência em indivíduos com mais de 50 anos pode ter relação com a diminuição na prática de exercícios físicos, redução na sensibilidade à insulina, causada pelo processo de envelhecimento e pela predisposição genética. Com relação à etnia, os dados demonstraram que 46,7% das internações concentraram-se em indivíduos classificados como pardos, 26,1% em brancos, 4,9% em pretos, 1,9% em amarelos e, ainda, 0,3% em indígenas. Essas dis-

crepâncias podem estar relacionadas a fatores socioeconômicos, acesso a serviços de saúde e desigualdades raciais. **Conclusão:** O aprimoramento das estratégias para a conscientização, detecção precoce, tratamento adequado e monitoramento contínuo dos pacientes com diabetes mellitus são medidas essenciais para reduzir as taxas de internações e melhorar a qualidade de vida destes indivíduos. Com esforços conjuntos de instituições de saúde, governos e sociedade civil, é possível enfrentar o Diabetes Mellitus de forma mais eficiente no Brasil.

Palavras-chave: Diabetes Mellitus; Hiperglicemia; Epidemiologia.

PERFIL DA PREVALÊNCIA DA LEISHMANIOSE TEGUMENTAR AMERICANA NO BRASIL E NO RIO GRANDE DO SUL: UM ESTUDO DESCRITIVO E RETROSPECTIVO.

Daniela Vargas de Souza Crusius¹; Amanda Martins Fagundes²; Bárbara Francesca Brandalise Bassani³; Gabriela Furtado de Oliveira⁴; Juliana Barros Rodrigues⁵; Renan Rangel Bonamigo⁶.

¹ Autor Principal: Graduação de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Coautor:

² Graduação de Medicina da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre;

³ Graduação de Medicina da Universidade Luterana do Brasil;

⁴ Graduação de Medicina da Universidade do Vale do Taquari;

⁵ Graduação de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁶ Orientador: Professor titular de dermatologia do Hospital de Clínicas de Porto Alegre.

Contato: Daniela Vargas de Souza Crusius /daniela.vrs@icloud.com

Introdução: A Leishmaniose Tegumentar Americana (LTA) é uma doença infecciosa, não contagiosa, de notificação compulsória, transmitida por protozoários do gênero *Leishmania*, sendo os principais: *Leishmania amazonensis*, *L. guyanensis* e *L. braziliensis*. A infecção provoca úlceras na pele e nas mucosas das vias aéreas superiores, apresentando sintomatologia variável de acordo com o parasita e as condições imunológicas do paciente. O primeiro sinal costuma ser lesões na pele, quase sempre indolores, iniciando com lesões pápulo-nodulares pequenas, erodadas ou ulceradas, com fundo granuloso e eventualmente purulento, bordas delimitadas, elevadas e eritematosas, que aumentam de tamanho e demoram para cicatrizar. Apesar de gerar graves consequências à população acometida (disfuncionalidades, riscos de infecções sobrepostas, riscos associados ao tratamento), essa ainda é considerada uma doença negligenciada, portanto, é de suma importância entendermos a sua prevalência. **Objetivos:** Coletar e estratificar dados sobre o perfil de prevalência da LTA, ocorridos no Brasil e no Estado do Rio Grande do Sul (RS), ao longo dos anos de 2012 a 2022. **Metodologia:** Estudo transversal com abordagem quantitativa, realizado mediante coleta de dados do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS). Foram investigados casos de LTA, nos anos de 2012 a 2022, dentro da categoria “Doenças e Agravos de Notificações” e “Leishmaniose Tegumentar Americana”, segundo as variáveis de faixa etária, sexo, região e cor/raça. **Resultado:** Ao longo do período analisado, ocorreram 204.528 notificações de casos de Leishmaniose Tegumentar Americana no Brasil, sendo que 2012 foi o período mais casos (25.383). Em relação ao sexo, o masculino obteve maior prevalência, com 149.943, enquanto o feminino 54.548. Segundo

a raça, destacou-se a parda (64,67%), seguida de branca (18,88%), preta (8,58%), indígena (3,52%), amarela (0,84%) e 3,48% dos casos com raça ignorada. Crianças de 0-9 anos concentraram 7,10% dos casos, 10-14 anos 6,39%, 15-19 anos 9,84%, 20-39 anos 38,90%, 40-59 anos 25,58%, 60-64 anos 4,02%, 65-69 anos 3%, 70-79 anos 3,62%, 80 anos ou mais 1,47% e em 47 casos a faixa etária desconhecida. Em relação às regiões do País, em primeiro lugar está a região norte (46,08%), seguido da região nordeste (26,32%), centro oeste (14,85%), sudeste (10,94%) e, por fim, o Sul (1,78%). No RS, houve 109 notificações no período, sendo 2022 o ano com maior número de casos (19,26%), com maior número de casos na região metropolitana do Estado (37,61%), seguido da Região Norte (19,26%). No RS, a maior prevalência ocorreu no sexo masculino (69,72%), sendo a raça branca a mais acometida (81,65%). Quanto à faixa etária, os maiores índices ocorreram entre 20-39 anos (37,61%) e entre 40-59 anos (30,27%). **Conclusão:** Através dos resultados desse estudo, buscou-se conhecer a prevalência da LTA no Brasil e no RS. Notou-se, portanto, que há um número expressivo de acometimento ao longo do período analisado, sendo que, comparado ao restante do Brasil, no RS há maior acometimento de pessoas brancas, enquanto no restante do País os mais acometidos são pardos, bem como há uma concordância entre faixa etária e sexo, uma vez que a prevalência foi entre 20-39 anos e sexo masculino. Nessa conjuntura, evidenciou-se a necessidade de medidas preventivas e de diagnóstico precoce para a busca da diminuição dos casos, devido à gravidade da doença em questão, promovendo a ampla conscientização das manifestações clínicas por meio de ações que envolvam a comunidade e profissionais da área da saúde. Ademais, é importante ressaltar que o número de casos pode ser ainda maior do que relatado, uma vez que pode haver casos subdiagnosticados.

Palavras-chave: *Leishmaniose; Prevalência; Brasil.*

ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DAS INTERNAÇÕES POR NEOPLASIA MALIGNA DA BEXIGA NOS ÚLTIMOS 11 ANOS

Gabriela Uberti¹; Victoria de Souza Nogueira²; Luiza Sangalli²; Felipe Sousa Silva²; Gabriela Reinheimer Daiello²; Isadora Saurin Ritterbusch²; João Alberto Barreto Bemfica.³

¹ Autor Principal: Graduação de Medicina da Universidade Luterana do Brasil - Canoas/RS;

² Coautor: Graduação de Medicina da Universidade Luterana do Brasil - Canoas/RS;

³ Orientador: Universidade Luterana do Brasil - Canoas/RS;

Contato: Gabriela Uberti / gabi.uberti@rede.ulbra.br

Introdução: A neoplasia maligna de bexiga (NMB) é a segunda neoplasia maligna que mais afeta o trato geniturinário, sendo quarta mais prevalente no sexo masculino. Fatores genéticos, como alterações no P53, contato com substâncias cancerígenas, com o tabaco aumentam consideravelmente as chances de desenvolver essa neoplasia. A NMB, apresenta grande mortalidade na sociedade, mesmo que ela tenha em geral bom prognóstico, o que mostra a importância de uma análise epidemiologia desta enfermidade para estabelecer melhores diagnósticos e políticas públicas de saúde que forneçam melhores cuidados aos pacientes. **Objetivo:** O presente trabalho tem

como objetivo avaliar o perfil epidemiológico das internações por NMB no Brasil nos últimos 11 anos. **Metodologia:** Foi realizado um estudo transversal descritivo. Os dados utilizados foram obtidos do Sistema de Informações Hospitalares do Sistema Único de Saúde disponíveis para consulta no banco do Departamento de Informática do Ministério da Saúde e da população do censo brasileiro de 2022. Para a análise foi criado um banco de dados específico em planilha eletrônica com a população e o número de internações por NMB nas regiões do Brasil, de acordo com o sexo, cor da pele e faixa etária, do período de janeiro/2012 a dezembro/2022. **Resultados e discussão:** Os dados epidemiológicos relativos ao período de 2012 a 2022 revelaram um total de 179.099 internações decorrentes de NMB no Brasil. Destes, a região Sul apresentou a maior prevalência, com 126,521 casos por 100 mil habitantes, seguida pela região Sudeste com 116,092 casos, Centro Oeste com 51,618 casos, Nordeste com 49,183 e Norte com 17,623 casos. Essa alta prevalência nas regiões Sul e Sudeste pode ter relação com fatores de risco, como o consumo excessivo de tabaco e pelas regiões terem um melhor acesso à saúde, o que faz a doença ser mais diagnosticada. Quanto à distribuição por sexo, observou-se que 70,7% dos óbitos ocorreram em indivíduos do sexo masculino, enquanto 29,3% ocorreram no sexo feminino. Essa discrepância significativa pode ser atribuída a fatores biológicos e comportamentais. Estudos sugerem que a exposição ao tabagismo é mais frequente entre os homens, além do consumo ser em maior quantidade também. Ademais, em relação à faixa etária, constatou-se que a maior prevalência se dá entre 60 e 69 anos, sendo esses 31,9% dos óbitos. Outras parcelas específicas são de 30,1% entre 70 e 80 anos, 15,7% para acima de 80 anos; 15,2% entre 50 e 59 anos e 4,5% entre 40 e 49 anos. Essa elevada prevalência em indivíduos com mais de 60 anos pode ter relação com exposição prolongada a fatores de risco, o que demonstra a necessidade de programas de conscientização e rastreamento. Com relação à etnia, os dados demonstraram que 61,3% dos óbitos concentraram-se em indivíduos classificados como brancos, 33,0% em pardos, 4,6% em pretos, e ainda 1,1% em amarelos. **Conclusão:** Assim, se enfatiza a importância da implementação de campanhas educativas focadas na prevenção, além da necessidade de um maior investimento no diagnóstico precoce e o aperfeiçoamento do acesso aos serviços de saúde, visando reduzir a mortalidade e melhorar a qualidade de vida dos pacientes.

Palavras-chave: Neoplasias da Bexiga; Hospitalização; Epidemiologia.

ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DOS ÓBITOS POR NEOPLASIA MALIGNA DE MAMA NOS ÚLTIMOS 11 ANOS

Gabriela Uberti¹; Vanessa Feistauer²; Lídia Carvalho dos Santos²; Marina Gianisella²; Laura Milena Dressler²; Anna Clara Ries Winck²; Marcelo Marsillac Matias.³

¹ Autor Principal: Graduação de Medicina da Universidade Luterana do Brasil - Canoas/RS;

² Coautor: Graduação de Medicina da Universidade Luterana do Brasil - Canoas/RS;

³ Orientador: Universidade Luterana do Brasil - Canoas/RS;

Contato: Gabriela Uberti / gabi.uberti@rede.ulbra.br

Introdução: A neoplasia maligna de mama (NMM) é caracterizada por alterações celulares originadas no tecido mamário, mais frequentemente no epitélio ductal. Considerado um problema de saúde em nível mundial, é a segunda doença neoplásica mais prevalente no sexo feminino. De etiologia multifatorial, sua gênese é influenciada por fatores genéticos, ambientais, comportamentais e endócrinos. O rastreamento mamográfico é essencial para o diagnóstico precoce da doença, possibilitando a realização de tratamentos menos agressivos e aumentando os índices de cura. Em diversas regiões do país, entretanto, o falho acesso ao atendimento e o longo tempo para o diagnóstico e tratamento efetivos, influenciam diretamente no resultado, cursando com aumento expressivo na taxa de óbitos. Estabelecer o perfil das pacientes que evoluem para óbito permite reconhecer as características que cursam com piores desfechos. Dessa forma, será possível formular estratégias capazes de reduzir ou contornar os efeitos desses fatores, favorecendo a redução de mortes e a otimização dos tratamentos. **Objetivo:** O presente trabalho tem como objetivo analisar o perfil epidemiológico dos óbitos por NMM nos últimos 11 anos. **Metodologia:** Foi realizado um estudo transversal descritivo. Os dados utilizados foram obtidos do Sistema de Informações Hospitalares do Sistema Único de Saúde disponíveis para consulta no banco do Departamento de Informática do Ministério da Saúde e da população do censo brasileiro de 2022. Para a análise foi criado um banco de dados específico em planilha eletrônica com a população e o número de óbitos por NMM nas regiões do Brasil, de acordo com o sexo, cor da pele e faixa etária, do período de Janeiro/2012 a Dezembro/2022. **Resultados e discussão:** Os dados epidemiológicos relativos ao período de 2012 a 2022 revelaram um total de 58.283 óbitos decorrentes de NMM no Brasil. Destes, a região Sudeste apresentou a maior prevalência, com 35,902 casos por 100 mil habitantes, seguida pela região Sul com 31,764 casos, Centro-Oeste com 21,309 casos, Nordeste com 21,104 e Norte com 11,265 casos. Essa alta prevalência nas regiões Sudeste e Sul pode ter relação com fatores comportamentais e ambientais que incluem a ingestão de bebidas alcoólicas, obesidade, inatividade física e exposição à radiação ionizante (INCA, 2022). Quanto à distribuição por sexo, observou-se que 98,8% dos óbitos ocorreram em indivíduos do sexo feminino, enquanto 1,2% ocorreram no sexo masculino. Essa discrepância pode ser devido, não só por fatores biológicos, como também por fatores endócrinos como o estímulo estrogênico (INCA, 2022). Ademais, em relação à faixa etária, constatou-se que a maior prevalência se dá entre 50 e 59 anos, sendo esses 27,2% dos óbitos. Outras parcelas específicas são de 23,3% entre 60 e 69 anos, 18,8% entre 40 e 49 anos, 13,9% entre 70 e 79 anos e 7,9% para acima de 80 anos. Essa elevada prevalência em indivíduos com mais de 50 anos pode ter relação com o acúmulo de exposições ao longo da vida e pelas próprias alterações biológicas que ocorrem com o envelhecimento, o que demonstra a necessidade de programas de conscientização e rastreamento (INCA, 2022). Com relação à etnia, os dados demonstraram que 50,1% dos óbitos concentraram-se em indivíduos classificados como brancos, 40% em pardos, 8,5% em pretos, e ainda 1,4% em amarelos. **Conclusão:** A neoplasia maligna de mama é um dos três tipos de cânceres mais comuns mundialmente, sendo considerado potencialmente curável. Diante disso, se enfatiza a importância da implementação de campanhas educativas focadas na prevenção, além da necessidade de um maior investimento no diagnóstico precoce e o aperfeiçoamento do acesso aos serviços de saúde.

Palavras-chave: Neoplasias da Mama; Óbito; Epidemiologia.

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DA VARICELA, EM CRIANÇAS DE ATÉ 5 ANOS, ENTRE OS ANOS 2015-2021, NO RIO GRANDE DO SUL E SUA RELAÇÃO COM A COBERTURA VACINAL

Eloize Feline Guarnieri¹, Andressa Pricila Portela², Gabriela Fleck Santos², Alice Fernandez de Almeida Previtali², Giovanna Rocha Garcia², Cristiano do Amaral de Leon³

¹ Autor Principal: Graduação em Medicina - Universidade Luterana do Brasil - Ulbra

² Coautor: Graduação em Medicina - Universidade Luterana do Brasil - Ulbra

³ Orientador: Professor - Universidade Luterana do Brasil - Ulbra

Contato: Eloize Feline Guarnieri / guarnierieloze@rede.ulbra.br

Introdução: A varicela, também conhecida como Catapora, é uma doença infecciosa altamente contagiosa, causada pelo vírus Varicela-Zoster. Caracterizada pelo polimorfismo das lesões, que podem ser pápulas, vesículas e crostas, acentuadamente pruriginosas, disseminadas em pele e mucosas, principalmente em crianças entre 1 e 10 anos. Como forma de reduzir esse contágio, em 2013 o Programa Nacional de Imunizações do Brasil incluiu a vacina Tetraviral, de vírus vivo atenuado, responsável pela prevenção de Sarampo, Rubéola, Caxumba e Varicela entre as imunizações contempladas pelo Sistema Único de Saúde, com a primeira dose sendo aplicada aos 15 meses de idade. **Objetivo:** Analisar o perfil epidemiológico da Varicela em crianças de até 5 anos, no Rio Grande do Sul. **Metodologia:** Estudo quantitativo, epidemiológico, desenvolvido a partir de dados secundários do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), relativos à morbimortalidade e imunização da varicela no Rio Grande do Sul (RS) entre 2015 e 2021 em menores de 5 anos. **Resultados:** Ao analisar o perfil epidemiológico da Varicela no RS, no período citado, encontram-se dados de incidência relacionados com raça, sexo, vacinação e até evolução da infecção. No período analisado, foram notificados 5.486 casos em crianças de até 5 anos, no estado. Entre esses casos, está a incidência de 2.096 em 2015, no grupo de crianças estudado, o que corresponde a 37,2% do total de casos no período analisado. Percebe-se uma constante decrescente na incidência dessa infecção, sendo 205 casos em 2021, totalizando uma diminuição de, aproximadamente, 90%. Em relação ao sexo da criança que desenvolveu a doença, percebe-se que em todos os anos citados, a incidência é levemente maior em meninos, sendo responsáveis por 2.989 casos no total dos anos citados, o que corresponde a 54,4%. Entre os casos notificados, 13% dos responsáveis não autodeclararam a cor da criança infectada; 85% daqueles que optaram por autodeclarar a cor eram brancos; 14% eram negros e menos de 1% eram indígenas ou amarelos. Em contraponto com a diminuição do número de casos, se percebe o aumento do número de crianças vacinadas com o Imunobiológico contra a Varicela, na faixa etária citada, sendo 8.605 a quantidade de doses aplicadas em 2015 e, seguindo o crescimento, 185.184 doses aplicadas em 2021, totalizando um aumento de mais de 21 vezes. Em relação à evolução da doença, a grande maioria evolui para cura sem complicações, o que se associa a 2 anos consecutivos sem óbitos por esse agravo notificado. **Conclusão:** A partir da análise dos dados coletados, pode-se observar uma redução dos casos de varicela no estado, além do aumento do número de vacinas aplicadas, ambos com elevação de mais de 90%. Além disso, notou-se maior incidência da doença em crianças do sexo mascu-

lino, e baixa mortalidade. Em conclusão, houve aumento da taxa de vacinação infantil, esses achados podem estar relacionados à redução do número de casos de varicela na população estudada.

Palavras-chave: Varicela, Vacina Antivaricela, Infecção pelo Vírus da Varicela-Zoster

ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DA INCIDÊNCIA DE NEOPLASIA MALIGNA DA PRÓSTATA NOS ÚLTIMOS 10 ANOS NO BRASIL, COM ENFOQUE NA REGIÃO SUL

Aleff Kury Berthier¹; Arthur Moretto Marques²; Eloize Feline Guarnieri²; João Alberto Barreto Bemfica³

¹ Autor Principal: Graduação de Medicina da Universidade Luterana do Brasil - Canoas/RS;

² Co-autor: Graduação de Medicina da Universidade Luterana do Brasil - Canoas/RS;

³ Orientador: Universidade Luterana do Brasil - Canoas/RS

Contato: Aleff Kury Berthier /aleff.berthier@rede.ulbra.br

Introdução: O câncer de próstata, segundo o INCA (Instituto Nacional do Câncer) é o segundo tipo mais frequente de neoplasia maligna que atinge o homem, sendo o maior número de casos derivado do câncer de pele não melanoma. Desta forma, sendo reconhecido como um dos principais problemas de saúde pública no Brasil, dado a sua magnitude no quadro de morbimortalidade masculina. De acordo com o DATASUS (Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde), o estado do Rio Grande do Sul tem o quinto maior número de casos no Brasil desde 2013 a 2022, e possui uma taxa de incidência de 1.124 casos para cada 100.000 habitantes. **Objetivo:** O presente artigo tem como objetivo avaliar o perfil epidemiológico da incidência de neoplasia maligna de próstata nos últimos 10 anos, com enfoque na região sul do Brasil. **Metodologia:** Os dados utilizados foram obtidos do Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS), disponíveis para consulta no banco de dados DATASUS (Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde). Diferentes variáveis foram analisadas, incluindo o número de casos por neoplasia maligna da próstata de diferentes regiões do Brasil, abrangendo o período de janeiro/2013 a dezembro/2022. **Resultados:** Analisando o cenário nacional em relação a neoplasia maligna de próstata entre 2013-2022 a doença teve um total de 316.625 casos diagnosticados neste período no Brasil. Os resultados apresentaram um aumento gradual no número de casos diagnosticados de neoplasia maligna de próstata no Brasil, que partiram de 26.329 em 2013 para 38.755 em 2022, que representa um aumento de 31,5% de diagnósticos da doença. Na região sul do país, foram 4.713 casos diagnosticados em 2013 e 6.208 casos em 2022, um aumento de 31,7% no número de casos da doença nos últimos 10 anos, se mantendo na média nacional. No mesmo intervalo de tempo de 10 anos, foram registrados 52.722 casos na região sul do país, equivalente a 16,65% dos casos gerais. Destes 52.722 casos, o Rio Grande do Sul foi o estado com maior número de casos, com 21.704, seguido do Paraná com 19.778 e Santa Catarina com 11.240. Além disso, as capitais dos respectivos estados, que detém cerca de 12,14% da população da região segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), representaram um total de 21% dos casos totais diagnosticados

na região nos últimos 10 anos, com 11.546. **Conclusão:** Os resultados demonstram que houve um aumento gradual na incidência de neoplasia maligna de próstata nos últimos 10 anos, com um crescimento de diagnósticos de 31,5% em todo o país e de 31,7% na região sul. O destaque para o Rio Grande do Sul, como um dos estados que tem a maior taxa de incidência, ressalta a necessidade de uma atenção especial em relação à doença no estado. O papel das capitais de abrigarem apenas cerca de 12% da população e contribuírem para cerca de 21% nos diagnósticos realça a importância da conscientização urbana e do acesso facilitado a exames.

Palavras-chave: Câncer; Próstata; Epidemiologia.

ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DAS INTERNAÇÕES POR ESQUIZOFRENIA, TRANSTORNOS ESQUIZOTÍPICOS E DELIRIUM NO RIO GRANDE DO SUL NOS ÚLTIMOS 5 ANOS

Eduardo Rockenbach Fidélis¹, Yasmin de França², Vinícius Kayser², Ana Terezinha Konzen², Heitor Vieira Rodrigues², Ana Carolina Gonçalves Castelo², Willian Pegoraro Kus³

¹ Autor Principal: Graduando de Medicina da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre;

² Coautor: Graduando em Medicina da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre;

³ Orientador: Irmandade Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre;

Contato: Eduardo Rockenbach Fidélis /eduardo.fidelis@ufespa.edu.br

Introdução: Nos últimos anos, a saúde mental tem se destacado como uma preocupação crucial no cenário da saúde pública, demandando investigações aprofundadas para compreender as tendências e os padrões das condições psiquiátricas que afetam a população. Nesse contexto, esta pesquisa busca realizar uma análise epidemiológica abrangente das internações por Esquizofrenia, Transtornos Esquizotípicos e Delírium no estado do Rio Grande do Sul ao longo dos últimos cinco anos. Ao elucidar esses padrões, esta pesquisa não apenas ampliará nosso entendimento das dinâmicas de saúde mental na região, mas também oferecerá subsídios para o desenvolvimento de estratégias de intervenção, planejamento de recursos e aprimoramento dos cuidados em saúde mental. O resultado final almeja contribuir para a promoção de uma saúde mental mais eficaz e acessível no estado gaúcho e além. **Objetivos:** Este estudo visa analisar a prevalência e o perfil epidemiológico das internações por transtornos psiquiátricos para auxiliar no diagnóstico e no desfecho dos pacientes afetados. **Metodologia:** Foi realizado um estudo transversal, descritivo, retrospectivo e quantitativo acerca das internações por Esquizofrenia, Transtornos Esquizotípicos e Delírium no Rio Grande do Sul (RS) entre janeiro de 2018 e novembro de 2022. Os dados foram coletados a partir do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde do Brasil (DATASUS) na seção “Sistema de Informações Hospitalares do SUS”, sendo reunidos aqueles que discorriam sobre o caráter do atendimento, a faixa etária, o sexo e a etnia do paciente. As informações foram agrupadas nos 5 anos em questão a partir dos 4 descritores citados e, posteriormente, analisadas perante suas prevalências para se estabelecer um perfil das internações no período. **Resultado:** A análise contempla os anos de 2018 a 2022 que, juntos, totalizaram 28.345 internações. No ano de

2019 ocorreu o maior número de casos (22,21%), seguido por 2018 (21,08%). Internações em caráter de urgência representaram 85,34% do total. A faixa etária mais afetada foi a de 35 a 39 anos (11,8%). Homens foram mais afetados do que mulheres (60,18%) e a etnia caucasiana representou 75,12% das internações. A média de permanência foi de 23,7 dias e a taxa de mortalidade foi de 0,26%. **Conclusão:** Diante da análise abrangente das internações por Esquizofrenia, Transtornos Esquizotípicos e Delírium no RS ao longo dos últimos cinco anos, emerge um quadro complexo e multifacetado das dinâmicas desses transtornos psiquiátricos na região. O aumento progressivo nas internações ao longo dos anos, com o pico observado em 2019, reflete a crescente demanda por atendimento e destaca a importância de intervenções preventivas. A predominância de internações urgentes (85,34%) indica uma necessidade premente de recursos e serviços de saúde mental mais acessíveis e eficazes para lidar com crises imediatas. O perfil demográfico revela que os homens, especialmente na faixa etária de 35 a 39 anos, são mais afetados, sugerindo possíveis fatores de risco específicos. Além disso, a predominância da etnia caucasiana nas internações aponta para a necessidade de abordagens culturalmente sensíveis na prestação de cuidados. A média de permanência relativamente longa (23,7 dias) reforça a complexidade do tratamento desses transtornos, enquanto a baixa taxa de mortalidade (0,26%) pode ser vista como um sinal positivo de eficácia dos cuidados médicos. Em resumo, os resultados orientam políticas de saúde mental mais eficazes e adaptadas à realidade gaúcha. A compreensão das tendências e características das internações é essencial para melhorar a qualidade dos serviços, oferecendo abordagens abrangentes e centradas nas necessidades dos pacientes e da população.

Palavras Chave: epidemiologia; transtornos neuropsiquiátricos; internações.

ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DAS INTERNAÇÕES POR PNEUMONIA EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES NOS ÚLTIMOS 11 ANOS

Eloize Feline Guarnieri¹; Gabriela Uberti²; Carla Cristani²; Joice Krunt²; Luisa Maciel dos Santos²; Vinícius Visioli de Vargas²; Eduardo Walker Zettler.³

¹ Autor Principal: Graduação de Medicina da Universidade Luterana do Brasil - Canoas/RS;

² Coautor: Graduação de Medicina da Universidade Luterana do Brasil - Canoas/RS;

³ Orientador: Universidade Luterana do Brasil - Canoas/RS;

Contato: Eloize Feline Guarnieri /guarnierieloize@rede.ulbra.br

Introdução: A pneumonia é uma infecção aguda do trato respiratório inferior, causada por uma variedade de agentes patogênicos, incluindo bactérias, vírus e fungos, e suas consequências podem ser devastadoras especialmente em crianças, sendo uma das principais causas de morbimortalidade dessa população e, assim, merecendo atenção como prevalente problema de saúde pública pediátrica. A exposição a fatores de risco, como a desnutrição, falta de acesso a serviços de saúde adequados, condições de habitação precárias e baixo nível socioeconômico, podem agravar ainda mais o quadro clínico e a taxa de mortalidade. Portanto, medidas epidemiológicas de monitoramento da população pediátrica atingida são de extrema importância para a construção de estratégias de prevenção a

fim de melhorar os prognósticos. **Objetivo:** O presente trabalho tem como objetivo avaliar o perfil epidemiológico das internações por pneumonia em crianças e adolescentes nos últimos 11 anos. **Metodologia:** Foi realizado um estudo transversal descritivo. Os dados utilizados foram obtidos do Sistema de Informações Hospitalares do Sistema Único de Saúde disponíveis para consulta no banco do Departamento de Informática do Ministério da Saúde e da população do censo brasileiro de 2022. Para a análise foi criado um banco de dados específico em planilha eletrônica com a população e o número de internações por pneumonia em crianças e adolescentes nas regiões do Brasil, de acordo com o sexo, cor da pele e faixa etária, do período de janeiro/2012 a dezembro/2022. **Resultados e discussão:** Entre os anos de 2012 a 2022, foram registradas 2.605.403 internações por pneumonia em crianças e adolescentes de até 19 anos de idade. Destes, a região Norte apresentou a maior prevalência, com 2.069 casos por 100 mil habitantes, seguida pela região Nordeste com 1.383 casos, Centro-Oeste com 1.319 casos, Sul com 1.239 e Sudeste com 997 casos. Essa alta prevalência na região Norte pode ter relação com fatores socioeconômicos como um menor acesso a cuidados de saúde adequados e condições de habitação e nutrição inadequadas. Em relação ao sexo, constatou-se que 54,4% das internações ocorreram em crianças do sexo masculino, enquanto 45,6% do feminino. Esse predomínio acontece devido ao sexo masculino ser considerado um importante fator de risco para essa doença. No que se refere à cor dos pacientes internados, a etnia parda foi a mais prevalente, correspondendo a 39,9% dos casos, 30,7% das internações não possuíam informações disponíveis quanto à cor, 25,6% eram brancos, 1,8% negros, 1,3% indígenas e 0,7% amarelos. Essas discrepâncias podem estar relacionadas a fatores socioeconômicos, acesso a serviços de saúde e desigualdades raciais. Dentro da faixa etária analisada, observou-se que crianças mais acometidas foram de 1 a 4 anos de idade com 46,2% das internações, seguidas pelas menores de 1 ano com 30,7% das internações, posteriormente de 5 a 9 anos com 13,4%, 10 a 14 anos com 5,3% e de 15 a 19 anos com 4,3% das internações por pneumonia. Essa prevalência entre as crianças de 1 a 4 anos possivelmente ocorre devido ao sistema imunológico estar em desenvolvimento, além do fato de frequentar creches e escolas, onde há contato próximo com outras crianças e, conseqüentemente, com determinados germes. **Conclusão:** A implementação de ações preventivas voltadas a atenção em saúde pública direcionada a esta população alvo poderá resultar em uma redução significativa do impacto da pneumonia em crianças, melhorando sua qualidade de vida e promovendo um futuro mais saudável para as próximas gerações.

Palavras-chave: Hospitalização; Epidemiologia; Pneumonia.

APLICAÇÃO DO TESTE DE LOG-RANK: INTERPRETAÇÃO DE CURVAS DE SOBREVIVÊNCIA EM ENSAIOS CLÍNICOS ONCOLÓGICOS FASE III

Mizaéli da Silva Rodrigues¹; Samira Mohamad Bjaige Collins²; Cynthia Rocha Dullius³.

¹ Autor Principal: Graduação de Medicina da Universidade do Vale do Rio dos Sinos;

² Coautor: Graduação de Medicina da Universidade do Vale do Rio dos Sinos;

³ Orientador: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Docente na Universidade do Vale do Rio dos Sinos e Feevale.

Contato: Mizaéli da Silva Rodrigues /mizaelirodrigues@outlook.com

Introdução: em ensaios clínicos de fase III - amplos estudos que comparam desfechos e são utilizados extensamente para comparação de tratamentos na área oncológica - a análise de sobrevida é uma medida essencial em relação à comparação de diferenças estatisticamente significativas na taxa de eventos, como a sobrevida global e a sobrevida livre de progressão. O teste Log-rank é a ferramenta estatística aplicada na comparação da distribuição de tempo até que ocorra um evento em duas ou mais amostras independentes, ou seja, baseia-se na análise do período decorrido desde um momento inicial até a ocorrência de um evento. Sendo assim, os grupos do estudo analisados podem ou não experimentar o evento - à exemplo de recidivas de doença ou óbito - até o final do estudo, tanto por desfecho, quanto por acompanhamento interrompido antes que o evento ocorra. Com isso, o teste de Log-rank é amplamente empregado em ensaios clínicos de fase III na área da oncologia, com finalidade de comparar, principalmente, as taxas de sobrevida livre de progressão e sobrevida global. A partir disso, compreende-se a relevância da aplicação do teste de Log-Rank na epidemiologia, enfatizando sua utilidade para interpretação apropriada na leitura de resultados obtidos. **Objetivo:** abordar fundamentos teóricos do teste de Log-rank, bem como sistematizar suas implicações na análise de dados, com intuito de demonstrar sua aplicação na interpretação e avaliação de ensaios clínicos oncológicos fase III. **Metodologia:** os dados foram obtidos e analisados por meio de uma revisão integrativa, com base em literatura publicada, sob forma de consulta aos artigos disponíveis na base de dados LILACS. Foram utilizados os descritores: "Log-rank" AND "Oncologia" AND "Fase 3" OR "Fase III" AND "Sobrevida". Foram encontrados cinco resultados. A redação foi elaborada com base nos artigos com conteúdo consoante aos descritores referidos. **Resultado:** as curvas de sobrevivência são estimadas, após coleta de dados do estudo, para amostras avaliadas utilizando-se métodos estatísticos, à exemplo do método de Kaplan-Meier, que estabelece a curva de sobrevivência de forma empírica baseada nas informações apresentadas pelo estudo. Tais curvas representam a probabilidade estimada de sobrevivência para cada grupo em diferentes períodos. Após a estimativa das curvas de sobrevivência, o teste de Log-rank, por sua vez, utiliza a diferença observada entre as curvas de sobrevivência esperadas e as curvas observadas e, dessa forma, compara o número de eventos esperados com o número de eventos observados em cada amostra, utilizando-se de uma distribuição estatística de teste qui-quadrado. A interpretação aponta se há ou não significância estatística na comparação de dois ou mais braços do estudo: para p-valor menor ou igual ao nível de significância analisado (geralmente $\alpha = 0,05$), conclui-se que há relevância estatística na diferença das curvas entre os grupos estudados, a hipótese nula é rejeitada e a hipótese alternativa é aceita, ao passo em que, para p-valor maior do que o nível de significância estatística, aceita-se a hipótese nula para o desfecho esperado. Para análise de ensaios clínicos oncológicos fase III, há a possibilidade de aplicação do teste de Log-rank para interpretação de curvas de sobrevida livre de progressão e sobrevida global, bem como outros métodos estatísticos. **Conclusão:** observa-se a necessidade de uma seleção adequada da ferramenta estatística para analisar as curvas de sobrevida em estudos epidemiológicos, com finalidade de interpretar os resultados obtidos de forma confiável e, desse modo, realizar a etapa de tomada de decisão clínica baseada em evidências. A utilização do teste de Log-rank, assim como outros métodos para teste de significância estatística, permite a comparação entre desfechos de ensaios clínicos de fase III, com ampla utilização na área oncológica.

Palavras-chave: Sobrevida; Oncologia; Ensaio Clínico Fase III.

ANÁLISE DO PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DOS PACIENTES INTERNADOS POR INFARTO AGUDO DO MIOCÁRDIO NA REGIÃO SUL DO BRASIL

Gabriel Fiorio Grando¹, Vinícius Kayser², Yasmin de França², Heitor Vieira Rodrigues², Ana Carolina Gonçalves Castelo², Felipe Jorge Marques Carvalho Da Costa², Mariana Angelica Berardi Cioffi³

Autor Principal: Graduando de Medicina da Universidade Luterana do Brasil;
² Coautor: Graduando em Medicina da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre;
³ Orientador: Hospital de Pronto Socorro de Porto Alegre;

Contato: Gabriel Fiorio Grando/ gabrielfiorigrando@hotmail.com

Introdução: O Infarto Agudo do Miocárdio (IAM) é uma das principais causas de mortalidade entre as populações de todo o mundo, mesmo com melhorias na identificação e tratamento dos pacientes¹. No Brasil, o acesso ao atendimento e tratamento em centros especializados, além dos custos das internações hospitalares, equipe médica, medicamentos, fisioterapia, entre outros, demonstram que o IAM representa um problema de saúde pública. Dito isto, o presente trabalho visa detalhar o perfil epidemiológico dos casos de IAM, auxiliando uma melhor administração de recursos e identificação dos pacientes acometidos². **Objetivos:** Este estudo objetiva analisar a epidemiologia das internações hospitalares por IAM na região sul do Brasil, a fim de melhor compreender o perfil dos enfermos. **Metodologia:** O presente estudo é caracterizado como transversal, descritivo, retrospectivo e quantitativo, uma vez que versa sobre os dados das internações hospitalares decorrentes de IAM na região sul do Brasil entre 2020 a 2022. Os dados analisados discorrem sobre o caráter do atendimento, da faixa etária, do sexo, da etnia, da taxa de mortalidade e da média de permanência hospitalar de acordo com o sexo dos pacientes. A informação coletada, a partir dessas 6 variáveis, foi disponibilizada pelo Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde do Brasil (DATASUS), sendo posteriormente analisada a fim de estabelecer uma visão geral acerca das hospitalizações associadas ao IAM nesses 3 anos. **Resultado:** Nos anos de 2020 a 2022, ocorreram 81.921 internações, das quais 37,7% foram no ano de 2022, seguido de 2021 (31,65%) e 2020 (30,7%). Homens foram mais afetados do que mulheres, compondo 69,9% dos casos. A etnia branca foi a mais acometida (80,6%). A faixa etária com maior número de internações foi de 60 a 69 anos com 31,3% do total, seguida de 50 a 59 anos com 24,7% e 70 a 79 anos com 21,4%. A média de permanência dos internos foi de 5,3 dias e a taxa de mortalidade foi de 8,91%. **Conclusão:** Conforme os dados, tornou-se possível traçar um perfil epidemiológico para os casos de IAM na região sul do Brasil de 2020 a 2022. Nessa perspectiva, observou-se a distribuição semelhante de casos entre os anos e o maior acometimento da população branca, além da distribuição desigual entre os sexos, sendo o masculino mais acometido. Ademais, percebeu-se maior incidência da faixa etária a partir de 60 anos. Por fim, apesar de a taxa de mortalidade se manter inferior a 10%, o IAM continua sendo uma relevante emergência clínica com significativos danos à população em geral.

Palavras-chave: epidemiologia; emergência; internações.

INFECÇÃO PELO VÍRUS HIV EM IDOSOS NO RIO GRANDE DO SUL: UM ESTUDO ECOLÓGICO

Alice Wichrestiuik D'Arísbo¹; Vanessa Feistauer²; Pedro Henrique Consorte²; Lisiane Cervieri Mezzomo², Ademar da Silva Mesquita Junior³

¹ Autor Principal: Graduação de Medicina da Universidade Luterana do Brasil - Canoas/RS;

² Co-autor: Graduação de Medicina da Universidade Luterana do Brasil - Canoas/RS;

³ Orientador: Universidade Luterana do Brasil - Canoas/RS

Contato: Alice Wichrestiuik D'Arísbo/alicewdarisbo@rede.ulbra.br

Introdução: O envelhecimento populacional é uma tendência mundial com estimativa de 2 bilhões de pessoas com mais de 60 anos em 2050 (SILVA et al, 2011). Nesse contexto, o expressivo aumento da expectativa de vida reflete no aumento da incidência de doenças, inclusive as infectocontagiosas, entre elas, a AIDS (Nierotka, Ferreti, 2021). O diagnóstico na velhice tem sido subnotificado e feito tardiamente, levando a uma menor adesão ao tratamento por essa população (Nierotka, Ferreti, 2021). Se faz necessário um olhar mais crítico e analítico quanto à vulnerabilidade e à incidência da infecção do HIV na população com mais de 60 anos de forma a oferecer maior segurança e conscientização para essa população bem como o fortalecimento de políticas públicas específicas (AGUIAR et al, 2018). Assim, o objetivo desse estudo é analisar os dados referentes ao aumento dos casos de HIV em idosos no Rio Grande do Sul nas últimas décadas, relacionando com etnia, sexo, sexualidade e escolaridade. **Metodologia:** Trata-se de um estudo epidemiológico, cujas informações foram obtidas através do banco de dados do SINAN (Sistema de Informação de Agravos de Notificação), no período de 2010 a 2022. Foram coletadas informações referentes aos indivíduos com idade superior a 50 anos no Rio Grande do Sul diagnosticados com HIV, com foco na relação entre etnia, sexo, sexualidade e escolaridade. **Resultados:** Durante o período analisado foram notificados 10.837 casos de HIV em pessoas acima de 50 anos no estado do Rio Grande do Sul, sendo 2013 o ano com maior número de pessoas diagnosticadas, com 1.016 casos, enquanto o ano de 2022 teve o menor número de notificações, com 303 casos. Constatou-se que a faixa etária com maior incidência nos últimos anos segue sendo dos 50 aos 64 anos, com maior número de casos em 2014, com 873 casos, e menor número em 2022, com 254. A faixa etária com menores índices são os idosos com mais de 80 anos, com maior incidência em 2016 e 2019 (11 casos) e o menor em 2012 com 1 caso. Dessas, 59,13% são pessoas do sexo masculino e 40,87% correspondem ao sexo feminino. Outro dado analisado foi referente a etnia, a de maior casos notificados foi a de cor branca, com 5.392 casos; a cor preta teve 910 casos; a cor parda teve um total de 753 casos. A etnia com menores dados registrados e notificados foi a indígena, com 16 casos. Em relação à escolaridade, o total de casos declarados pelo SINAN nesse período analisado foi de 5.476 casos, com maior prevalência em indivíduos com a 5ª a 8ª série incompleta com 1.630 casos, seguida de fundamental completo com 821 e, com menor prevalência o ensino superior incompleto com 107 pessoas de ambas os sexos. Por fim, pessoas declaradas heterossexuais tiveram um maior número de notificações com 5.084, seguido de homossexuais com 354, bissexuais com 182 e foram ignorados um total de 5.006 indivíduos. **Discussão e**

conclusão: O aumento da prevalência do HIV entre idosos no Rio Grande do Sul nas últimas décadas é preocupante. Ao observarmos o número de notificações, percebe-se que a taxa de incidência é elevada na faixa etária de 50 a 64 anos, embora tenha ocorrido uma tendência decrescente nos últimos anos. Por outro lado, os maiores de 80 anos foram os menos acometidos, embora ainda existam casos nessa faixa etária. O enfrentamento do estigma requer uma conduta crítica e analítica da suscetibilidade e incidência da infecção pelo HIV em idosos. O acolhimento é essencial na desestigmatização da sexualidade tardia e na melhoria do acesso aos serviços de saúde sexual, com o objetivo de diagnóstico precoce e melhor adesão ao tratamento.

Palavras-chave: Envelhecimento, Aids, Sexualidade, Epidemiologia.

ANÁLISE DO PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DOS PACIENTES INTERNADOS POR INSUFICIÊNCIA CARDÍACA NA REGIÃO SUL DO BRASIL

Gabriel Fiorio Grando¹, Yasmin de França², Vinicius Kayser², Heitor Vieira Rodrigues², Ana Carolina Gonçalves Castelo², Roberta Rahal de Albuquerque³

Autor Principal: Graduando de Medicina da Universidade Luterana do Brasil;

² Coautor: Graduando em Medicina da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre;

³ Coautor: Graduanda em Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Contato: Gabriel Fiorio Grando /gabrielfiorigrando@hotmail.com

Introdução: A Insuficiência Cardíaca (IC) é uma síndrome clínica complexa podendo resultar de qualquer distúrbio cardíaco funcional ou estrutural que prejudique a capacidade do ventrículo de se encher ou ejetar sangue¹. Desse modo, a IC é uma importante causa de procura por atendimento em unidades de urgência e emergência, sendo a identificação dos pacientes essencial para diminuição da morbimortalidade². Assim, o presente trabalho visa elucidar o quadro epidemiológico atual, auxiliando em um melhor identificação dos pacientes e direcionamento de esforços e recursos. **Objetivos:** Este estudo objetiva analisar a epidemiologia das internações hospitalares por IC na região sul do Brasil, a fim de melhor compreender o perfil dos enfermos. **Metodologia:** O presente estudo se caracteriza como transversal, descritivo, retrospectivo e quantitativo acerca das internações hospitalares decorrentes de IC na região sul do Brasil no período de 2020 a 2022. Os dados foram reunidos a partir do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde do Brasil (DATASUS), selecionando aqueles que discorriam sobre o caráter do atendimento, da faixa etária, do sexo, da etnia, da taxa de mortalidade e da média de permanência hospitalar de acordo com o sexo dos pacientes. As informações foram agrupadas nos 3 anos em questão a partir das 6 variáveis mencionadas e analisadas para se estabelecer um perfil das internações no período. **Resultado:** Nos anos de 2020 a 2022, ocorreram 120.100 internações, sendo 35,7% em 2022, 34,4% em 2020 e, por fim, 29,7% em 2021. As internações em caráter de urgência foram maioria (95%) quando comparadas com internações eletivas. Mulheres foram mais acometidas do que homens, representando 50,46% dos casos. Caucásianos foram mais afetados, com 74,8% do total de internações. A

faixa etária dos 70 a 79 anos obteve o maior índice de casos (29%), seguida de 80 anos ou mais (24,8%) e de 60 a 69 anos (24,6%). A média de permanência dos internos foi de 6,5 dias e a taxa de mortalidade foi de 11,03%. **Conclusão:** A partir da análise dos dados públicos disponíveis dos três anos supracitados, percebeu-se que as internações de urgência foram quase totalidade no que tange ao caráter de atendimento. Não houve diferença significativa no acometimento entre os sexos e observou-se maior incidência nas populações caucasiana e idosa acima de 70 anos. Embora a taxa de mortalidade seja inferior a 15%, a IC permanece um alarmante problema de saúde pública, sobretudo por sua prevalência e desfechos altamente incapacitantes, tornando indispensável a mobilidade de recursos para mitigar essa problemática.

Palavras-chave: epidemiologia; insuficiência cardíaca; internações.

PANORAMA EPIDEMIOLÓGICO DAS INTERNAÇÕES PELO MAL DE ALZHEIMER NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL NOS ÚLTIMOS 5 ANOS

Eduardo Rockenbach Fidélis¹, Vinícius Kayser², Isabela Fachinnetto Thoen², Yasmin de França², Theodora Garcia Furtado², Gabriela Pereira Macelaro², Willian Pegoraro Kus³

Autor Principal: Graduando de Medicina da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre;

² Coautor: Graduando em Medicina da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre;

³ Orientador: Irmandade Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre;

Contato: Eduardo Rockenbach Fidélis / eduardo.fidelis@ufcspa.edu.br

Introdução: O Mal de Alzheimer, uma doença neurodegenerativa progressiva e incurável, continua a representar um desafio significativo para a saúde pública em todo o mundo.¹ No Brasil, o envelhecimento da população tem conduzido a um aumento na prevalência de doenças crônicas, entre elas o Alzheimer.¹ O extremo sul brasileiro, com sua população envelhecida e em constante transformação, não está imune a essa tendência. Assim, este artigo busca elucidar o panorama epidemiológico das internações relacionadas ao Mal de Alzheimer no estado do Rio Grande do Sul (RS) ao longo dos últimos 5 anos e compreender se o cenário hodierno se encontra em consonância com a literatura atual. **Objetivos:** Este artigo tem como objetivo principal analisar e apresentar um panorama abrangente das internações relacionadas ao Mal de Alzheimer no estado do Rio Grande do Sul durante o período de 2018 a 2022. **Metodologia:** O presente estudo é caracterizado como transversal, descritivo, retrospectivo e quantitativo, uma vez que versa sobre dados que tratam das internações pela doença de Alzheimer ocorridas no estado brasileiro do Rio Grande do Sul de janeiro de 2018 a novembro de 2022, sendo analisados aqueles que discorriam sobre o caráter do atendimento, a faixa etária, o sexo e a etnia dos pacientes. Os dados foram reunidos em fevereiro de 2023 a partir de informações disponibilizadas pelo Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde do Brasil (DATASUS), na seção “Sistema de Informações Hospitalares do SUS”. **Resultado:** Durante o período compreendido entre os anos de 2018 e 2022, houveram um total de 1.023 internações relacionadas ao Mal de Alzheimer. Entre esses anos, o ano de 2019 se destacou com a maior incidência de casos (22,67%), seguido de perto por 2022

(20,72%). Notavelmente, as internações classificadas como caráter de urgência constituíram a maioria, representando 88,75% do conjunto total de casos. Quanto à distribuição etária, a faixa dos 80 anos ou mais emergiu como a mais afetada, contabilizando 62,07% das internações. Além disso, observou-se uma maior prevalência entre as mulheres, as quais representaram 67,05% do total de casos registrados. No que tange à etnia, os indivíduos caucasianos lideraram o ranking de internações, totalizando 71,26% dos casos. A análise também revelou uma média de permanência hospitalar de 9,7 dias e uma taxa de mortalidade de 20,23%. **Conclusão:** Em síntese, a análise das internações por Mal de Alzheimer no extremo sul do Brasil revela um quadro complexo, com aumento de casos em 2019 e 2022, reforçando a relevância da doença na região. Internações urgentes enfatizam a necessidade de abordagens preventivas e diagnóstico precoce. A concentração de casos entre pacientes acima de 80 anos reflete a interseção entre envelhecimento e doença, em concordância com a literatura. Disparidades de gênero e étnicas sugerem cuidados diferenciados. A duração média das hospitalizações e a taxa de mortalidade indicam demandas específicas de tratamento. Essas conclusões, alinhadas com a literatura atual, têm implicações vitais para políticas de saúde e alocamento de recursos. Compreender padrões epidemiológicos embasa estratégias eficazes e a colaboração entre atores-chave é fundamental para enfrentar os desafios do Alzheimer. Assim, visa-se abordagens mais abrangentes e centradas no paciente, melhorando a qualidade de vida destes e suas famílias.

Palavras-chave: epidemiologia; Alzheimer; internações.

PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES DO PET-SAÚDE GESTÃO E ASSISTÊNCIA 2022/2023 ACERCA DO MONITORAMENTO EPIDEMIOLÓGICO DA COVID-19 NA ESF LÍDIA, SANTA MARIA, RS

Felipe Vicente Ferraz¹; Luiza Tassinari Vianna²; Poliheny Martins da Silva³; Sharon da Silva Martins⁴; Francielle Liz Monteiro⁵.

¹ Autor Principal: Acadêmico do Curso de Medicina da Universidade Franciscana;

² Coautora: Acadêmica do Curso de Medicina da Universidade Franciscana;

³ Coautora: Acadêmica do Curso de Biomedicina da Universidade Franciscana;

⁴ Coautora: Enfermeira pela Universidade Federal de Santa Maria;

⁵ Orientadora: Biomédica pela Universidade Franciscana;

Contato: Felipe Vicente Ferraz / rvferraz88@gmail.com

Introdução: O PET-Saúde Gestão e Assistência 2022-2023 teve como um dos objetivos a gestão da testagem de amostras da COVID-19. Nesse contexto, foram desenvolvidas atividades para integrar o processo de coleta, transporte, armazenamento e testagens das amostras no município de Santa Maria, RS. Ainda, realizar o monitoramento epidemiológico do número de casos, hospitalizações e óbitos no município, juntamente à Vigilância Epidemiológica, e de informações mais detalhadas sobre a dinâmica da infecção em pessoas atendidas pela Estratégia de Saúde da Família (ESF Lídia). **Objetivo:** Relatar a experiência dos estudantes do PET-Saúde (Grupo 5) na busca ativa por usuários da ESF Lídia que tiveram a COVID-19 e realizar uma discussão com base nos resultados dos questionários focada nos sintomas, tratamento, e necessidade ou não de internação. **Metodologia:** As informações dos usuários da ESF Lí-

dia foram obtidas através da aplicação de um questionário com perguntas referentes à dados sociodemográficos, diagnóstico da COVID-19, manifestações clínicas, tratamento e sequelas da Doença, e vacinação. Os questionários foram construídos e aplicados pelos estudantes do PET-Saúde presencialmente na ESF Lídia e em visitas domiciliares nas vilas Lídia e Arco-Íris, juntamente com os agentes comunitários de saúde. Foram aplicados 65 questionários no período de agosto a novembro de 2022. **Relato de experiência e Discussão:** Com base na análise dos resultados obtidos constatou-se que a maioria dos usuários apresentaram três ou mais sintomas em decorrência da COVID-19, sendo a cefaleia, dor no corpo e perda de olfato e/ou paladar as principais manifestações. Além disso, percebeu-se que a grande maioria dos usuários realizou algum tipo de tratamento enquanto estavam com a doença ativa, tendo sido antibióticos a principal classe farmacológica utilizada seguida por analgésicos. Somando-se a isso, a maioria dos usuários não necessitou de internação hospitalar. Cabe ressaltar que, desde o início, a satisfação dos estudantes foi evidente ao perceber que se estava contribuindo diretamente para a coleta de informações relevantes sobre uma doença nova, suas manifestações clínicas e a experiência dos pacientes no contexto das unidades básicas de saúde. Ao longo do processo, teve-se a oportunidade de interagir com uma diversidade de pacientes, ouvindo suas histórias, compreendendo suas vivências diante da pandemia e, principalmente, entendendo e se deparando com inúmeras realidades diferentes. A empatia e a escuta ativa tornaram-se habilidades essenciais para obter respostas esclarecedoras e completas, proporcionando-nos uma maior compreensão das nuances do quadro clínico e das implicações sociais da COVID-19 no contexto do indivíduo. Dessa forma, essa experiência prática foi extremamente relevante para a formação como futuros profissionais da saúde uma vez que vivenciar a realidade dos pacientes da atenção primária bem como suas demandas e desafios do sistema de saúde, reforça a importância de o conhecimento científico estar aliado ao cuidado humanizado. Conclui-se, portanto, a importância deste trabalho a fim de entender melhor como a doença se comportou na população, além da importante conexão entre a população e os estudantes de graduação, os quais serão futuros profissionais da saúde.

Palavras-chave: Saúde Pública. Sistema Único de Saúde. Epidemiologia.

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DA TUBERCULOSE NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL DE 2018 A 2022

Guilherme Augusto Ritter¹; Júlia Fochezatto Panisson²; Andrielle Oliveira de Almeida²; Thiago Crocoli Balbinot²; Râmi Augusto Portolan Lorandi²; Brenda Batista Pedroso²; Viviane Raquel Buffon.³

¹ Autor Principal: Graduação de Medicina da Universidade de Caxias do Sul;

² Coautor: Graduação de Medicina da Universidade de Caxias do Sul;

³ Orientador: Universidade de Caxias do Sul;

Contato: Guilherme Augusto Ritter /garitter@ucs.br

Introdução: A tuberculose (TB) é uma doença infectocontagiosa de evolução crônica, causada pela *Mycobacterium tuberculosis*, e sua forma mais comum de apresentação é a pulmonar.

Em 2020, o Brasil apresentou 70.544 casos novos e, junto com outros 15 países, foi responsável por 93% das notificações no mundo. No viés regional, o Estado do Rio Grande do Sul (RS) se situa também com alta incidência da doença e de coinfeção TB-HIV. Nesse sentido, o Programa Nacional de Controle da Tuberculose é responsável por estabelecer diretrizes, além do tratamento padronizado, e orienta as formas de prevenção. Assim, o entendimento epidemiológico da doença é necessário e possibilita o enfrentamento de barreiras, como o acesso ao diagnóstico, tratamento e determinantes sociais, visando o aprimoramento das políticas públicas de saúde. **Objetivo:** Traçar um perfil epidemiológico de casos e a incidência de tuberculose no estado do Rio Grande do Sul no período entre 2018 e 2022, e como se apresenta na população. **Metodologia:** Trata-se de um estudo epidemiológico descritivo que os dados foram obtidos por consulta ao Sistema de Agravos de Notificação - SINAN, disponibilizado pelo DATASUS. Foram extraídos os casos confirmados de TB entre 2018 a 2022 no RS, e analisados de acordo com os atributos da população acometida, como local, sexo, faixa etária e forma de manifestação. O coeficiente de incidência foi obtido pela razão entre casos confirmados e população residente, sendo multiplicado por 100 mil. **Resultado:** Durante o período de 2018 a 2022, houve 32.547 casos confirmados de tuberculose no RS, figurando uma incidência média de 57,0 ($\pm 3,4$) casos por 100 mil habitantes. Em 2020, houve uma queda dos valores, e voltou a crescer nos anos seguintes. Territorialmente, 20.948 (64,4%) diagnósticos provêm da macrorregião Metropolitana, 3.137 (9,6%) da Sul, 2.181 (6,7%) da Serra, e 6.281 (19,3%) das demais quatro macrorregiões. Nesse sentido, observando o perfil dessa população afetada, destaca-se que 69,8% dos diagnósticos são em homens e 30,2% em mulheres e, também, que a faixa etária mais acometida fica entre 20 e 39 anos, com 14.649 (45,01%) dos casos. Ademais, a maioria (83,2%) teve apresentação pulmonar, já a forma extrapulmonar teve 11,9%, e apenas 4,8% tiveram ambas as formas. **Discussão:** Na perspectiva regional, foi revelado um aumento percentual de 8,71% de casos entre 2021 e 2022, observando-se, assim, o maior crescimento anual do percentil do registro de casos novos desde 2018. Nesse aspecto, visualizando o parâmetro geral de casos no período, o aumento registrado foi de 5,29%, tornando evidente o crescimento geral do quadro infeccioso, indicador que é mantido nos dados nacionais. Ademais, é possível visualizar que em 2020 houve a menor quantidade de casos, momento em que a COVID-19 era protagonista no cenário de saúde. Além disso, o perfil do paciente infectado se mantém homólogo à literatura, sendo os homens, adultos entre 20-39 anos a classe de população vulnerável, as parcelas sociais mais acometidas pela infecção. Também, é possível verificar que a Região Metropolitana, que corresponde a cerca de 38% da população gaúcha, carrega cerca de 64% dos diagnósticos, o que abre espaço para posterior investigação de causalidade levando em conta fatores importantes como densidade demográfica, saneamento, qualidade da atenção primária e comprometimento da própria população com a saúde. **Conclusão:** Houve aumento na incidência de tuberculose no RS nos últimos anos, principalmente em regiões de maior densidade populacional, acometendo majoritariamente uma população de adultos já conhecida de risco, o que destaca a necessidade de políticas públicas direcionadas para o enfrentamento desses determinantes.

Palavras-chave: Tuberculose, Incidência, Rio Grande do Sul.

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE PACIENTES COM TUBERCULOSE MULTIRRESISTENTE NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL NO PERÍODO DE 2012 A 2022

Karoline Baldiati de Souza¹, Aline Speransa Marques², Ana Paula Garcia Reis², Andressa Grizon da Costa², Bárbara Caetano Piuco², Carolina de Oliveira de Farias², Simone De Leon Martini³

¹ Autor Principal: Acadêmica curso de Medicina da Universidade Feevale;

² Coautor: Acadêmica curso de Medicina da Universidade Feevale;

³ Orientador(a): Médica docente da Universidade Feevale;

Contato: Karoline Baldiati de Souza /karoline.baldiati95@gmail.com

Introdução: A Tuberculose (TB) é uma doença infectocontagiosa considerada um problema de saúde pública. Apontada como uma patologia negligenciada, a TB corresponde a um grupo de doenças infectocontagiosas com atributos de endemicidade que afetam principalmente as populações mais vulneráveis. A vacinação, o diagnóstico precoce e o tratamento oportuno são as principais medidas de controle, sendo determinantes no prognóstico e no decréscimo das taxas de mortalidade da infecção. Contudo, o aumento no número de casos de tuberculose multirresistente (TBMR) ocorreu não só pela dificuldade da adesão terapêutica, mas devido a proliferação do uso dos agentes microbianos nas últimas cinco décadas, o que provocou uma pressão seletiva nos microrganismos, incluindo o *M. tuberculosis*. A TBMR é definida como o caso portador de bacilo resistente a pelo menos rifampicina e isoniazida, que são duas das seis drogas antituberculose padronizadas no Brasil. A resistência aos fármacos é uma ameaça aos programas de controle da TB mundialmente, pois os indivíduos infectados com cepas resistentes a múltiplas drogas têm menor probabilidade de alcançar a cura. Logo, para compreender a TBMR no Brasil, é necessário reconhecer quais são as populações de risco visando em um futuro poderemos oferecer um tratamento diretamente observado, favorecendo a adesão e cura destes pacientes. Dessa forma, esta pesquisa busca analisar o perfil epidemiológico no estado do Rio Grande do Sul e assim identificar e avaliar as características dos pacientes diagnosticados, para que, dessa forma, seja possível buscar a melhor maneira de agir com prevenção. **Objetivo:** Analisar o perfil epidemiológico de pacientes com tuberculose multirresistente no estado do Rio Grande do Sul no período de 2012 a 2022. **Metodologia:** Trata-se de um estudo transversal quantitativo obtido através do Sistema de Informações de Agravos de Notificação (SINAN), em que se realizou uma análise descritiva do perfil epidemiológico de pacientes com tuberculose multirresistente levando-se em consideração as variáveis faixa etária, sexo, escolaridade, raça e forma de apresentação da doença, no período de 2012 a 2022. **Resultado:** Foram incluídos no estudo todos pacientes que apresentaram resistência à isoniazida e rifampicina no período de 2012 a 2022. Neste período 340 casos foram registrados em um total de 70.408 notificações de tuberculose, cabe salientar que 51.718 não tinham nenhum registro do tratamento utilizado e 10.776 não foram realizados teste de sensibilidade. Os resultados da caracterização sociodemográfica mostraram que 56,5% dos casos de TB resistente a rifampicina e isoniazida concentrou-se entre indivíduos da faixa etária de 20 a 39 anos de idade; e do sexo masculino, 74% dos casos totais. Quanto à escolaridade, 33,5% possuíam ensino fundamental incompleto. A população que apresentou maior resistência foi a branca, apresentando 200

casos, o que representou 58,8% dos casos totais. Dentre as características clínicas dos indivíduos, a forma pulmonar apresentou o maior número de casos, sendo 318 notificações. **Conclusão do trabalho:** Este estudo revela o perfil epidemiológico de TBMR no Rio Grande do Sul na última década. Apesar de ser inviável a comparação dos resultados obtidos com os dados nacionais, atualmente, há dados avaliados de maneira estadual que nos permitem algumas comparações. O alto índice em adultos jovens do sexo masculino e de baixa escolaridade corroborou com o restante da literatura. No entanto, o maior número de casos na população branca não estava de acordo com os resultados do restante do país, mas estava em consonância com estudo realizado em Santa Catarina. Cabe destacar a limitação do estudo por incompletude de dados e subnotificação, fato evidenciado por tantas notificações sem registro de tratamento. Portanto, ciente da importância da promoção e vigilância em saúde, este perfil dos casos enfatiza a necessidade de busca e diagnóstico precoce de TBMR.

Palavras-chave: Tuberculose, Resistência à Medicamentos, Epidemiologia

TENDÊNCIAS NA QUALIDADE DE SONO DE ACADÊMICOS DE MEDICINA DAS UNIVERSIDADES GAÚCHAS

Eduarda Marques de Brum¹; Amanda Gulate Gomes²; Carlos Henrique Ramires François.³

¹ Autor Principal: Graduação de Medicina da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul;

² Coautor: Graduação de Medicina da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul;

³ Orientador: Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul;

Contato: Eduarda Marques de Brum/eduarda.marquesbrum2000@gmail.com

Introdução: O sono trata-se de um estado fisiológico essencial para manutenção da homeostasia do organismo e sabe-se que os mecanismos de sua regulação sofrem influência de fatores psicossociais como o estresse, interferindo no bem estar biopsicossocial do indivíduo. Através desse viés, surge a necessidade de investigar o impacto da graduação de medicina na qualidade do sono, podendo ser o fator ambiental em questão resultante de distúrbios consideráveis durante a vida acadêmica. **Objetivo:** Questiona-se a qualidade de sono dos estudantes de medicina das universidades gaúchas, a fim de avaliar a influência da rotina da graduação no bem estar dos alunos. **Método:** Realizou-se a aplicação de um formulário com a Escala de Pittsburgh e demais perguntas, visando mensurar a qualidade do sono dos acadêmicos, bem como transtornos que podem ser advindos do fator ambiental cêngruo. O formulário executado na plataforma Google Forms, composto por 15 perguntas objetivas de caráter anônimo, foi disponibilizado via redes de contato aos estudantes do curso de Medicina. Este espaço esteve aberto para receber respostas entre os dias 12 de junho de 2023 e 12 de julho de 2023, totalizando 30 dias corridos. **Resultado:** Foram recebidas 201 respostas de estudantes de Medicina de 17 instituições diferentes do Estado do Rio Grande do Sul. Dentre as principais observações, ressalta-se a avaliação da qualidade geral do sono

resultando na pontuação de 16 pontos, conferindo má qualidade, pela Escala de Pittsburgh, com desvio padrão de ± 3 pontos. Além disso, 34,3% afirmam ter dificuldade em realizar suas atividades diárias pela qualidade do sono e 49,3% afirmam perceber ansiedade desencadeada pela vida acadêmica. **Conclusão do trabalho:** A partir dos resultados apresentados, percebe-se a grande prevalência de ciclo sono-vigília irregular nos acadêmicos, além da má qualidade relatada e comprovada segundo a Escala de Pittsburgh. Dessa forma, é nítida a necessidade de maiores intervenções, buscando promover melhora na qualidade do sono dos indivíduos com o fator ambiental em questão associado.

Palavras-chave: qualidade do sono; estudantes; medicina.

TAXA DE MORTALIDADE POR INFARTO AGUDO DO MIOCÁRDIO POR SEXO SEGUNDO COR/RAÇA

Samira Mohamad Bjaige Collins¹; Mizaéli da Silva Rodrigues²; Marcelo Rava de Campos³

¹ Autor Principal: Graduação de Medicina da Universidade do Vale do Rio dos Sinos;

² Coautor: Graduação de Medicina da Universidade do Vale do Rio dos Sinos;

³ Orientador: Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Contato: Samira Mohamad Bjaige Collins / samira.mbc@gmail.com

Introdução: A mortalidade por Infarto Agudo do Miocárdio (IAM) varia conforme a população, incluindo raça e sexo, sendo IAM, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), uma das principais causas de morte no mundo todo. Sabendo que essa doença está diretamente relacionada com os hábitos de vida populacional, é de extrema importância a análise estatística da mortalidade a partir de uma visualização de sexo e raça do Rio Grande do Sul no Sistema Único de Saúde, no intuito de estabelecer estratégias de saúde eficientes e voltadas para o perfil epidemiológico regional. **Objetivo:** Identificar e estudar a diferença na taxa de mortalidade por IAM, no Estado do Rio Grande do Sul, por sexo segundo a cor/raça da população. **Metodologia:** Estudo ecológico e retrospectivo com dados notificados ao DATASUS na categoria de Morbidade Hospitalar por local de internação - Rio Grande do Sul do ano de 2023 durante o mês de janeiro. As variáveis analisadas foram taxa de mortalidade, capítulo CID-10 (doenças do aparelho circulatório), lista de morb CID-10 (infarto agudo do miocárdio), sexo (feminino e masculino), raça (branca, preta e parda) e período (jan/2023). **Resultados:** Observou-se as taxas de mortalidade na região do Estado do Rio Grande do Sul para IAM por sexo segundo a cor/raça, no sexo masculino 3,56% analisa-se na cor/raça branca 3,50%, preta 4,0%, parda 2,08% e sem informação 15,38%. No sexo feminino 5,38% analisa-se na cor/raça branca 5,68%, na raça preta não possui dados, parda 8,70% e sem informação não possui dados. As diferenças na taxa de mortalidade entre os sexos segundo a cor/raça apresentam-se como taxas maiores no sexo feminino, com 1,82% de diferença, e no sexo feminino observa-se uma prevalência na taxa de mortalidade na cor/raça parda, com 6,62% de diferença. Já no sexo masculino observa-se uma prevalência na taxa de mortalidade na cor/raça preta. Ademais, observa-se a ausência de dados na cor preta no sexo feminino e nos dados de sem informação referente a cor/raça. **Conclusões:** Observa-se que existem diferenças nas taxas de mortalidade de IAM entre os

sexos segundo a cor/raças do estado do Rio Grande do Sul: no sexo feminino, foram observadas taxas mais altas de mortalidade incluindo uma maior prevalência da cor/raça parda, enquanto no sexo masculino podemos observar dados de todas as categorias de cor/raça. Questiona-se, por exemplo, se a discrepância entre a mortalidade de IAM por sexo segundo a cor/raça possui alguma relação com a busca por atendimento e na disponibilidade de serviços de saúde relacionados com fatores socioeconômicos dos indivíduos. Essas diferenças sugerem variações na abordagem dessas doenças entre os sexos e a cor/raça, destacando a importância de considerar fatores regionais e socioeconômicos na gestão de saúde pública do estado.

Palavras-chave: Infarto Agudo do Miocárdio; taxa de mortalidade; cor; raça; sexo.

ÁREA: GINECOLOGIA E OBSTETRÍCIA

ABDOMEN AGUDO HEMORRÁGICO EM GINECOLOGIA: REVISÃO INTEGRATIVA

Felipe Vicente Ferraz¹; Julia Bertagnoli Elesbão²; Cássia dos Santos Wippel³.

¹ Autor Principal: Acadêmico de Medicina da Universidade Franciscana;

² Coautora: Acadêmica de Medicina da Universidade Franciscana;

³ Orientadora: Médica Ginecologista e Obstetra pela Universidade Federal de Santa Maria, Docente na Universidade Franciscana;

Contato: Felipe Vicente Ferraz / rvferraz88@gmail.com

Introdução: O abdome agudo é uma condição clínica caracterizada pela presença de dor abdominal aguda e de início insidioso como principal sintoma, exigindo uma intervenção e tratamento médico imediato, seja clínico ou cirúrgico. Constitui-se de um problema de extrema importância na prática médica devido à sua alta ocorrência, aos desafios e incertezas no processo de diagnóstico, assim como a necessidade de adotar medidas terapêuticas precoces. Dentre os tipos de abdome agudo está o hemorrágico, causado pela presença de sangue em cavidade abdominal apresentando como sintomas: dor intensa e sinais de hipovolemia, tais como hipotensão, taquicardia, palidez e sudorese. **Objetivo:** O objetivo deste trabalho é descrever o abdome agudo hemorrágico em ginecologia bem como elucidar a importância do diagnóstico precoce. **Metodologia:** Foram utilizados como descritores de busca os termos “Acute abdomen”, “Ectopic Pregnancy” e “Gynecology”, aplicando o operador booleano AND na plataforma Pubmed. Os critérios de inclusão foram artigos completos e publicados nos últimos 10 anos. Foram encontrados 58 resultados. A partir deste resultado e de leitura do título e do resumo deles, foram selecionados 24 artigos, excluindo os que não tratavam diretamente do assunto deste trabalho. **Discussão:** A principal etiologia de abdome agudo hemorrágico em ginecologia está associada à gravidez ectópica (GE), também conhecida como gestação ectópica. Dessa forma, faz-se importante ressaltar que, toda mulher em idade fértil que manifesta dor abdominal súbita deve ser submetida à investigação para gravidez. A GE ocorre entre 1-2% das gestações e corresponde a 10-15% das mortes maternas no 1º trimestre. Tem como fatores de risco cirurgias tubárias, GE prévia, uso de dispositivo intrauterino (DIU), tabagismo ativo com carga tabágica acima

de 20 cigarros ao dia e endometriose. Quando forma da cavidade endometrial, o lugar mais frequente são as trompas, representando cerca de 95% dos casos. Contudo, também pode ocorrer nos ovários e na cavidade abdominal. Os sintomas de uma GE rota podem se apresentar como atraso menstrual, dor abdominal intensa, súbita, inicialmente em baixo ventre, que pode irradiar para ombro (Sinal de Lafond), instabilidade hemodinâmica, hipotensão, taquicardia e choque hipovolêmico. Em relação aos exames laboratoriais solicitados, o hCG (gonadotrofina coriônica humana) é geralmente associado a um aumento menor que 66% ou a uma queda não superior a 13% do nível basal do hCG, em 48 horas, devido ao crescimento trofoblástico prejudicado. Essas proporções, associadas a um valor absoluto do hCG maior que 1.500UI/L na ausência de gravidez intrauterina visível, evidenciam uma provável GE. O hCG somente é diagnóstico quando associado ao exame ultrassonográfico. Dessa forma, ao se confirmar o diagnóstico de GE é realizado o tratamento, o qual depende da localização da GE, da evolução do quadro e do estado hemodinâmico da paciente. Como tratamento clínico utiliza-se Metotrexato se: estabilidade hemodinâmica; ausência de sinais clínicos de ruptura tubária; β -hCG menor que 5.000 mUI/mL e sem aumento superior a 60% nas últimas 48 horas; exames laboratoriais normais (hemograma, coagulograma, função hepática e renal). Em relação ao tratamento cirúrgico, de maneira geral, há dois tipos de tratamento: radical (salpingectomia) e conservador (salpingostomia linear). A salpingectomia acarreta a perda da capacidade reprodutiva da paciente e tem como alguma das indicações a recidiva de GE na mesma tuba. A salpingostomia linear mantém a fertilidade feminina, porém há riscos como a recidiva da GE. Além disso, outras causas importantes de abdome agudo hemorrágico em ginecologia de causa não obstétrica são: ruptura de cisto ovariano ou de aneurisma abdominal. **Conclusão:** Portanto, diante do exposto neste trabalho, faz-se a necessidade de realizar um rápido diagnóstico diante de uma paciente com dor abdominal, principalmente em ambiente de emergência a fim de se obter o melhor desfecho clínico para a paciente.

Palavras-chave: Abdome Agudo. Ginecologia. Hemorragia.

ABORDAGEM DE SANGRAMENTO EM MULHERES PÓS MENOPAUSA

Verônica Kasper¹; Márcio Pedroso Saciloto².

¹Acadêmica de Medicina da Universidade Franciscana;

² Médico Ginecologista e Obstetra pela Universidade Federal de Santa Maria, Docente na Universidade Franciscana

Contato: Verônica Kasper/ veerokasper@gmail.com

Introdução: O sangramento pós-menopausa é uma queixa presente em até 5% das consultas ginecológicas. Diferentemente da abordagem de pacientes na menacme, o sangramento pós menopausa deve ser um sinal de alerta principalmente para malignidades. O carcinoma de endométrio (CE) é a quarta neoplasia mais frequente nos Estados Unidos e pode cursar com sangramento pós-menopausa. **Objetivo:** Sintetizar por meio da literatura atual a abordagem de sangramento pós-menopausa. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão de literatura integrativa, utilizando as bases de dados *Scielo*, *Pubmed* e *Uptodate*, sem delimitação de ano de publicação. **Resultados:** A abordagem inicial do sangramento

pós-menopausa ocorre pela investigação de fatores de risco para carcinoma de endométrio. São eles: idade, obesidade, nuliparidade, diabetes, anovulação crônica, uso de tamoxifeno, história familiar de câncer de endométrio, ovário, mama ou cólon e a Síndrome de Lynch e Síndrome de Cowden. Pacientes pós menopausa, na maioria das vezes apresentam sangramento de etiologia benigna. Essa população tem como principais patologias estruturais a serem investigadas: pólipos endometriais, atrofia/hipotrofia vaginal, miomatose uterina, adenomiose e hiperplasia endometrial. O colo uterino também deve ser avaliado como fonte de sangramento. Sinais e sintomas associados ao sangramento podem direcionar o diagnóstico do profissional. Sangramento acompanhado de sintomas como secreta vaginal, dispareunia e sangramento pós coito sugerem atrofia vaginal; Acompanhados de secreção vaginal, prurido e/ou dor pélvica falam a favor de infecções sexualmente transmissíveis, candidíase e doença inflamatória pélvica; Sintomas associados a febre, alterações dos hábitos urinários e intestinais podem direcionar o diagnóstico para doença diverticular e infecções no trato gastrointestinal/genito urinário; Palpação de massas em abdome e/ou pelve devem ser investigados por meio de métodos de imagem. Por fim, deve-se excluir sangramentos de causa medicamentosa como terapia hormonal de reposição e uso de anticoagulantes. Quanto a realização do ultrassom transvaginal (USTV), deverá ser realizado em todas as pacientes com fatores de risco para CE e em pacientes de baixo risco após excluídas ou tratadas as doenças subjacentes sem melhora do sangramento. Nele, avalia-se espessura endometrial e a presença de possíveis alterações uterinas. Em mulheres com espessura endometrial > 5 mm a realização da histeroscopia com biópsia guiada é a primeira escolha. Em caso de biópsia positiva para lesões pré-malignas ou malignas a histerectomia está indicada. Quando a espessura endometrial for < 3mm a indicação é de acompanhamento. Na presença de miomas, a histerectomia deve ser considerada caso o tratamento clínico seja ineficiente. O tratamento farmacológico para sangramento por miomatose inclui métodos hormonais e uso de antifibrinolíticos e anti-inflamatórios não esteroidais (AINES) como métodos não-hormonais. Na adenomiose, o principal tratamento é a histerectomia, com confirmação diagnóstica a partir da análise anatomopatológica da peça anatômica. Atualmente, alguns estudos trazem o tratamento medicamentoso como uma abordagem para a adenomiose – uso de AINES e dispositivo intrauterino liberador de levonogestrel 52 mg. No caso da presença de pólipos em mulheres pós-menopausa o tratamento padrão-ouro é a polipectomia histeroscópica com biópsia. **Conclusão:** A abordagem inicial do profissional diante de um sangramento pós-menopausa deverá ser voltada a identificação de fatores de risco para carcinoma endometrial. A coleta de informações referentes aos sintomas subjacentes ao sangramento bem como a realização do exame ginecológico para avaliação da fonte de sangramento deverá nortear os diagnósticos diferenciais. Em pacientes com fatores de risco para CE ou com sangramento sem causa definida em exame inicial, o USTV é o exame de escolha. Nele, é possível avaliar a espessura endometrial e a presença de alterações uterinas (miomas, pólipos, adenomiose). A identificação das lesões benignas do endométrio melhora a precisão na indicação terapêutica, enquanto o diagnóstico diferencial das neoplasias endometriais, feito logo após a instalação do quadro clínico, interfere diretamente no prognóstico.

Palavras-chaves: Sangramento vaginal; Menopausa; Neoplasias do endométrio.

ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DAS INTERNAÇÕES POR ENDOMETRIOSE NOS ÚLTIMOS 10 ANOS

Flávia Vasconcellos Peixoto¹; Gabriela Uberti²; Júlia Cypriano Tomasiak²; Isadora Queiroz Rezende²; Júlia Fassbinder Vidal²; Lídia Carvalho dos Santos²; Marcelo Marsillac Matias³.

¹ Autor Principal: Graduação de Medicina da Universidade Luterana do Brasil - Canoas/RS;

² Co-autor: Graduação de Medicina da Universidade Luterana do Brasil - Canoas/RS;

³ Orientador: Professor da Universidade Luterana do Brasil - Canoas/RS.

Contato: Flávia Vasconcellos Peixoto/ flaviavasconcellosp@rede.ulbra.br

Introdução: A endometriose pode causar muito sofrimento na vida da mulher quando não tratada e diagnosticada adequadamente. É um distúrbio que acomete cerca de 15% de mulheres em idade reprodutiva, entre estas, 70% desenvolvem dor pélvica crônica resistente e 25 a 50% infertilidade. Como não há correlação entre sintomatologia e grau de doença, para confirmação diagnóstica são aplicados exames de imagem e/ou tratamento empírico, sendo a determinação da prevalência algo mais complexo. Existem consequências variáveis para a situação, as quais se alteram conforme a localização, podendo ser citadas as seguintes: dismenorreia, algia pélvica crônica, infertilidade, dispareunia, alterações intestinais e urinárias cíclicas, diarreia, disúria perimenstrual, polaciúria, urgência miccional e hematuria. A falta de resultados sistematizados sobre a magnitude desta afecção impõe limitações para o planejamento das ações de vigilância e controle epidemiológico. Dessa forma, a caracterização epidemiológica das pacientes portadoras de endometriose pode auxiliar na condução do diagnóstico e tratamento da doença. **Objetivo:** O presente trabalho tem como objetivo analisar o perfil epidemiológico das internações por Endometriose nos últimos 10 anos. **Metodologia:** Os dados utilizados foram obtidos do Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS), disponíveis para consulta no banco de dados DATASUS (Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde). Diferentes variáveis foram analisadas incluindo o número de internações por Endometriose em diferentes regiões do Brasil, por cor e por faixa etária, todas abrangendo o período de janeiro/2012 a dezembro/2022. **Resultados e discussão:** Foram registrados 135.754 casos de internação por endometriose em todo o Brasil no período de 2012 a 2022. De acordo com as regiões do Brasil, 41,6% dos casos ocorreram no Sudeste, totalizando quase metade dos dados coletados. Em relação às outras regiões, o Nordeste se apresenta em segundo lugar com 26,8% dos casos, seguido por Sul, Centro-oeste e Norte, com 18,5%, 7% e 6,1% respectivamente. Apesar da maior proporção de ocorrências no Sudeste, as porcentagens estão de acordo com a proporção populacional de cada região. (IBGE). De acordo com os dados coletados, a faixa etária mais atingida é de 40 a 49 anos, com mais de 45 mil casos; sendo seguido pelo intervalo entre 30 a 39, 50 a 59, 60 a 69, 20 a 29, 70 a 79 e 15 a 19 com valores expressivos. Estes valores estão em desacordo com as proporções populacionais de mulheres brasileiras de acordo com faixa-etária, sendo o intervalo de 20 a 29 anos o mais frequente no país. (IBGE, 2020) Por fim, em relação à cor de pele dos pacientes internados por endometriose, predominam os casos em pacientes de cor branca, com 47,5%; seguido pelos pacientes pardos, com 45,7%. Indivíduos

pretos e amarelos contaram com 4,5% e 2,2% das internações, respectivamente. No Brasil, indivíduos brancos representam 54% da população, seguidos por pardos, pretos, amarelos e indígenas, com as proporções de 39,9%, 5,4%, 0,5% e 0,2%. (IBGE, 2000) Ao relacionar estes dados raciais, percebe-se que pardos sofrem internações por endometriose de forma desproporcional aos contingentes populacionais. **Conclusão:** De acordo com a análise de dados, é possível concluir que as variáveis região, idade e cor demonstram uma possível influência na incidência de internações por endometriose, sendo as mulheres residentes da região Sudeste, faixa etária 40 a 49 anos, brancas e pardas as mais afetadas. Portanto, a partir dos resultados obtidos, se reforça a necessidade de instrução da população perante esta doença que demonstra números expressivos de internação durante os últimos 10 anos, assim como o direcionamento de recursos adequado e de acordo com as necessidades epidemiológicas no Brasil.

Palavras-chave: Endometriose; Hospitalização; Epidemiologia.

ANÁLISE DOS DIAGNÓSTICOS CITOPATOLÓGICOS DE COLO UTERINO EM PACIENTES MENORES DE 25 ANOS: UM ESTUDO DESCRITIVO E RETROSPECTIVO.

Daniela Vargas de Souza Crusius¹; Luiza Hessler²; Rhauani Iara Lourenço Lopes²; Vivian Bilieri de Almeida³; Amanda Nichele⁴; Raquel Muck Terra⁵; Nicole Seger Cunegatti⁶.

¹ Autor Principal: Graduação de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

² Coautor: Graduação de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul;

³ Graduação de Medicina da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul;

⁴ Graduação de Medicina da Universidade do Vale do Rio dos Sinos;

⁵ Graduação de Medicina da Universidade Luterana do Brasil.

⁶ Orientador: Residente de Ginecologia e Obstetria do Hospital Fêmina.

Contato: Daniela Vargas de Souza Crusius/daniela.vrs@icloud.com

Introdução: O câncer de colo uterino é o terceiro tipo de câncer mais frequente na população feminina no Brasil, sendo o primeiro dentre os pélvicos ginecológicos. A infecção persistente pelo papilomavírus humano (HPV), é a infecção sexualmente transmissível viral mais prevalente na população jovem, sendo que sua prevalência em pacientes com câncer de colo uterino é de 99,7%. No País, a média de idade de início da vida sexual é de 14,9 anos, entretanto, o rastreamento citopatológico para patologias de colo uterino, segundo diretrizes do Ministério da Saúde, é recomendado apenas para mulheres a partir de 25 anos que já tenham iniciado atividade sexual, excluindo pacientes potencialmente já contaminadas devido à exposição mais precoce. **Objetivos:** Análise da prevalência de exames citopatológicos positivos para carcinoma epidermóide invasivo, adenocarcinoma invasor, adenocarcinoma in situ, lesão intraepitelial de alto grau, células escamosas atípicas de significado indeterminado (ASC-H), origem indefinida de alto grau, lesão intraepitelial de baixo grau, atípica glandulares indeterminada de alto grau, no contexto geográfico do Brasil, em pacientes do sexo feminino menores que 25 anos. **Metodologia:** Trata-se de um estudo descritivo e analítico, realizado mediante coleta de dados do Departamento de Informática do Sistema Único de

Saúde (DATASUS), sendo investigados laudos citopatológicos positivos para carcinoma epidermóide invasivo, adenocarcinoma invasor, adenocarcinoma in situ, lesão intraepitelial de alto grau, células escamosas atípicas de significado indeterminado (ASC-H), origem indefinida de alto grau, lesão intraepitelial de baixo grau e atípica glandulares indeterminada de alto grau, ao longo de 2013 a 2022, segundo as variáveis de quantidade de diagnósticos por região do País e por faixa etária. **Resultado:** Segundo o DATASUS, no Brasil, durante o período analisado, ocorreram 127.406 casos de laudos citopatológicos positivos para as patologias analisadas, em pessoas do sexo feminino de até 24 anos, sendo que a região Sudeste contou com 40.849 casos, sendo 34 na faixa etária de 0-9 anos, 671 casos entre 10-14 anos, 15.090 entre 15-19 anos e 25.054 casos entre 20-24 anos. A região Nordeste contou com 34.314 exames positivos, destes 31 casos na faixa etária de entre 0-9 anos, 810 entre 10-14 anos, 12.893 entre 15-19 anos e 20.580 entre 20-24 anos. Em seguida, a região Sul teve um número total de 27.289, sendo 14 casos de 0-9 anos, 401 na faixa etária entre 10-14 anos, 9.342 casos entre 15-19 anos e 17.532 casos entre 20-24 anos. Em quarto lugar, a região Centro-Oeste obteve 14.137 casos, dos quais 13 foram entre 0-9 anos, 322 casos entre 10-14 anos, 5.517 entre 15-19 anos e 8.285 entre 20-24 anos. A região Norte teve o menor percentual, com 8,49% do total, sendo 3 casos entre 0-9 anos, 173 entre 10-14, 3.761 entre 15-19 e 6.880 entre 20-24. **Conclusão:** Mediante os resultados deste estudo, buscou-se conhecer a prevalência de alterações nos exames citopatológicos de colo uterino, conforme os dados do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS). Dentre as faixas etárias analisadas, observou-se uma maior prevalência entre 20 e 24 anos na região Sudeste, seguido por expressivos números nas demais regiões do País e idades avaliadas. Os resultados deste estudo sugerem a antecipação da faixa etária de rastreamento de patologias de colo uterino de acordo com início da vida sexual, uma vez que há um número significativo de pacientes que apresentam alterações anatomopatológicas relevantes, mas que, devido ao fato de não terem idade mínima contemplada pelo rastreamento disponibilizado pelo Ministério da Saúde, não têm diagnóstico e tratamento de forma precoce, o que evitaria evolução para formas mais graves da doença.

Palavras-chave: *Colo Uterino; Câncer; Rastreamento.*

O IMPACTO DA TERAPIA HORMONAL NA SAÚDE DAS MULHERES NA MENOPAUSA

Ana Paula Orsolin¹; Ana Clara Bergamo²; Nathan Gabriel Pies²; Marcelo Matias³.

¹ Autor Principal: Graduação de Medicina na Universidade Luterana do Brasil (Canoas/RS);

² Coautor: Graduação de Medicina na Universidade Luterana do Brasil (Canoas/RS);

³ Orientador: Professor da Universidade Luterana do Brasil (Canoas/RS);

Contato: Ana Paula Orsolin/anapaulaorsolin@yahoo.com

Introdução: A fase reprodutiva na vida natural de uma mulher é encerrada com o início da menopausa, estágio de decaimento funcional dos órgãos reprodutivos femininos, como útero e ovários. Os sintomas originados da menopausa podem gerar diferentes incômodos em cada mulher, e, por isso, as técnicas de reposição

hormonal apresentam-se como importantes possibilidades terapêuticas. Apesar dessas terapias hormonais existirem há bastante tempo, muitas mulheres ainda apresentam consideráveis dúvidas sobre os benefícios e indicações, segurança dos fármacos, e riscos oriundos dos possíveis tratamentos. **Objetivo:** O presente estudo objetivou revisar a literatura científica atualmente disponível referente ao impacto da terapia hormonal na saúde das mulheres na menopausa e pós-menopausa. **Metodologia:** Revisão de literatura científica, realizada na base de dados Scielo, entre os anos 2013 e 2022, utilizando os descritores: terapia hormonal, mulheres, menopausa. O critério de inclusão foi artigos que abordam o impacto da terapia hormonal na saúde de mulheres na menopausa e que condizem com o objetivo do estudo. A busca totalizou 12 artigos e, a partir do critério de inclusão, foram selecionados três artigos. **Resultado:** Na busca pela diminuição dos sintomas e efeitos da menopausa, o tratamento hormonal pode ser benéfico e eficaz para quem atingiu o fim da vida reprodutiva, que se caracteriza por envelhecimento ovariano e se baliza pela data da última menstruação, passado um ano sem que tal evento ocorra. Em se tratando de terapia hormonal, é de suma importância falar sobre a reposição hormonal com estrogênio. A terapia de reposição hormonal com estrogênio tem mostrado eficácia no alívio dos sintomas vasomotores, como ondas de calor e suores noturnos, que são comuns durante a menopausa, além de contribuir para uma melhor qualidade de vida, auxiliando em questões como sono e saúde emocional. A terapia de reposição hormonal com estrogênio pode combater a secura vaginal, melhorando a saúde vaginal e a função sexual e também pode ajudar a prevenir a perda de densidade óssea e a osteoporose, ajudando a manter a saúde dos ossos. No entanto, também é importante considerar as potenciais contraindicações, que podem incluir: histórico de câncer de mama, endométrio ou ovário, histórico de coágulos sanguíneos ou doenças tromboembólicas, doenças hepáticas graves, sangramento vaginal não diagnosticado e hipersensibilidade aos componentes da terapia hormonal. Respeitadas as potenciais contraindicações e indicações, em linhas gerais, denota-se que a reposição hormonal não é apenas benéfica, mas deveria ser tratada como consequência e providência lógica em uma sociedade que respeita e cuida da grande parcela de sua população que é representada por mulheres. **Conclusão do trabalho:** Com base em tudo que foi explanado nas diversas etapas de elaboração do presente estudo, entende-se que a intervenção medicamentosa pode ser necessária, devendo ser tratada como problema de saúde pública e necessária de acesso a todos os níveis sociais às mulheres em fases anteriores, durante e após a menopausa.

Palavras-chave: Terapia hormonal; Saúde da mulher; Menopausa.

ÁREA PSIQUIATRIA:

DOENÇAS INFLAMATÓRIAS INTESTINAIS E DEPRESSÃO: O QUE HÁ DE NOVO? UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA.

Maria Clara da Silva Mena Barreto¹; Luísa Barbiero Dutra²; Bárbara Salvati Grellmann³; Carina Rodrigues Boeck⁴.

¹Autor Principal: Graduação de Medicina da Universidade Franciscana;

²Coautor: Graduação de Medicina da Universidade Franciscana;

³Coautor: Graduação de Medicina da Universidade Franciscana;

⁴Orientador: Mestrado em Ciências da Saúde e da Vida, da Universidade Franciscana;

Contato: Maria Clara da Silva Mena Barreto/mariacaramenab@gmail.com

Introdução: o eixo intestino-cérebro compreende um fator bidirecional de sinalização bioquímica entre o trato gastrointestinal (TGI) e o sistema nervoso central (SNC) (TONINI; VAZ; MAZUR, 2020). As influências ambientais na microbiota intestinal afetam a resposta imune do hospedeiro e têm sido associadas ao desenvolvimento das Doenças Inflamatórias Intestinais (DII) e a suas progressões (SCHIRMER et al., 2019). Essas são um complexo de doenças inflamatórias crônicas, associadas a estresse psicológico, disbiose intestinal e imuno-modulação (TAVAKOLI et al., 2021). Com isso, as DII têm sido associadas ao desenvolvimento do Transtorno Depressivo Maior (TDM), com uma pior qualidade de vida dos pacientes portadores (BYRNE et al., 2017). **Objetivo:** neste trabalho, buscamos elucidar a possível ligação entre o desenvolvimento de depressão em pacientes portadores de doenças inflamatórias intestinais. **Metodologia:** trata-se de uma revisão integrativa por levantamento bibliográfico das principais bases de dados, PubMed e Scielo. Os descritores utilizados para a pesquisa dos artigos foram: “inflammatory bowel disease” e “depression” conectados pelo operador “and”, filtro dos últimos 10 anos (2013-2023), nos idiomas português e inglês. Foram encontrados 212 artigos, sendo excluídos aqueles que, pelo título, não envolviam a temática proposta, repetiam nas bases de dados ou abordavam apenas um aspecto, sendo inicialmente escolhidas 8 referências. **Resultado:** a microbiota intestinal de portadores de DII é altamente variável, de acordo com fatores ambientais (alimentação e exposição a patógenos durante a infância). Estudo mostra alterações no número de espécies bacterianas como Bacteroides, Bifidobactéria ou Lactobacilli (SCHIRMER et al., 2019). Todavia, outros trazem que, por se tratar de uma patologia que leva ao estresse crônico de portadores, esta estaria relacionada ao aumento das cepas bacterianas patogênicas, como *Citrobacter rodentium*, *Helicobacter pylori* e *Clostridium spp*, as quais estariam exacerbando a inflamação do TGI (GE et al., 2022). Além disso, genes de resistência a antibióticos foram encontrados em maior número em pacientes com DII, estando correlacionados com a abundância de espécies de *Escherichia* e *Bacteroides* (SCHIRMER et al., 2019). Ainda nesse eixo, a exposição ao estresse crônico, provocado pelas DII, está acompanhada de um aumento na produção de lipopolissacarídeos, além de citocinas pró inflamatórias, como Fator de Necrose Tumoral (TNF- α), Interleucina-1b (IL-1b) e Interleucina-6 (IL-6) (GE et al., 2022). A gravidade das DII também tem sido apontada como fator causal do TDM, uma vez que influencia diretamente a qualidade de vida dos pacientes portadores, a exemplo de estudo com 341 portadores de DII, onde 33,1% apresentaram sintomas de depressão ou ansiedade, os quais ainda necessitavam de altas doses de corticosteroides para controle sintomático da doença (GAO et al., 2021). **Conclusão do trabalho:** até o presente momento, não há comprovação de fatores genéticos ou genômicos que associem diretamente as DII com o surgimento de TDM. Todavia, ao analisar o microbioma dos pacientes portadores, é possível verificar um grande variância na microbiota, predispondo maior caráter inflamatório, e, principalmente, alterações no funcionamento do eixo intestino-cérebro, o que pode estar relacionado ao desenvolvimento do transtorno de humor. São necessárias, com isso,

abordagens multidisciplinares no atendimento de pacientes com DII, a fim de realizar acompanhamento psicológico precoce, a partir do diagnóstico da patologia, visando uma melhor qualidade de vida.

RELAÇÃO ENTRE O USO DE AGROTÓXICOS EM LAVOURAS E A DEPRESSÃO

Bárbara Francesca Brandalise Bassani¹; Andrei Leonardo Schuster² e Paulo Roberto Cardoso Consoni³

¹ Autor Principal: Graduação de Medicina da Universidade Luterana do Brasil; ² Coautor: Graduação de Medicina da Universidade Luterana do Brasil; ³ Orientador: Professor do Curso de Medicina da Universidade Luterana do Brasil.

Contato: Bárbara Francesca Brandalise Bassani/ barbarafrbassani@gmail.com

Introdução: A Depressão é tratada como um transtorno, apresentado por deficiência de monoaminas, sendo o seu diagnóstico clínico, baseado em sintomas como humor deprimido, alterações do sono e pensamentos de morte. **Objetivo:** O presente trabalho tem por objetivo analisar a associação entre depressão e uso de agrotóxicos nas propriedades rurais. **Metodologia:** Foi realizada uma revisão de literatura sobre a relação da depressão e o uso de agrotóxicos no período de 2020-2022, utilizando as bases de dados SciELO. As palavras-chave usadas foram: Depressão; Agrotóxicos, Organofosforados. **Resultados:** Foi observada a ocorrência de maiores casos de depressão pela inibição da enzima acetilcolinesterase devido à intoxicação por Organofosforados (OP), substâncias as quais são usadas como agrotóxico no controle de pragas ocasionando acúmulo de acetilcolina nas terminações nervosas e, por conseguinte, gerando hiperestimulação colinérgica. Também, OP são responsáveis por até 80% das internações por intoxicação com agrotóxicos, sendo que as exposições geralmente ocorrem pelas vias dérmicas e pulmonares. Em um estudo sobre hospitalizações de trabalhadores agrícolas no Estado do Rio de Janeiro, Brasil, os agricultores que viviam em áreas com maiores exposições aos agrotóxicos, apresentaram maior risco de hospitalização por transtornos do humor, inclusive depressão. Outra pesquisa, realizada no sul brasileiro, aponta que indivíduos envolvidos com o cultivo do tabaco e expostos a organofosforados obtiveram algum transtorno psiquiátrico, como, episódios de Depressão Maior e Transtorno de Ansiedade Generalizada. **Conclusão do trabalho:** Os agricultores que trabalham ou trabalharam na zona rural com maior contato com organofosforados apresentaram maior frequência de sintomas depressivos, podendo haver relação com a exposição aos agrotóxicos. Ações preventivas na saúde pública podem contribuir para a melhoria da saúde, sendo elas a fiscalização dos procedimentos na aplicação dos agrotóxicos.

Palavras-chave: Depressão; Agrotóxicos; Organofosforados.

ÁREA PEDIATRIA:

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DA ENCEFALITE VIRAL NO BRASIL NOS ANOS DE 2019 A 2022: EXPLORANDO NÚMEROS DE INTERNAÇÕES E IMPACTO NOS GASTOS HOSPITALARES

Flávia Vasconcellos Peixoto¹; Eduarda Pasini Dein²; Anna Carolina Santos da Silveira²; Júlia Bortolini Roehrig²; Eloize Feline Guarnieri²; Cristiano do Amaral de Leon³.

¹ Autor Principal: Graduação de Medicina da Universidade Luterana do Brasil;

² Coautor: Graduação de Medicina da Universidade Luterana do Brasil;

³ Orientador: Professor da Universidade Luterana do Brasil.

Contato: Flávia Vasconcellos Peixoto/ flaviavasconcellosp@rede.ulbra.br

Introdução: A encefalite viral é uma forma de inflamação cerebral rara que afeta crianças. Suas causas podem variar desde infecções virais, bacterianas e parasitárias até respostas autoimunes, resultando na destruição de células nervosas. Os sintomas vão desde febre até comprometimento neurológico grave. É uma doença subdiagnosticada em fases iniciais, gerando alta morbimortalidade no âmbito infantil e sendo, assim, uma problemática relevante para análise. **Objetivos:** O objetivo do presente estudo é apresentar os principais dados de encefalite viral, com necessidade de internação em crianças de 1 a 9 anos durante o período de 2019 a 2022. **Metodologia:** Realizou-se um estudo epidemiológico de uma série temporal de 2019 a 2022 coletando dados da base do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde. No setor de Morbidade Hospitalar do SUS da plataforma, filtraram-se dados de internações mediante encefalite viral, categorizando as internações por região, faixa-etária, sexo e valores hospitalares. **Resultados e discussão:** De acordo com os dados coletados, a encefalite viral (EV) foi causa de internação de 2.295 indivíduos entre 1 e 9 anos no período de estudo. Destes, 875 casos ocorreram no Nordeste, seguida pelo Sudeste, Sul, Norte e Centro-Oeste, com 598, 353, 292 e 177 internações, respectivamente. Percebe-se a relevância desse levantamento ao observar que, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2012), apenas 31% da população de 1 a 9 anos vive no Nordeste, enquanto o Sudeste conta com a maior proporção populacional (38%), demonstrando a possibilidade de problemática existente no Nordeste que pode estar causando esta assimetria. Pacientes de 1 a 4 anos foram mais acometidos, contando com 1.402 casos, enquanto 893 crianças de 5 a 9 anos foram internadas por EV. Estes valores se mostram relevantes, considerando que IBGE (2010) registrou que a população de 5 a 9 anos é mais volumosa que a população de 0 a 4 anos de idade. Em relação ao sexo, 1.283 meninos foram hospitalizados, enquanto 1.012 meninas o fizeram. No Brasil, de acordo com o último censo, 51% da população de até 9 anos é masculina, enquanto 49% é feminina (IBGE, 2010). As proporções das internações masculinas desta faixa-etária foram de 56% em relação ao sexo oposto, transparecendo uma provável tendência masculina de internação por EV, apesar não tratar-se de uma diferença expressiva. Ao analisar os valores hospitalares de investimento nas internações por EV, R\$ 1.528.418,06 foram direcionados à região Nordeste, enquanto Sudeste, Sul, Norte e Centro-Oeste receberam respectivas quantias de R\$ 1.031.340,73, R\$ 545.263,84, R\$ 409.591,53 e R\$ 250.836,70. Ao analisar a porcentagem da população pelo IBGE (2010) e das internações das faixas-etárias e suas internações por região, é possível afirmar que os investimentos em saúde estão, neste caso, proporcionalmente de acordo com os percentuais de internações por EV. **Conclusão:** É notório que, apesar de rara, há um número significativo de casos de encefalite viral (EV) na faixa etária pediátrica. A análise das faixas etárias evidenciou incidência maior entre crianças de 1 a 4 anos, contrariamente à distribuição populacional, indicando possíveis fatores de risco específicos para essa faixa etária. Além disso, a distribuição geográfica das

internações destacou-se no Nordeste, superando as proporções populacionais, sugerindo a necessidade de investigação mais profunda das causas subjacentes. A análise das alocações financeiras revela alinhamento estratégico entre a distribuição dos recursos e as áreas mais afetadas pela EV pediátrica. Ressalta-se a importância de ações preventivas, como a imunização, que desempenha papel fundamental na redução da incidência de EV, e, consequentemente, reduzir hospitalizações, suas complicações e seus gastos.

Palavras-chave: Encefalite viral; Internação hospitalar; Epidemiologia.

CONTORNOS DA HIPERESTIMULAÇÃO EM PRÉ-TERMINOS ADMITIDOS NA UTI NEONATAL

Nathallie Appel dos Santos¹; Julia Helena Lautert²; Artur Zuco-lotto Keller²; Simone Zeni Strassburger³.

¹ Autor Principal: Graduação de Medicina da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI);

² Coautor: Graduação de Medicina da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI);

³ Orientador: Fisioterapeuta, mestre e doutora em Saúde da Criança. Docente do Curso de Graduação de Medicina da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI).

Contato: Nathallie Appel dos Santos/nathallie.santos@sou.unijui.edu.br

Introdução: É indiscutível que os cuidados nas unidades de terapia intensiva neonatal contribuem significativamente no aumento da sobrevivência, especialmente em nascidos pré-terminos. No entanto, experiências hiperestimulantes são fatores estressantes, que introduzidos de forma precoce, mesmo nesses ambientes de cuidados, podem ter contornos significativos tanto a curto, quanto a longo prazo, nesses recém-nascidos. É proposto que a luz, o ruído, a estimulação tátil, o manuseio e as intervenções de cuidado são estressores ambientais da UTI Neonatal que podem afetar na conservação de energia do prematuro, que seria despendida para promover o crescimento e desenvolvimento neuropsicomotor do bebê prematuro, o que pode implicar em resultados de desenvolvimento desfavoráveis. **Objetivo:** Este trabalho objetiva analisar os efeitos da hiperestimulação despendidos em ambiente de unidade de terapia intensiva neonatal com o fim de que se compreenda a dimensão de seus contornos e, assim, protocolos do ambiente de UTI neonatal sejam rigorosamente respeitados. **Metodologia:** Trata-se de um estudo descritivo elaborado a partir de uma revisão de literatura com o intuito de buscar artigos que tratassem dos contornos da hiperestimulação em bebês pré-terminos admitidos em UTI Neonatal. A base de dados utilizada foi a National Library of Medicine (PUBMED). **Resultado:** Entende-se que há repercussões a curto prazo nos bebês prematuros, a partir da hiperestimulação que podem ter implicações futuras, mas também de alongamento da permanência na UTI Neonatal. Os prematuros em ambiente de UTI Neonatal expostos a fatores estressantes como ampliação sonora e luminosa ou a uma intervenção dolorosa, tem como resultado alterações significativas na saturação de oxigênio, pois sofrem um decréscimo de cerca de 2,5% do valor basal e persistindo em valores abaixo de 90%. Da mesma maneira, a hiperestimulação sonora provoca alterações fisiológicas que colocam o bebê em risco de bradicardia e eventos de hipóxia. Essas alterações elevam o consumo de oxigênio e, portanto, aumentam o gasto energético. Sendo assim, o resultado é que o valor

energético que seria despendido para estimular o crescimento e o desenvolvimento neuropsicomotor, será requerido para estabilizar as alterações fisiológicas. Além disso, os efeitos cumulativos de experiências precoces com fatores estressores têm impacto a longo prazo, no que diz respeito aos resultados do neurodesenvolvimento de pré-termos, pois ativam uma cascata de sinalização de estresse que posteriormente pode afetar o crescimento e a atenção da criança. Ademais, há efeitos a longo prazo da hiperestimulação sonora, como perda auditiva quando o prematuro sofre exposição ininterrupta de ruído acima de 90 dB, mas também dificuldade de linguagem e alterações no desenvolvimento neuropsicomotor, pois há possibilidade de que a bradicardia e a hipóxia, decorrentes da hiperestimulação em pré-termos, podem estar associadas ao diagnóstico de TDAH em pré-escolar, o que implica em como a hiperestimulação afeta o potencial da criança em alcançar a desenvoltura máxima em seu desenvolvimento. Enquanto isso, o contato pele a pele e a amamentação direta atuam de forma oposta, isso porque entende-se que a separação do bebê dos pais é um fator estressor também que provoca essas alterações fisiológicas. Enfim, existem estímulos que podem ser considerados para aliviar o estresse desses recém-nascidos admitidos na UTI neonatal, tais como carícias no bebê e a sucção não nutritiva que pode ser estimulada pelo profissional que estiver manejando a criança, sendo esses gestos relacionados com menor tempo de estadia do bebê na UTI Neonatal. **Conclusão do trabalho:** Como resultado da revisão de literatura, o presente estudo ratifica os contornos negativos da hiperestimulação em ambiente de UTI Neonatal, sobretudo em pré-termos, o que implica na necessidade de se amparar esses estabelecimentos com protocolos rigorosos que determinem o mínimo possível de exposição de prematuros à hiperestímulos e que estímulos que aliviam o estresse sejam implementados.

Palavras-chave: Pré-termo. UTI Neonatal. Hiperestimulação

ÁREA OFTALMOLOGIA:

GLAUCOMA: O DESAFIO DO DIAGNÓSTICO PRECOZE E MEDIDAS PREVENTIVAS EFETIVAS

Simone Muncinelli Julio¹; Neimah Maruf Ahmad Maruf Mahmud²; Caroline da Silva Nemitz², Gabriela Becker Issi², Laura Taicher Correa da Silva², Islam Maruf Ahmad Maruf Mahmud.³

¹ Autor Principal: Graduação de Medicina da Universidade Luterana do Brasil;

² Coautor: Graduação de Medicina da Universidade Luterana do Brasil

³ Orientador: Hospital Banco de Olhos, Fellowship em Retina e Vítreo;

Contato: Simone Muncinelli Julio/ simone.muncinelli@gmail.com

Introdução: O glaucoma causa alterações funcionais irreversíveis no campo visual, como danos estruturais no nervo óptico e diminuição na camada de fibras nervosas da retina, sendo considerada a principal causa de cegueira irreversível mundialmente. Dentre os principais fatores de risco estão a história familiar, afrodescendência, alta miopia, espessura corneana fina, idade acima de 40 anos e aumento da pressão intraocular. O glaucoma nos estágios iniciais apresenta-se assintomático. Assim, a maioria dos pacientes procura atendimento com a doença já instalada. Muitos pacientes acabam sendo diagnosticados em consultas de rotina. Devido às dificuldades de espera dos atendimentos na saúde pública, o diagnóstico, tratamento

e acompanhamento ficam prejudicados, resultando em pior prognóstico. **Objetivo:** Realizar uma revisão narrativa com o plano de incentivar busca ativa pelo possível glaucoma, em vez de depender apenas da descoberta na consulta de rotina, bem como métodos preventivos para o aparecimento da doença. A meta é investigar abordagens inovadoras e acessíveis que possam ser anexadas à prática clínica educativa, a fim de melhorar o prognóstico e prevenir a cegueira associada ao glaucoma. A hipótese a ser apresentada é que a abordagem de protocolos de triagem eficientes, que combinam diferentes técnicas diagnósticas, associadas à informação sobre a doença pode aumentar significativamente as taxas de detecção precoce do glaucoma, mesmo em pacientes assintomáticos. A delimitação do tema abrange o diagnóstico de glaucoma em contextos de consulta de rotina, visando sensibilizar os profissionais da saúde ocular e a população em geral sobre a importância da detecção precoce e o impacto positivo na prevenção da cegueira relacionada a essa doença. **Metodologia:** Este trabalho representa uma revisão narrativa de artigos e publicações em revistas indexadas na base de dados científicos SCIELO e periódicos, entre os anos de 2019 a 2023, utilizando os descritores para a busca: Glaucoma, Diagnóstico precoce, consulta de rotina, correlacionados com “Glaucoma”. Incluindo artigos brasileiros, locais, regionais de língua portuguesa. Foram selecionados 4 artigos para a pesquisa. Como critério de inclusão foi definido que os estudos deveriam tratar de investigações sobre o Glaucoma e o diagnóstico em consultas rotineiras, e excluídos os que tratavam apenas da descrição da doença. **Resultados:** A revisão narrativa explorou métodos satisfatórios para o diagnóstico precoce do glaucoma, com foco na promoção da busca ativa. A conscientização da população quanto aos fatores de risco e sintomas foi identificada como crucial, estimulando avaliações oftalmológicas antes dos sintomas. Técnicas como análise de imagem de fundo de olho e tomografia mostraram-se promissoras e a parceria entre profissionais de saúde e a educação contínua são parte essencial para identificação precoce, reduzindo os efeitos negativos do diagnóstico tardio. Em suma, a busca ativa com a implementação de protocolos de triagem mais eficazes emerge como estratégia essencial para atenuar os efeitos adversos do glaucoma e melhorar a qualidade de vida dos pacientes. **Conclusão do trabalho:** Em razão dos possíveis efeitos devastadores da doença, destaca-se a necessidade de estimular a busca ativa pelo diagnóstico do glaucoma, indo além das consultas de rotina. Através da união entre conscientização, educação contínua e avanços tecnológicos, é possível alinhar esforços em favor da prevenção da cegueira relacionada ao glaucoma, melhorando os resultados clínicos e a saúde ocular da população.

Palavras-Chave: Glaucoma. Diagnóstico precoce. Cegueira.

ÁREA NEUROLOGIA:

ATAXIA DE FRIEDREICH: UM OLHAR INDIVIDUALIZADO

Carmela Quaini Bresolin¹, Felipe dos Santos Moysés²

¹ Autor principal: Graduação de Medicina da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

² Orientador: Doutorado em Ciências Biológicas: Fisiologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Discente da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Contato: Carmela Quaini Bresolin / carmelagb@live.com

Introdução: Nicholaus Friedreich descreveu pela primeira vez sobre a Ataxia como sendo uma “Atrofia degenerativa”. A Ataxia de Friedreich (AF ou FRDA) é uma disfunção neurológica degenerativa progressiva, de herança autossômica recessiva, rara, debilitante, paralisante e irreversível, a qual afeta principalmente o cerebelo, levando a perda progressiva da coordenação motora. As principais manifestações clínicas surgem dentro de 15 anos de idade, dentre elas pode-se destacar cardiopatias, diabetes, surdez e cegueira. Portanto, a seguinte revisão de literatura busca compreender mais sobre a doença, trazendo um olhar individualizado para ela. **Objetivo:** Essa pesquisa, portanto, objetiva enfatizar a presença desta doença no meio acadêmico como área de estudo a ponto de ampliar sua discussão, para melhor compreendê-la, visto que está presente no meio social e ainda é pouco falada ou conhecida no senso comum. **Metodologia:** Não se pretende ser rigoroso de um único conceito, trata-se de uma primeira tentativa investigativa sobre o assunto abordado, não se pretende testar hipóteses diagnósticas para comprová-las e ou refutá-las, a intenção é a compreensão. Dentre disso, foram pesquisadas as seguintes palavras-chave: “ataxia”, “Friedreich: a ataxia”, “diagnóstico”, “tratamento”, “prognóstico”, “marcha-atáxica”. Estas foram pesquisadas principalmente no motor de busca Google Acadêmico, PubMed, UpToDate e SciELO. Dentre estes, foram utilizados livros de referência e publicações listadas nos artigos obtidos, do ano 2000 ao ano de 2022. **Resultados:** A AF ocorre em decorrência da expansão da repetição do trinucleotídeo GAA, cujo gene afetado possui a função de codificar a proteína da frataxina, que está envolvida na metabolização do ferro. A partir de um contexto histórico da palavra “atrofia” desenvolvida pelo Doutor. Nicholaus Friedreich, no ano de 1863, estudou a incoordenação motora em decorrência da degeneração da coluna posterior e a perda neural na coluna de Clarke, a qual se designa como sendo um conjunto de células nervosas no lado interno do corno posterior da medula. Além disso, essa revisão procurou a fisiopatologia desta doença, cuja degeneração da coluna posterior da medula é responsável pela perda de sentidos de vibração e sensorial. Além do seu principal sintoma, a incoordenação motora, disartria, nistagmo, diabetes e intolerância à lactose faz-se presente, bem como o distúrbio mitocondrial, em razão da alteração genética da proteína da frataxina, a qual levará ao acúmulo de ferro mitocondrial. Entre o diagnóstico pode-se destacar ataxia, arreflexia e sinal de Babinski positivo, já os tratamentos passíveis pode-se destacar a terapêutica sintomática na busca por uma melhor qualidade de vida para doente e sua família. Não há cura ainda para essa doença, porém pesquisadores relatam que ativadores de Nrf2 podem oferecer benefícios para essa doença e também para a Doença de Alzheimer. Além disso, outro tratamento que está sendo testado é o uso de eritropoetina, podendo aumentar os níveis intracelulares da frataxina. **Conclusão:** ressalta-se a importância dos conhecimentos clínicos como sintomas, diagnóstico e possíveis tratamentos para essa doença, para que futuros profissionais da saúde consigam perceber o mais cedo possível pacientes com essa patologia, na busca de dar qualidade de vida mesmo com a crescente evolução da doença. Ademais, destaca-se de uma forma mais concisa um olhar individualizado para esse tema delicado e tão importante para o conhecimento médico.

Palavras-chave: Neurodegenerativa, Ferro, Atrofia

O USO DE CANABIDIOL E DELTA-9-TETRA-HIDRO-CANABINOL NA SÍNDROME DE GILLES DE LA TOURETTE: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Bárbara Francesca Brandalise Bassani¹; Andrei Leonardo Schuster² e Paulo Roberto Cardoso Consoni³

¹ Autor Principal: Graduação de Medicina da Universidade Luterana do Brasil; ² Coautor: Graduação de Medicina da Universidade Luterana do Brasil; ³ Orientador: Professor do Curso de Medicina da Universidade Luterana do Brasil.

Contato: Bárbara Francesca Brandalise Bassani/daniela.vrs@icloud.com

Introdução: A síndrome de Gilles de la Tourette (SGT), é um transtorno neuropsiquiátrico com início dos sintomas na infância, apresentando uma combinação variável de tiques motores e vocais, pensamentos obsessivos e compulsões, perturbação de hiperatividade com déficit de atenção e outras comorbidades, como depressão e ansiedade. Este trabalho tem como objetivo apresentar as melhorias que o canabidiol (CBD) e o delta-9-tetra-hidrocanabinol (THC) provocam nos portadores da SGT. **Objetivo:** O presente trabalho tem por objetivo apresentar os benefícios que o canabidiol (CBD) e o delta-9-tetra-hidrocanabinol (THC) provocam nos portadores da SGT. **Metodologia:** Foi realizada uma revisão de literatura no período de 2020-2023 sobre a relação do canabidiol e delta-9-tetra-hidrocanabinol em pacientes com a síndrome de Gilles de la Tourette. Foram utilizadas as bases de dados Research Gate e Scielo. **Resultados:** A síndrome de Gilles de la Tourette é uma doença multifatorial do neurodesenvolvimento, crônica e não degenerativa, podendo ou não ter associação genética, caracterizada por tiques motores e fônicos. Os tiques costumam surgir na infância entre os 4 e os 6 anos de idade e a diminuir gradualmente durante a adolescência e fase adulta, porém não desaparecem. O uso de neurolépticos e anti-hipertensivos pode causar efeitos secundários graves, como: rigidez muscular, depressão, ansiedade, tremores, discinesia tardia. O uso de CBD e THC, substâncias químicas canabinóides encontradas na Cannabis sativa, melhoram a diminuição de movimentos involuntários, tiques, tremores, problemas metabólicos e antidepressivos, além de serem neuroprotetoras, contribuindo para o bem-estar dos casos de SGT, tendo seu efeito terapêutico duradouro. **Conclusão do trabalho:** A síndrome de Gilles de la Tourette compromete o cotidiano do paciente, pelas suas manifestações involuntárias. Assim, o uso CBD e THC além de aliviar tiques, impulsos premonitórios e supressibilidade de tiques contribui para o controle das comorbidades psiquiátricas.

Palavras-Chave: Síndrome de Gilles de la Tourette; Canabidiol Delta-9-tetra-hidrocanabinol; Tiques.